

**Eliane de Souza Almeida**

***Ilusão e realidade em Ivaporunduva: a  
televisão na cultura quilombola. Análise a  
partir da Folkmídia***

**Universidade Metodista de São Paulo**

**Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social**

**São Bernardo do Campo – 2005**

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Eliane de Souza Almeida**

***Ilusão e realidade em Ivaporunduva: a  
televisão na cultura quilombola. Análise a  
partir da Folkmídia***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, nível Mestrado, da Universidade Metodista de São Paulo, para obtenção do título de Mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Joseph M. Luyten e Co-orientação do Prof. Dr. Jacques Vigneron.

**Universidade Metodista de São Paulo**

**Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social**

**São Bernardo do Campo - 2005**

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## Dedicatória

*Dedico este trabalho, forjado com amor e carinho, aos meus ancestrais negros que guiaram meus passos.*

*Ao meu amigo e orientador Joseph M. Luyten, responsável pela descoberta, dentro de mim, da pesquisadora.*

*A meus irmãos quilombolas Oriel Rodrigues, Bico, Zica, Paulão, D. Nizete, D. Maria da Guia, Ditão, Zé Rodrigues e tantos outros.*

*A minha mãe, Lourdes, que cuidou do meu rebento para que a pesquisa pudesse ser realizada.*

*A Isabella, minha filha, a quem responsabilizo por todo meu crescimento.*

*Ao João, meu grande companheiro ...*

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## Epígrafe

### ***Canto dos Palmares***

Solano Trindade/1962

*Eu canto aos Palmares  
Sem inveja de Virgílio de Homero  
E de Camões  
Porque o meu canto  
É o grito de uma raça  
Em plena luta pela Liberdade!*

*Há batidas fortes  
De bombos e atabaques  
Em pleno sol  
Há gemidos nas palmeiras soprados pelos  
ventos  
Há gritos nas selvas  
Invadidas pelos fugitivos...*

*Eu canto aos Palmares  
Odiando opressores  
De todos os povos  
De todas as raças  
De mão fechada  
Contra todas as tiranias!*

*Fecham minha boca  
Mas deixam abertos meus olhos  
Maltratam meu corpo  
Minha consciência se purifica  
Eu fujo das mãos  
Do maldito senhor!*

.....

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## Agradecimentos

Existem momentos em que no meio da caminhada não nos sentimos capazes de completar o percurso. São tantos “quases”, tantos obstáculos, que fica difícil encontrar amparo.

Nessas horas, olhamos para trás e percebemos o quanto caminhamos e o quanto aprendemos. Podemos ver claramente quais foram as mãos estendidas a cada tropeço.

Benditos sejam os colos angelicais que nos conduzem e nos guiam.

Agradeço:

Ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. Joseph M. Luyten, pelo incentivo, pela força e pela lição de vida;

Ao meu co-orientador Prof. Dr. Jacques Vigneron que me amparou no momento em que acreditava que o tombo fosse inevitável e pela O.T.I. (Orientação Terapêutica Intensiva), que lapidou as últimas arestas da pedra bruta;

Às amigas Eliane Mergulhão e Josefina Neves Mello pelo apoio e amizade verdadeira;

Aos colegas da turma do Pós-Com que, sempre que podiam, contribuíam para a pesquisa;

A Capes pelo apoio financeiro, pois sem ele a pesquisa não seria realizada.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

A dissertação “Ilusão e realidade em Ivaporunduva: a televisão na cultura quilombola. Análise a partir da Folkmídia”, elaborada por Eliane de Souza Almeida, foi defendida no dia \_\_\_\_\_ de junho de 2005, tendo sido:

( ) Reprovada

( ) Aprovada, mas deve incorporar nos exemplares definitivos modificações sugeridas pela Banca Examinadora, até 60 dias (sessenta dias) a contar da data da defesa.

( ) Aprovada

Banca Examinadora

\_\_\_\_\_

Prof. Dr. Jacques Vigneron

\_\_\_\_\_

Profa. Dra. Rosa Maria Dales Nava

\_\_\_\_\_

Profa. Dra. Maria Cristina Gobbi

\_\_\_\_\_

Prof. Dr.

\_\_\_\_\_

Profa. Dra.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

## RESUMO

Este estudo de caso visa, a partir de pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica e entrevistas abertas observar como a televisão, enquanto meio de comunicação de massa, transforma ou influencia a cultura de uma comunidade quilombola. O objeto desta análise é a comunidade quilombola de Ivaporunduva, na área rural da cidade de Eldorado Paulista, região do Vale do Ribeira, interior do estado de São Paulo. Seus modos de vida têm sido constantemente ameaçados pela intenção da construção de barragens na cabeceira do rio Ribeira de Iguape, na margem do qual localizam-se diversas comunidades quilombolas, inclusive Ivaporunduva; pela falta de políticas públicas que resguardem verdadeiramente seus direitos, e pela falta de trabalho, o que acarreta na saída dos jovens da comunidade em busca de novos horizontes. A televisão faz parte de um novo universo na realidade quilombola e entra na vida desses homens e mulheres do campo como veículo de entretenimento e porta para um mundo de ilusões e realidades onde buscam encontrar-se e muitas vezes se frustram. A cultura quilombola e suas transformações depois da entrada da televisão em Ivaporunduva serão analisadas a partir da Folkmídia, espaço teórico que analisa a maneira pela qual os meios de comunicação abstraem elementos da cultura popular e vice-versa. É o vice-versa que aqui nos importa.

**Palavras-chave:** folkmídia, folkcomunicação, quilombo, resistência, identidade cultural, televisão.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



## ABSTRACT

This study of case focus, from a field research, biography and opened interviews observe how a television, as a mass communication mean, transform or influence the culture of maroon community. The object of this analysis is the maroon community from Ivaporunduva, in Eldorado Paulista, a country city, in Vale do Ribeira region. Their way of life has been constantly treated by the intention of the barrage construction on the Ribeira do Iguape river's border, in which are several maroons community, and also Ivaporunduva, due to lack of public politics that keep their rights, and also the lack of job, what brings the young out of the community in order to fetch new horizons. T.V. is part of a new universe in the maroon reality and it enters in those men and women's life from the country as a entertainment vehicle and a door to the illusion world and realities where they go for it and many times they get frustrated. The maroon culture and its transformations after television arrived in Ivaporunduva will be analysed from the Folkmidia, a theoretic space that analyses the way in which the communication means get elements from the popular culture and vice-versa. And it is the vice-versa that minds us.

**Key words:** Folkmidia, Folkcommunication, maroon, resistance, cultural identity, television.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
INTRODUÇÃO .....	15
CAPÍTULO 1:	
1. A Folkcomunicação como ferramenta na forja de novos caminhos..	21
1.1. A Lógica da Folkcomunicação .....	24
2. Novos rumos de análise .....	29
3. Cultura Popular e Folclore .....	35
3.1. Cultura Popular de resistência .....	45
3.2. Identidade Cultural: Manutenção e sobrevivência de uma cultura	48
3.3. Liderança da porteira para dentro e da porteira para fora .....	58
3.3.1. Líderes e os meios de comunicação .....	62
3.3.2. Formulação de valores a partir do acesso às informações via mídia massiva .....	64
3.3.2.1. Mecanismos de defesa .....	65
CAPÍTULO 2:	
4. Trajetória da migração afor e processo de conquista .....	68
4.1. Conquista de territórios .....	75
4.2. Fortalecimento da escravidão negra no Brasil .....	84
4.3. A África no Brasil .....	88
4.4. Chegada ao Brasil e tráfico interno .....	92
4.4.1. A escravidão no Vale do Ribeira .....	94
CAPÍTULO 3:	
5. A quilombagem .....	97
5.1. Quilombos atuais .....	99
5.1.1. Identidade e memória .....	105
5.2. Ivaporanduva: várias visões.....	106

5.2.1. Cotidiano .....	113
5.2.2. Sistema de parentesco .....	116
5.2.3. Religião .....	120
5.2.4. Crenças .....	124
5.2.5. Entretenimento .....	126
5.2.6. Trabalho .....	128
5.2.7. Lutas Políticas .....	130
Capítulo 4:	
6. Metodologia e análise de dados .....	132
6.1. A chegada da televisão em Ivaporunduva .....	138
6.1.1. A invisibilidade do negro na televisão .....	144
6.1.2. A criação dos estereótipos .....	151
Considerações Finais .....	157
Anexos .....	160
Bibliografia .....	186

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## Apresentação

O Rio Ribeira nos separa de Ivaporunduva. É em uma canoa feita de tronco de árvore que acontece a travessia. Frio na barriga e um medo terrível de cair naquelas águas onde tantos já morreram. Longe de nós encontrarmos de perto a nação d'água de onde muitos descendem. É que, conta a lenda, existe um povo negro como "tiziú" que "vévi" no fundo do Ribeira.

A capela da Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos construída por escravos há mais de quatrocentos anos, localizada em um ponto bastante visível para quem está na outra margem do Rio, dá à vila um ar bucólico. Sua simplicidade arquitetônica não desfavorece sua importância como marco histórico da comunidade. Dizem os mais velhos que em sua estrutura existe um tesouro escondido. Foram os escravos que esconderam bem escondidinho. Ninguém nunca achou nada. E eles procuraram...

A canoa se aproxima do cais. Para prender a canoa à margem, apenas um bambu fincado na terra batida. Esse mesmo bambu serve de apoio para aqueles que não possuem muita experiência em entradas e saídas de canoas.

Colocamos os pés em Ivaporunduva embaixo de sol quente. É com curiosidade que os quilombolas nos olham. "Bom dia", dizem uns. Outros apenas nos fitam e cochicham. De certo a curiosidade sobre nós, pessoas estranhas, é tão grande quanto aquela que sentimos a respeito deles.

O barqueiro, Sr. José Adair, nos explica que normalmente os visitantes vêm em datas marcadas e a comunidade já está sabendo que eles virão. Não é o

nosso caso. Foi de surpresa que chegamos em Ivaporunduva, comunidade quilombola da cidade de Eldorado Paulista, interior do estado de São Paulo. Estima-se que na região existam em torno de 50 comunidades rurais negras. Essas comunidades estão em luta constante contra a construção de barragens na cabeceira do Rio Ribeira de Iguape o que acarretaria na inundação de todas as comunidades tradicionais que vivem na região. Ficaria tudo submerso. “Vai ficar tudo no fundo”, como dizem eles.

Entramos no “boteco” perto da margem do rio onde tomamos uma bela Tubaina bem gelada. Sr. José Adair, bastante solícito, nos diz que o líder da comunidade, o Ditão, (e acredite, ele é “ão” mesmo), estava no sertão com uns pesquisadores da Unicamp.

A Universidade de Campinas (Unicamp) desenvolve diversos trabalhos em Ivaporunduva a fim de criar técnicas de aproveitamento sustentável dos recursos naturais da comunidade. Estavam capacitando alguns quilombolas no trato com as abelhas para a produção de mel.

Após saciarmos nossa sede, nos sentamos à porta da igreja para nos proteger do sol. O calor aumentando, a fome batendo. Sai do meio do mato um homem negro dentro de uma roupa branca. Calça comprida, camisa de mangas também compridas e um chapéu com uma rede que lhe protegia o rosto. Só se percebia a cor de sua pele sem poder, no entanto, definir-lhe as feições. Era Ditão, o líder da comunidade.

Fomos ao seu encontro. O intuito da visita era pedir permissão para desenvolver uma pesquisa acadêmica sobre a cultura da comunidade. Trabalho de conclusão de curso em Jornalismo onde o desafio maior era encontrar, em

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

meio à cultura daquela comunidade, além de subsídios para um pensamento científico em relação a essa nova realidade que para nós se apresentava, também a busca de um “eu negro”, uma origem, uma busca pelo ontem, nosso ontem. Ontem sofrido, ontem envergonhado, ontem discriminado.

Vimos na feição daquele líder a força que só emana de um grande homem. Grande mesmo. Sua pele negra contrasta com a “indigeneidade” de seus traços. Seus cabelos grisalhos lhe dão ainda mais autoridade. Seus olhos rasgados dão mostra da proximidade do índio na miscigenação local. Homem de poucos sorrisos e poucas palavras espera de nós o motivo pela visita surpresa.

Pedimos a permissão para o desenvolvimento do trabalho. A resposta foi negativa. Havia muita coisa acontecendo na comunidade, organização da Festa da Nossa Senhora do Rosário, reuniões com as faculdades com projetos já em andamento na comunidade. Não seria possível.

Decepcionados, atravessamos o rio de volta. Sr. José Adair com toda a gentileza nos trouxe deliciosos mamões colhidos em seu terreiro. Sempre com um sorriso nos lábios, o barqueiro quilombola nos convida a participar da Festa da Nossa Senhora do Rosário, em 12 de outubro. Eram meados de agosto (2001). Ele nos explica que essa é a grande festa quilombola onde há missa, procissão, forró a noite toda e bingo. Diz-nos também que é um momento onde pessoas das mais diversas comunidades se reúnem. Oportunidade ímpar.

Foi com a certeza de que voltaríamos que deixamos Ivaporunduva. Um gostinho de quero mais na boca. Tivemos a sensação de que havíamos conversado com Zumbi em um dos mocambos de Palmares. Em seu reino, pleno

na certeza de seu papel de liderança, Ditão fica para trás. Dentro de nós a fé no gigantismo daquele homem negro que tanto nos impressionou.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## Introdução

Não abrimos mão de tema tão encantador (pelo menos para nós) como o é o estudo da cultura quilombola e a influência que os meios de comunicação têm em sua dinâmica (em especial a televisão), nem tão pouco da vontade de conhecer melhor aquela comunidade que tão fortemente nos remeteu ao nosso líder negro Zumbi dos Palmares. Para a maioria das pessoas quando se fala de comunidades quilombolas, por associação, são remetidos a Palmares. Quando do primeiro contato com o assunto, a surpresa pela existência de comunidades rurais negras, descendentes diretas de negros escravos, alforriados, fugitivos, desertores, etc, é imensa.

Aliás, um grande problema da educação no Brasil se dá pela falta de informações relacionadas à cultura africana e afro-brasileira para que possamos entender melhor nossa realidade social. Conta-se a história que é oficial e suprimise o fato.

As comunidades rurais negras, também chamadas comunidades remanescentes de quilombos ou terra de negros, têm sua origem na habitação de terras por negros que são originadas de doações de antigos senhores, de fazendas abandonadas com escravos, de terras da Igreja, e, com o decreto da abolição, terras doadas a ex-escravos, etc. Já quilombos eram, tradicionalmente, agrupamentos formados por escravos fugidos, em locais isolados e de difícil acesso (CARRIL, 1997, p. 10).



Essas comunidades passaram a ter maior visibilidade quando, em 1988, portanto, Centenário da Abolição, foi promulgada, pelo então Senador Abdias do Nascimento, a lei que garantia a essas comunidades rurais o direito de propriedade das terras onde, há séculos, vivem. Está expresso no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.<sup>1</sup>

Munidos de tais informações passamos a estudar outra comunidade quilombola do Vale do Ribeira, Sapatu. Essa comunidade fica na margem direita do Rio Ribeira de Iguape, há quinze quilômetros de Ivaporunduva. Foi a partir da vivência adquirida com a população de Sapatu que vimos a porta ser aberta em Ivaporunduva.

Chega o dia da grande festa, a de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, e Sapatu está em polvorosa. As meninas preocupadas com a roupa, os rapazes ensaiando os passos para o grande forró e os mais velhos preocupados em não perder o único ônibus que passa na estrada que corta em dois a comunidade para não chegar atrasados à missa. Sapatu fica, de um lado à beira da estrada que liga Eldorado à cidade de Iporanga, e de outro bem à margem do rio.

---

<sup>1</sup> Relatório Técnico Científico sobre os Remanescentes da Comunidade de Quilombo de Ivaporunduva, no Vale do Ribeira/ São Paulo, ITESP, s/d, p. 5.

Chegar a Ivaporunduva com outros quilombolas é tornar-se um quilombola. Os olhares já são menos desconfiados, as portas são abertas com maior facilidade. Por sorte, o pai quilombola que nos abrigou e nos apontou o caminho para entrar no seio da comunidade é tio de outro líder. Sr Aquilino, de Sapatu, é tio de José Rodrigues, o líder político de Ivaporunduva.

Estávamos em casa. Com o olhar de pesquisadores inseridos na sociedade quilombola todo o ritual de devoção à santa foi observado. O cuidado com que foram feitos os preparativos para a festa a fim de não faltar nada aos visitantes das outras comunidades e aos de fora, o respeito por Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos durante a procissão com direito a bronca quando o sino é tocado de maneira errada.

Tostão, o responsável pela liturgia católica na comunidade, briga com o rapaz que toca o sino. “Que absurdo. Esse toque é de enterro!”, grita ele indignado e sobe à torre da igreja para ensinar o toque certo.

No rosto das pessoas que enquanto caminham e cantam as músicas em homenagem aos santos (São Benedito e Nossa Senhora Aparecida também participam da festa), vê-se o quanto a fé nesses santos católicos traduz a vida dos moradores da comunidade. Oriel Rodrigues, estudante de Direito e militante das questões quilombolas, nos diz que o catolicismo é a religião que comanda a vida das pessoas de Ivaporunduva.

*“Os escravos foram obrigados a aceitar a Igreja Católica porque quem não era católico não era gente”.*

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Percebendo toda essa riqueza cultural em que os rituais estão tão bem inseridos na dinâmica da vida dessas pessoas é que foi possível nivelar os fatos observados à teoria que Luiz Beltrão chamou de Folkcomunicação.

Os estudos que se dedicaram à análise da influência dos meios de comunicação de massa nas culturas erudita e popular nasceram no final do século XIX com Marx, Engels, entre outros. No século XX, embasados nos trabalhos destes pensadores, outros passaram analisar a mídia. Surge a escola de Frankfurt, na Alemanha, onde seus pensadores criam as expressões, que também são adjetivos, cultura de massa e indústria cultural.

A partir daí surgiram novos meios de comunicação e as preocupações com a influência da mídia perpassam pelas mais diversas áreas: Psicologia, Sociologia, Antropologia, Filosofia entre outras.

Na década de 1950 Birmingham, Inglaterra, vira palco da mais nova linha de pesquisa. São os chamados Estudos Culturais que se preocupam com a influência da mídia na camada mais popular da sociedade.

Quase que simultaneamente, na América Latina, com base nos antigos pensadores e de olho na escola dos Estudos Culturais nasce o Pensamento Latino-Americano de Comunicação. A escola Latino-Americana e a de Birmingham caminham juntas na preocupação com as camadas populares da população, Birmingham inicia seus trabalhos sobre o movimento feminista e a Latina sobre a realidade das classes subalternas e a realidade cultural dos países latinos.

No bojo do desenvolvimento do pensamento em comunicação, Luiz Beltrão, jornalista, brasileiro, também se preocupa com o que chama de “população

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

marginalizada” e desenvolve, no Brasil, a Folkcomunicação, c comunicação feita pelo povo e para o povo.

Deixada durante muito tempo nas estantes, no final do século XX, a Folkcomunicação passa a fazer parte das preocupações dos pesquisadores. A comunicação da camada popular, suas manifestações culturais passam a fazer parte da agenda dos comunicólogos.

Porém, em 2002, Joseph M. Luyten, doutor em Comunicação e especialista em Literatura de Cordel, a partir do caminho traçado por Beltrão e pelas pistas deixadas para futuras pesquisas, verifica a existência de uma nova área de pesquisa. Essa área se dedicaria a análise das formas com que os meios de comunicação de massa absorvem elementos da cultura popular e como a cultura popular absorve os elementos da cultura massiva.

Este estudo de caso lança mão de entrevistas abertas que tem por finalidade colher o máximo de informações, valorizando a tradição oral, em todos os níveis da comunidade. As entrevistas foram realizadas com os líderes da comunidade, com os mais velhos e com adolescentes, tudo no intuito de verificar a visão de cada faixa etária no que tange à televisão.

A pesquisa bibliográfica sobre as comunidades remanescentes de quilombos, sobre antigos quilombos, história da escravidão na África e no Brasil e ainda livros sobre cinema e telenovela, faz parte do cabedal de informações aqui utilizadas e ajudam nas análises.

A observação direta das manifestações culturais e participação nos eventos ajudou na compreensão desse universo quilombola.

O trabalho está dividido em 4 capítulos. O primeiro capítulo se dedica ao referencial teórico embasado no trabalho de Luiz Beltrão em que se explica a teoria da Folkcomunicação. A Folkmídia enquanto espaço teórico desenvolvido por Joseph M. Luyten que será o instrumento para a análise dos dados. Os conceitos de cultura e identidade também serão abordados nesse capítulo à luz da realidade quilombola.

No segundo capítulo, explanaremos sobre a escravidão na África e suas dinâmicas, trajetória da migração africana e escravidão no Brasil.

O terceiro capítulo, parte para o mundo quilombola propriamente dito. Definição do vocábulo quilombo no sentido colonial e no sentido atual. A dinâmica da ocupação das terras dos quilombos, cultura e raízes.

Por fim, o capítulo que se dedica à metodologia utilizada na pesquisa e análise dos dados.

Diferente do que se imagina, a televisão não foi capaz, ainda, de transformar a cultura quilombola. Existem mecanismos de defesa bastante eficazes que protegem os mais desavisados. O filtro é bastante espesso, por mais que mudanças existam, porque já dizia Edson Carneiro, o folclore (aqui prefiro, cultura popular) não é estático, ele se transforma.

## Capítulo 1

### 1. A Folkcomunicação como ferramenta na forja de novos caminhos

A Folkcomunicação abriu no espaço acadêmico a discussão sobre a utilização do folclore na comunicação de camada da população iletrada. Foi um nordestino quem abriu essa picada e colocou à mostra toda a criatividade que é peculiar do povo.

Luiz Beltrão, jornalista por profissão, pesquisador por vocação. Nascido em 8 de agosto de 1918, em Olinda, Pernambuco, desde sempre se viu envolto com as manifestações da cultura popular existentes em sua cidade. De família católica fervorosa, seu maior sonho era ser padre. Sua maior diversão, enquanto criança, era a construção de altares onde brincava horas a fio.

Na adolescência entrou para o Seminário, mas logo percebeu que os muros da instituição lhe fechavam num mundo que não o satisfazia. Foi através da fala de um de seus professores, o Padre João Porto Carrero Costa, diretor do convento. Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, ministrava no seminário a disciplina de Psicologia. Seu primeiro ensinamento foi o de que as pessoas não eram iguais e estavam em eterna mutação.

Saiu do seminário e conheceu o jornalismo como profissão. Em suas andanças como jornalista e em terreno tão fértil em manifestações de cultura

popular, não podia deixar de perceber as nuances comunicacionais que existiam nessa camada menos abastada da sociedade.

Enquanto profissional, sentia necessidade da criação de um curso que profissionalizasse os interessados a ingressar na carreira jornalística. Neste intuito passou a ministrar cursos e acabou sendo reconhecido internacionalmente. Após liderar uma longa campanha a favor da criação do curso superior de jornalismo através de jornais, o Padre Aloysio Mosca de Carvalho, sacerdote jesuíta, poeta e ensaísta, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manoel da Nóbrega e reitor da Universidade Católica de Pernambuco adere à proposta de Luiz Beltrão e o convida a instalar nessa instituição, o curso de Jornalismo que teria início no ano seguinte.

Essa proximidade com o meio acadêmico fê-lo ficar com os sentidos cada vez mais aguçados para o que acontecia nas camadas mais populares da população. Em suas idas e vindas como repórter, Beltrão tomou contato com a realidade de um mundo que ainda não compartilhara. Chegou próximo às camadas mais populares, vivenciou seu cotidiano, muitas vezes retratando-o nas páginas dos jornais. Mais tarde vai à China e se impressiona com a preservação do folclore daquela cultura comunista de Mao Tse Tung. Beltrão passou a questionar-se: como o indivíduo analfabeto podia informar-se se não tinha acesso aos meios de comunicação? Como poderia ele intercambiar opinião? E ele encontrou as respostas que procurava:

Daí me lembrei dos meus companheiros gráficos, me lembrei de um que era presidente do Lenhador do Recife, clube de frevo, me lembrei da história de

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Lampião, de Antônio Silvino e de todos os bandoleiros de Pernambuco, eu tinha contado com os coronéis, eu vi por outro lado as multinacionais substituindo os coronéis com a mesma voracidade com que os usineiros substituíram os senhores de engenho na indústria do açúcar. Aí eu comecei a reconsiderar tudo isso e comecei a apanhar esses dados. Eu ainda estava impressionado com a informação puramente. Aí eu chamei de Folkcomunicação jornalística (BELTRÃO Op. Cit. *apud* Tarsitano, 1996, p. 176-177).

### Nas palavras de Luiz Beltrão, Folkcomunicação é

Por sua natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal, já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa (BELTRÃO, 1980, p. 28).

Seu artigo inaugural foi desenvolvido com a ajuda de seus alunos do curso de jornalismo e dizia respeito aos ex-votos<sup>2</sup>. Beltrão percebeu que através dos ex-votos poderiam ser observados os maiores problemas de uma região. Seu artigo foi fortemente elogiado pelo folclorista Câmara Cascudo que, ao ter acesso ao trabalho de Beltrão através da revista publicada pelo ICINFORM, enviou-lhe uma

<sup>2</sup> Ex-votos são objetos oferecidos aos santos em pagamento de graças alcançadas. São muito encontrados em igrejas, cemitérios, santuários. Nas palavras de Beltrão: “O ex-voto é linguagem específica do povo. Ele se manifesta por meio de quadros, imagens, fotografias, desenhos, fitas, peças de roupa, utensílios domésticos, mechas de cabelo, etc., que se oferece ou se expõe nas capelas, igrejas, salas de milagre ou cruzeiros, em ação de graças por um favor alcançado do céu”. (Luiz Beltrão. O Ex-voto como veículo jornalístico, In: Comunicação & Problemas, vol. 1, n.º 1, Recife, ICINFORM, 1965, p. 9-15 *apud* Beltrão, 2004, p. 118).



carta onde o estimulava a continuar suas pesquisas e o parabenizava pela perspicácia.

A partir daí, Beltrão passou a desenvolver diversas pesquisas empíricas para mostrar os diversos níveis da Folkcomunicação oferecendo, inclusive, indicações de áreas de atuação da pesquisa<sup>3</sup>. Dois anos de pesquisa deram ao cientista a estrutura necessária para que pudesse desenvolver seu trabalho em forma de tese de doutorado. Luiz Beltrão foi o primeiro Doutor em Comunicação do Brasil.

De acordo com José Marques de Melo, um de seus discípulos e propagador da obra de seu mestre, diz que Luiz Beltrão antecipou observações empíricas que embasariam a teoria das “mediações culturais”, o cerne da contribuição de Jesús Martín Barbero e dos culturalistas ao pensamento comunicacional latino-americano. Diz ainda que Beltrão reconhecia nos agentes de Folkcomunicação, nas sociedades rurais ou periféricas, um caráter nitidamente institucional, semelhante àquele que Martín Barbero atribuiria mais tarde aos agentes educativos, religiosos ou políticos nas sociedades urbanas-metropolitanas. (MARQUES DE MELO, 2004, p. 17).

### **1.1. A lógica da Folkcomunicação**

Para chegar a Folkcomunicação, Luiz Beltrão lançou mão da teoria desenvolvida pelo sociólogo Paul Lazarsfeld e seus alunos da Universidade de

Columbia. Mas, com uma diferença fundamental: enquanto os cientistas norte-americanos vislumbravam o protagonismo individual dos “líderes de opinião” em “grupos primários”, o fundador da Folkcomunicação dimensionava a influência coletiva de “agentes simbólicos” no seio de “comunidades periféricas” (MARQUES DE MELO, 2004, p. 12).

Beltrão, quando desenvolve a teoria da Folkcomunicação vai dar voz e vez àqueles que nunca foram protagonistas das pesquisas na área da comunicação.

Não se preocupou pesquisar a maneira pela qual o povo reage às sugestões que lhe são feitas. Nem situar os meios de que se pode dispor para fazer com que a população menos culta aceite princípios e normas de mudança social, adote novas maneiras de trabalhar, de agir, de divertir-se, um outro modo de crer e decidir (Op. Cit. BELTRÃO, 2004, p. 40).

Beltrão, apoiado em Lazarsfeld, verifica que os dados dos estudos sobre líder de opinião cabem, dadas as devidas proporções, à realidade das comunidades rurais e periféricas do Brasil.

A pesquisa desenvolvida pelos norte-americanos dá conta de que os meios de comunicação, tidos como todo-poderosos, não o são tanto assim. Lazarsfeld e sua equipe descobrem que existe um fator muito importante nas decisões de grupos: é o líder de opinião. Chamando o processo de “fluxo da comunicação em dois estágios” – dos meios aos líderes e destes aos seus amigos mais próximos, foi verificado:

---

<sup>3</sup> No texto “A pesquisa da Folkcomunicação” Luiz Beltrão indica quais foram as áreas abrangidas pela pesquisa. Maiores detalhes ver: Luiz Beltrão, Folkcomunicação, teoria e prática. São

- 1) Que a influência de outras pessoas em decisões específicas tende a ser mais freqüente que a dos meios de comunicação de massa;
- 2) Que influenciadores e influenciados mantêm relações estreitas [...];
- 3) Que indivíduos intimamente relacionados tendem a ter opiniões e atitudes comuns e relutam em abandonar o consenso do grupo, mesmo que os argumentos dos meios de comunicação coletiva lhes pareçam atraentes;
- 4) Que, embora a influência passe dos mais para os menos interessados, estes últimos devem ter suficiente interesse para serem suscetíveis à mudança (BELTRÃO, 2004, p. 37).

Foi a partir dessas coordenadas que Luiz Beltrão passou a formatar suas questões.

Como se informavam as populações rudes e tardes do nosso país continental? Por que meios, por quais veículos manifestam o seu pensamento, a sua opinião? Que espécie de jornalismo, que forma – ou formas – atenderia à sua necessidade vital de comunicação? Teria essa espécie de intercâmbio de informações e idéias algo em comum com o jornalismo, que passei a classificar de ‘ortodoxo’? E não seria uma ameaça à unidade nacional, aos programas desenvolvimentistas, aos nossos ideais políticos e à mesma sobrevivência de homem brasileiro, como tipo social definido, o alheamento em que nós, jornalistas enigmáticos, que é a comunicação sub-reptícia de alguns milhões de cidadãos alienados do pensamento das elites dirigentes? (Op. Cit. BELTRÃO, 2004, p. 41).

Em seus estudos Beltrão percebeu que as camadas populares tinham uma maneira peculiar de transmitir informações. Para tal utilizavam-se de formas folclóricas.

Naturalmente, essas formas de expressão se firmavam em costumes e práticas vindos dos antepassados longínquos no tempo e no espaço. Conservadas pela tradição oral e pelo admirável instinto de preservação das raças oprimidas ou desprezadas. Encobertas pelos disfarces necessários à sua sobrevivência, pelo sincretismo a que os seus portadores se submetiam inapelavelmente ao contato com outra cultura. Pertenciam, agora, ao folclore que os senhores menosprezavam, atribuindo-lhe valores de circo romano. (Op. Cit. BELTRÃO, 2004, p. 45).

Beltrão se vale também do pensamento, avançado para a época, de Edson Carneiro. A obra do folclorista de nome “Dinâmica do Folclore” mostrou ao pesquisador que o folclore é algo em constante mutação. Eis as palavras mágicas de Edson Carneiro:

Há [...] um intenso intercâmbio cultural entre os vários strata sociais [...]. Em conseqüência, e sob a pressão da vida social, o povo atualiza, reinterpreta e re-adapta constantemente os seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade a aos dados culturais do tempo. O folclore é, portanto, dinâmico (CARNEIRO, 1965, p. 2).

O conceito de Folkcomunicação tem sido constantemente revisto. Para facilitar o entendimento, Joseph M. Luyten, outro de seus discípulos, assim define Folkcomunicação:

Em termos gerais pode-se dizer que folkcomunicação é comunicação em nível popular. Por popular deve-se entender tudo o que se refere ao povo, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação. Mais precisamente: folkcomunicação é a comunicação através do folclore (LUYTEN, 1983, p. 32-34).

O caminho aberto por Luiz Beltrão deixa margem para novos estudos utilizando a Folkcomunicação como base. Na pesquisa em comunicação em uma comunidade quilombola é bastante relevante a utilização das ferramentas já experimentadas por Beltrão para a análise de seu universo comunicacional.

Beltrão já dava indicações de novos caminhos a serem percorridos por aqueles que tivessem a visão além do alcance como ele. José Marques de Melo afirma que “ao construir um referencial teórico consistente, Beltrão lançou pontes entre a Folkmídia e os mass mídia. Ele reconheceu o universal que subsiste na produção simbólica dos grupos populares percebendo ao mesmo tempo em que os dois sistemas comunicacionais continuarão a se articular numa espécie de feed-back dialético, contínuo, criativo” (2004, p. 20).

Surge, então, no cenário uma nova teoria que abarca agora aquilo que Beltrão indicou, mas não teve tempo de pormenorizar: a Folkmídia. Área de estudos que analisa a maneira pela qual os meios de comunicação abstraem

elementos folkcomunicacionais e suas reverberações. É isso que veremos a seguir.

## 2. Novos rumos de análise

Joseph M. Luyten, Doutor em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo e discípulo de Luiz Beltrão, vem, desde 2002, trabalhando o conceito de uma nova teoria da Comunicação, a Folkmídia. A partir das pesquisas de Luiz Beltrão, esse caminho já se fazia aberto, só não teve a atenção merecida. De acordo com Luyten (2002 a):

[...] desde o início de suas observações Luiz Beltrão já visualizava o inevitável entrosamento entre os dois tipos de comunicação, a popular em nível de folclore e a de massa, preocupa-se mais em confirmar suas idéias pioneiras de folkcomunicação propriamente dita.

O termo *Folk Media*, utilizado por Roberto Benjamin significa canais de comunicação do povo com linguagens próprias da população de cultura folk. Em suas palavras:

[...] Como é sabido, o povo tem seus canais (folk media) e suas linguagens próprias. [...] a preocupação com os folk media e a possibilidade de suas utilizações nos programas de desenvolvimento é antiga e vem crescendo em centros universitários e agências de desenvolvimento da Europa e dos Estados Unidos. (BENJAMIN, 2000, p. 101).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Mas, a *folk media*, (desse modo, com a palavra *folk* adjetivando o substantivo *media*) (D'ALMEIDA, 2003, p. 19) surgiu em Londres em 1972. A Federação Internacional de Planejamento Familiar reuniu, sob o patrocínio da UNESCO, profissionais de várias partes do mundo que trabalhavam com temas de folkcomunicação, com a finalidade de discutir o uso integrado de *folk media* em programas de planejamento familiar.

Dois anos depois outro encontro aconteceu, agora em Nova Delhi, Índia, com os mesmos objetivos onde, de acordo com Benjamin, foram analisados programas em aplicação, pesquisas concluídas e manifestações folclóricas indianas aproveitáveis para os programas de desenvolvimento, especialmente na área rural. (BENJAMIN, 2000, p. 101-102).

Mas, conforme análise de Luyten, o termo significava algo como “os meios de comunicação a partir de elementos folclóricos”, muito parecido, portanto, com o termo “Folkcomunicação” (LUYTEN, 2002 a).

Luyten acredita que “Folkmídia”, é uma nova área de estudos da comunicação em que o objeto de análise é a maneira com que se dá a interação entre cultura popular e os meios massivos e suas transformações. Nas palavras de Luyten:

Como o termo na sua primeira acepção é apresentado como sinônimo de 'Folkcomunicação', achamos nós que é melhor usá-lo para uma situação que se torna cada vez mais freqüente em todo o mundo e que consiste na interação entre os meios de comunicação de massa e a Folkcomunicação, ou seja, o uso tanto de

elementos oriundos do folclore pela mídia como a utilização de elementos da comunicação massiva pelos comunicadores populares. (LUYTEN, 2002 a).

Apesar de Benjamin ter uma leitura diferente do que seja a Folkmídia, seu pensamento caminha paralelo ao pensamento de Luyten e por vezes se encontram. De acordo com Benjamin, a idéia da existência de uma população de cultura *folk*, desvinculada da cultura da sociedade onde está situada, alimentada por alguns estudiosos do folclore, no passado, não encontra suporte na pesquisa da cultura. A interação entre populações de diferentes padrões culturais é ocorrência permanente, através dos tempos, e não poderia ser diferente em relação à ação dos meios de comunicação de massa. Estes processos estão, porém, sujeitos aos critérios da seletividade (BENJAMIN, 2000, p. 17).

Em sua obra *Folkcomunicação no contexto de massa* (Editora Universitária/UFPB, 2000), Roberto Benjamin dedica vários tópicos a Folkmídia. Em seu primeiro capítulo, o autor mostra o que denomina como nova abrangência da Folkcomunicação e os objetos de análise dessa nova abrangência são os objetos de análise da Folkmídia:

Tem-se dito que a criação de uma arte nacional somente ocorre pelo aproveitamento das manifestações da cultura folclórica. [...] É preciso lembrar o aproveitamento de narrativas folclóricas, especialmente os contos de fadas, pelos produtores de literatura infantil. [...] Os contos de fadas, provérbios e aforismos, além da música e da dança folclóricas, são usados na publicidade. Do mesmo modo, a televisão vem recorrendo aos temas, motivos e manifestações populares tradicionais. Nas novelas e seriados televisivos, autores como Dias Gomes e

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



Aguinaldo Silva trabalharam materiais folclóricos. Uma parte dos programas de variedades humorísticos é produzida com o aproveitamento dos entremeses circenses e até mesmo artistas circenses, especialmente palhaços, são incorporados aos elencos televisivos.

A música popular urbana, com grande constância, tem recorrido às fontes folclóricas. Até mesmo a produção musical do rock vem se alimentando da música folclórica.

O crescente interesse pelo esoterismo e pelas terapias alternativas à alopatia, determinaram o aparecimento de programas radiofônicos com consultas de ouvintes, onde superstições e simpatias, bem como o receituário da medicina popular tradicional [...] são apropriados e divulgados por produtores e locutores dos meios de comunicação. (BENJAMIN, 2000, p. 21).

E continua Benjamin:

A interação permanente da população de cultura folk com os meios de comunicação de massa vem determinando a presença dos traços desta cultura em meio às manifestações da cultura tradicional. Modismos de linguagem verbal, gestual, do vestuário e outros marcam a presença da cultura de massa na cultura popular tradicional. [...] A interação entre os portadores da cultura folk e a cultura de massa causa um efeito ainda pouco analisado nos meios acadêmicos. Ao se apropriar de elementos da cultura folk, os produtores da cultura de massa procedem a uma seleção e reprocessamento a fim de tornar tais elementos compatíveis com os padrões e o estilo vigente em seu meio.

Os portadores da cultura folk tomam conhecimento deste reprocessamento, sem que, na maioria das vezes, entendam as razões que levaram às escolhas e remanejamentos procedidos. Considerando o caráter hegemônico da cultura de massa, acabam tentados a reincorporar aqueles elementos com as características

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

massivas introduzidas, de volta, em suas manifestações (BENJAMIN, 2000, p. 20-22).

Percebe-se, então, que no bojo da discussão sobre o “intercâmbio simbólico” da cultura popular com os meios de comunicação de massa, a proposta de Luyten se faz emergir como nova área de pesquisa. Cabe ao pesquisador, como afirma D’Almeida (2003, p. 21), identificar como os sujeitos das *mass media* utilizam elementos da comunicação popular, a maneira como esses elementos são (re) interpretados e/ou modificados. Complementando sua própria definição, Luyten (2002c *apud* D’ALMEIDA, 2003, p. 21) vai propor também a investigação do processo inverso, ou seja, como os produtores da cultura popular vão usar elementos da cultura de massa. O pressuposto básico é o de que existe um “intercâmbio simbólico entre produtores de cultura situados em diferentes níveis de nossa sociedade”. (MARQUES DE MELO, 2001b *apud* D’ALMEIDA, 2003, p. 21).

A relevância dos estudos na área da Folkmídia se faz notório ao percebermos que, a utilização de elementos folkcomunicativos pela mídia massiva além de poupar tempo, pois as mensagens são emitidas em código acessível a qualquer pessoa, poupam também dinheiro.

Luyten se apóia na teoria de Wilbur Schramm, teórico norte americano da Escola Funcionalista e que desenvolveu uma pesquisa em que analisava a maneira com que as pessoas memorizam as mensagens recebidas durante todo o dia. Schramm descobriu que o que tende a favorecer a seleção e a memorização de certas mensagens é a quantidade de termos comuns que ela contém tanto da

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

parte do comunicador como do receptor. Schramm chamou a isso de “Campos de Experiências Comuns” (LUYTEN, 2003 b).

É esta vantagem que encontramos ao formularmos uma mensagem com conteúdo possuidor de elementos folclóricos. O entendimento é mais fácil e a efetivação da comunicação é muito mais eficaz.

D’Almeida afirma que os estudos desse “intercâmbio simbólico” ganham relevo em função do rápido desenvolvimento dos meios de comunicação de massa [...]. Rápido a ponto de a forma como hoje conhecemos a realidade ser construída a partir da representação que é feita dela pelos meios, cuja presença contínua e permanente na vida das pessoas é hoje fato inegável (2003, p. 22).

Por conta desse desenvolvimento tecnológico, os folcloristas ficam extremamente temerosos da perda dos valores “genuínos” das manifestações “tradicionais”. Na realidade nada disso aconteceu. O que ocorreu foi a transformação dos rituais, a adaptação das manifestações, pois, como bem frisou Edson Carneiro (1965, p. 11): “o objeto do folclore nada tem de morto, parado ou imutável”, ou seja, o folclore é dinâmico.

O presente trabalho tem por finalidade, a partir da Folkmídia, analisar como uma comunidade quilombola, caracterizada pela luta por cidadania e manutenção de sua identidade, percebe a transformação cultural a partir da entrada da televisão em suas vidas. As manifestações folclóricas, como querem os folcloristas mais radicais, mesclaram-se com o modo de vida das pessoas pertencentes ao grupo e transformaram-se.

Por escolha própria, os quilombolas de Ivaporunduva preferem ser analisados a partir de sua identidade política e identidade cultural. Não gostam de

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

ser vistos como exóticos, nem de ter seus modos de vida analisados a partir do diferente, do folclórico. Querem ser vistos, sim, mas pela sua importância histórica e cultural dentro do Brasil.

O grupo quilombola se encaixa nos grupos de cultura *folk* por fazerem parte da população brasileira que não só estiveram à margem da sociedade, mas, até bem pouco tempo, não eram ao menos reconhecidos. População de descendência escrava, predominantemente rural, localizada em lugar de difícil acesso, mantém seus modos de vida e seus valores apesar da inserção da televisão no seio da comunidade.

Se, de acordo com Beltrão, a Folkcomunicação é a comunicação dos “marginalizados”, então esses quilombolas são parte integrante desse espaço teórico.

Para analisá-los com o respaldo da Folkmídia se faz necessário definir o que é cultura popular e identidade cultural, já que a proposta aqui é a de partir do que já foi mencionado por D’Almeida: “investigar no processo inverso, ou seja, como os produtores da cultura popular vão usar elementos da cultura de massa”.

A seguir, vamos nos ater, então, à definição do que entendemos por cultura popular e identidade cultural.

### 3. Cultura Popular e Folclore

As primeiras idas ao quilombo de Ivaporunduva aconteceram por conta de uma outra pesquisa. Era outubro de 2001 e fomos, a convite dos moradores de

Sapatu e Ivaporunduva, participar da festa mais importante para os quilombolas do Vale do Ribeira: a festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

Desenvolvíamos, naquele momento, o trabalho de conclusão de curso que tinha como aporte teórico a Folkcomunicação. Não conseguindo realizar a pesquisa em Ivaporunduva, conseguimos realizá-la em Sapatu, comunidade filha de Ivaporunduva.

Dizemos filha, pois Ivaporunduva é a comunidade quilombola mais antiga da região. Sapatu é oriunda dela. Benedito Alves da Silva, o Ditão, liderança quilombola em nível local e nacional, acredita que a comunidade é tão velha quanto Palmares. Sua importância, enquanto espaço de resistência na luta pela manutenção da cultura quilombola e pela sobrevivência de seu povo é primordial não só para ela própria, mas também para a sobrevivência de todas as outras comunidades da região.

Trabalhar a questão que envolve cultura popular e meio de comunicação de massa em uma comunidade quilombola pode acarretar alguns problemas. Primeiro que as definições sobre cultura e, sobretudo, sobre popular são diversas e por vezes redundantes.

Na busca de conceitos epistemológicos que ajudassem a perceber em qual conceito a cultura quilombola caberia, fomos beber da fonte da antropologia, da sociologia e da comunicação.

De acordo com Alfredo Bosi em seu artigo *Plural, mas não caótico* (1993), “[...] Cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um

estado de coexistência social. A educação é o momento institucional marcado do processo” (BOSI, 1993, p.16).

O antropólogo Aldo Vannucchi (1999) compendiando Darci Ribeiro, afirma que sociedade e cultura ainda estão se plasmando no Brasil. A conjunção dos três elementos – indígena, africano e europeu – possibilitou um novo tecido cultural, que foi e vem sendo diferenciado pelas influências do meio, pelas diversas atividades econômicas, pela criatividade nativa e pela incorporação de outros contextos culturais estrangeiros (1999, p. 13).

Assim, logo foram se distinguindo dois planos culturais no Brasil: o erudito marcado pela branquidade e europeidade, alienado e alienante; e o vulgar, das camadas subalternas, mais criativo, mais aberto à convivência humana e ao atendimento imediato das necessidades espirituais (VANNUCCHI, 1999, p. 14).

Numa sociedade dividida em classes, a cultura também se divide. Para a elite que tem acesso a livros, peças teatrais, música clássica entre outros produtos culturais, o adjetivo erudito é o convencionalmente utilizado. Já o modo de viver, divertir e agir das camadas subalternas da sociedade é tido como cultura popular.

Literalmente, de acordo com Aldo Vannucchi (1999), erudito é aquele que saiu do estado rude, rústico, rural porque esses três adjetivos vêm do latim *rus-ruris*, que significa campo. Erudito, pois, é um ex-rude, alguém que passou de uma situação bruta para um patamar melhor, mediante um processo de aplicação intelectual rigoroso, de muito estudo e muita leitura (1999, p. 33).

[...] o ser humano não se caracteriza, exclusivamente, como conhecedor de dados e informações culturais. Ele é também e principalmente um agente de cultura,

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

ainda que, muitas vezes, não tenha consciência disso. E agente cultural de atividade incessante, seja caçando, para matar a fome, seja recorrendo a divindades, em oração, seja ordenhando vacas, seja operando computadores. (Op. Cit. VANNUCCHI, 1999, p. 21).

O termo popular também nos traz problemas conceituais. Muitas podem ser as leituras sobre o termo. Stuart Hall, sociólogo jamaicano e estudioso da escola dos Estudos Culturais de Birmingham, em seu artigo *Notas sobre a desconstrução do popular* (2003), confessa sua dificuldade tanto na definição de cultura quanto na definição de popular. Após esse desabafo, Hall discorre sobre a origem do termo cultura popular na época da transição do capitalismo agrário para o desenvolvimento do capitalismo industrial onde a classe operária ficava à margem e seus costumes eram tidos como vulgares.

O capital tinha interesse na cultura das classes populares porque a constituição de uma nova ordem social em torno do capital exigia um processo mais ou menos contínuo, mesmo que intermitente, de reeducação no sentido mais amplo. E a tradição popular constituía um dos principais locais de resistência às maneiras pelas quais a 'reforma' do povo era buscada. É por isso que a cultura popular tem sido há tanto tempo associada às questões da tradição e das formas tradicionais de vida[...]. Luta e resistência, mas também, apropriação e expropriação (HALL, 2003, p. 248).

Cicília Peruzzo (1998) em seu estudo sobre comunicação popular dá três classificações para o termo popular:

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

*Popular-folclórico:* Na primeira corrente, o popular abarca o universo das expressões culturais e genuínas do “povo” presentes em manifestações folclóricas, festas, danças, ritos, crenças, costumes, objetos, etc.

*Popular-massivo:* O popular circunscreve-se ao universo da indústria cultural, pautando-se os estudos por três linhas: a) na apropriação e incorporação das linguagens, da religiosidade e de outras características da cultura do povo pelos meios de comunicação de massa; b) nos meios massivos e em certos programas de elevado poder de penetração, influência e aceitação, a exemplo de “fenômenos de audiência” como novelas e programas de auditório, também caracterizados como popularescos; c) em programas massivos sintonizados com as problemáticas do bairro ou comunitários, os quais entendidos como serviço de utilidade pública para denúncias, reclamações, etc.

*Popular-alternativo:* O popular, com esse significado, situa-se no universo dos movimentos sociais. Ocupa-se da comunicação no contexto da organização e movimentos sociais vinculados às classes subalternas ou da comunicação “ligada à luta do povo” por melhores condições de existência e pela sua emancipação, mediante movimentos de base organizados (1998 p. 118-119).

Ao lidar com a realidade de uma comunidade quilombola, podemos perceber que o conceito ao qual procuramos perpassa essas três correntes indicadas por Peruzzo. Conforme Rosângela Marçolla (2005), doutora em

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



Comunicação, em sua tese de doutorado, o popular que procuramos está relacionado aos costumes, às raízes, mas por sua vez também se refere à questão do popular *versus* olimpiano, em espaços midiáticos e ainda, ressalta a comunicação paralela, em forma de folkcomunicação, que prevalece nas camadas horizontais da sociedade, independente de força midiática (MARÇOLLA, 2005, p. 47).

Marçolla (2005) indica ainda que essa dificuldade conceitual hoje se dá pela consolidação gradativa e definitiva da cultura de massa determinada pelo advento dos meios de comunicação. A cultura popular se manteve por muito tempo como uma cultura regionalizada, pois seus usuários não a difundiam, por não saírem para lugares mais distantes.

As culturas erudita e popular não perderam a sua essência com o passar do tempo, por serem consistentes e fundamentadas dentro do conhecimento humano. As expressões artísticas não esvaíram e ainda continuam a fazer parte das vidas das pessoas. Músicas clássicas, chamadas de eruditas, tornaram-se imortais da mesma maneira que as famosas cantigas de ninar que as mães, as avós ou as avós ainda repetem ao tomar uma criança pequena nos braços. [...] Mesmo assim, num processo lento, mas natural, a cultura popular foi avançando gradativamente e alcançando um público cada vez maior, através das comemorações de festas tradicionais, da alimentação, dos costumes, das histórias narradas e ouvidas por todas as pessoas, entre outras manifestações estudadas pelo folclore valorizando a presença constante dos comunicadores populares, os líderes de opinião (2005 p. 45).

Os estudos sobre cultura popular têm sido interesse de várias instituições. Esquerda e direita, Igreja e Governo, universidades e meios de comunicação, políticos e intelectuais, todos querendo capitalizar e celebrar, de alguma forma, as manifestações culturais típicas do povo brasileiro (VANNUCCI, 1999 p. 95).

Entendemos aqui como povo todas as camadas da sociedade, com exceção da classe dominante por conta de possuírem uma condição socioeconômica confortável e outros hábitos, outros anseios, e por conseqüência, outra postura cultural.

Há muito que as manifestações da cultura popular são o mote de pesquisas. De acordo com Américo Pellegrini Filho e Yolanda Lhullier dos Santos, ambos antropólogos, na obra *Antropologia cultural & folclore*, a palavra “folk-lore” foi criada em 1846 pelo arqueólogo inglês William John Thoms, com a intenção de substituir as denominações “antiguidades populares” e “literatura popular”, nessa época usada para designar um corpus de traços culturais que já tinham recebido atenção de eruditos (PELLEGRINI FILHO & SANTOS, 1989, p. 27).

Os autores explicam que Thoms, considerando ser necessário registrar os usos, costumes, cerimônias, crenças, romances, refrões, superstições, entre outras coisas, percebe que muito mais do que simples antiguidades essas manifestações formavam um saber popular e então, resolveu batizar esse fenômeno de “Folk-lore”, que significa a sabedoria do povo livre da erudição.

Edson Carneiro, folclorista brasileiro em sua obra *Dinâmica do Folclore* (1965), deixa clara sua indignação quanto à visão estetizante de antropólogos e sociólogos quanto à dinamicidade do folclore.

O inadequado dos conceitos dos conceitos do tradicional e do popular no folclore leva freqüentemente o pesquisador a situações muito embaraçosas. Como considerar tradicional a diversão coletiva que transmite a opinião popular sobre os fatos do dia, numa constante readaptação às novas formas assumidas pela sociedade? Ou ainda, como considerar tradicional o dado folclórico que, nascido de certas condições sociais, permanece, ao mesmo tempo em que permanecem, inalteradas, essas condições? A riqueza da imaginação, a força criadora e a sede de justiça do povo não pesam no balanço geral, para os tratadistas. O povo é apenas um depositário de tradições... Mais curiosa, e às vezes mesmo ridícula, é a caracterização do popular no folclore. Figura-se o povo, não numa situação transitória, mas em repouso. Ora, se encararmos o folclore na sua dinâmica, veremos que os fenômenos do populário têm, não apenas a marca do passado, mas o sinal do presente e do futuro (CARNEIRO, 1965 p. 5 - 6).

Edson Carneiro (1965) explica que as manifestações da cultura popular são melhores conservadas no campo. Manifestações estas que foram expulsas paulatinamente da cidade pelo progresso econômico, social e político. Ele afirma que são as mulheres, e mais ainda as crianças, as grandes disseminadoras do folclore. Mas, não cansa de mostrar o quanto a comunicação popular pode ser transformada pelo contato com outras influências.

As influências mais diversas atuam, realmente, sobre o fato folclórico, submetendo-o a uma série de processos em que a cada ação corresponde determinada reação. [...] Temos assim o folclore, como traço cultural, participa de um processo geral que envolve, permanentemente, mecanismos internos, aquisitivos, desintegrativos e de recomposição e recombinação, e movimentos externos, que tomam forma agressiva ou acomodatória, que por sua vez ocasionam novos processos internos.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

[...] O folclore é, portanto, dinâmico na sua essência, está em constante transformação, dialeticamente é e não é o mesmo fenômeno ao mesmo tempo, como em geral acontece com todos os fenômenos sociais (CARNEIRO, 1965, p. 12-13).

A discussão entre o pensamento ortodoxo de antropólogos e sociólogos de que o folclore e a cultura popular precisam ser preservados na sua forma tradicional, que não aceitam a transformação, e o pensamento da dinamicidade do mesmo, formam um caminho que ainda hoje não se definiu.

Preferimos adotar a visão de Edson Carneiro e assumir a posição de que a cultura popular se plasma e se transforma quando em contato com outras culturas e com outras realidades. É o caso da cultura popular do quilombo que se mistura com os conhecimentos trazidos das pessoas que saíram da comunidade para trabalhar ou estudar e que transformam os costumes do lugar.

Na realidade, num país como o Brasil, onde é gigantesco o número de representantes de povos oriundos dos mais diversos lugares do planeta, fica difícil aceitar que a cultura seja uma coisa inerte. O Brasil ainda está à procura de um referencial que dê cara a sua cultura e essa é uma discussão que Renato Ortiz levanta em sua obra *Cultura Brasileira & Identidade Nacional* (1985) a questão da falta de uma cultura tipicamente brasileira. Ele acredita que a forja da cultura brasileira está nas mãos dos intelectuais.

A idéia de construção [de uma cultura brasileira] nos remete a uma outra noção, a de mediação. Ao colocarmos a identidade como um elemento de segunda ordem, estamos implicitamente nos referindo aos agentes que a constroem. [...] São os

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

intelectuais que desempenham esta tarefa de mediadores simbólicos. [...] São eles que confeccionam uma ligação entre o particular e o universal, o singular e o global [...] (1985 p. 139-140).

De acordo com Ortiz (1985), foram os intelectuais que definiram o que era cultura e o que era folclore. E ele exemplifica:

[...] é por meio do mecanismo de reinterpretação que o Estado, através de seus intelectuais, se apropriadas práticas populares para apresentá-las como expressões da cultura nacional. O candomblé, o carnaval, os reisados, etc. são, desta forma, apropriados pelo discurso do estado, que passa a considerá-los como manifestação de brasilidade. [...] A construção da identidade nacional necessita, portanto, desses mediadores que são os intelectuais (1985, p. 140).

Numa comunidade que até bem pouco tempo nem tinha consciência de sua condição de agente transformador da realidade nacional, a qual esquece a existência dos grupos oriundos de seu passado escravista, a cultura não só se transforma como se fortalece. Foi na desconstrução de uma cultura “marginal” e na reconstrução de uma cultura de fortalecimento que se dá a metamorfose.

Em Ivaporunduva, o fato de os líderes comunitários terem acesso à outra realidade social por conta de viagens constantes para Brasília e São Paulo por motivos políticos, transforma seus modos de pensar a vida. A cultura popular quilombola tem por característica a resistência.

### 3.1. Cultura popular de resistência

Na década de 1960 o pensamento referente ao que seria cultura popular passou por reformulações. O Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE) pretendia, a partir de uma nova visão da cultura popular brasileira, desmistificar o sentido dado por folcloristas, antropólogos e sociólogos do que era realmente a cultura popular brasileira.

Renato Ortiz (1985), nos diz que o CPC vinha na contramão do pensamento dos teóricos do folclore que persistiam no elemento conservador valorizando-se a tradição como presença do passado. Pretendiam assim, os conservadores, conceber uma autenticidade das manifestações populares que irá radicalmente se impor a qualquer movimento de transformação da realidade social.

Esta concepção conservadora da cultura popular dominou grande parte da literatura sobre folclore no Brasil e foi esta visão conservadora o alvo dos questionamentos do CPC.

A cultura popular já havia sido analisada pelo viés econômico onde atos como os mutirões, ajuda mútua na roça entre famílias de baixa renda, aliás, muito utilizados pelas comunidades quilombolas atuais, teriam sido um dos grandes exemplos de produção solidária de atos culturais. Ao lado dessa concepção econômica caminha o enfoque político da cultura popular, isto é, utilização de sua força como mola propulsora de transformações sociais.

A cultura popular de resistência, de acordo com Aldo Vannucchi (1999), é a modalidade da cultura com enfoque político e é utilizada como forma de protestar

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

contra as imposições dos colonizadores ou a prepotência do poder dominante. Exemplo ímpar dessa atitude foram os quilombos, símbolos da resistência negra (VANNUCCHI, 1999, p. 103).

Do enfoque político nasce, naturalmente, o pedagógico que tem como tendência principal desfolclorizar a cultura popular e conscientizar a massa, por meio da educação informal feita através do teatro, cinema, músicas, festas, literatura de cordel, exposições e muitas outras iniciativas.

Vannucchi (1999) diz que foi essa a tônica revolucionária do CPC, fundado e difundido pela União Nacional dos Estudantes, no início da década de 1960.

A UNE descobriu que o operário ou o camponês, mesmo quando é analfabeto, tem uma cultura, tem a sua cultura. Isto é, sabe muita coisa pela sua experiência de vida, de trabalho, que mesmo os intelectuais que estudaram muito não sabem. O povo cria muita coisa bonita: versos de cordel, teatro de mamulengos, sambas e canções, esculturas de madeira ou de barro. Começaram a ouvir o povo, a aprender com o povo. E a ajudar o povo a falar, a criar coragem para se exprimir (*História da classe operária no Brasil*, 4.º caderno, Rio de Janeiro, ACO, 1985, p. 104 *apud* VANNUCCHI, 1999, p. 104).

Os Centros de Cultura Popular não discutiam se a cultura popular era alienada ou não, conservadora ou não. De acordo com Vannucchi (1999), os estudantes partiram para a ação, para a “arte popular revolucionária”, como “cultura a serviço do povo”. Atacado violentamente pelo golpe militar de 64, esse esforço de didatismo cultural dos universitários brasileiros não pode ser diminuído,

ainda que, por vezes, no seu idealismo juvenil, possa ter esquecido a cultura *do* povo, caindo na cultura *para* o povo! (Grifos do autor. VANNUCCHI, 1999, p. 105).

A cultura do povo de Ivaporunduva tem por característica principal a luta política. Essa característica é verificada em outras comunidades do Vale do Ribeira, mas a atuação dos moradores de Ivaporunduva é muito mais latente. Comunidades vizinhas<sup>4</sup> como Nhunguara (atravessando o rio, fica a cinco quilômetros) e Sapatu (a 15 quilômetros), pela proximidade com Ivaporunduva e com a cidade de Eldorado, são mais abertas às lutas, enquanto as comunidades mais distantes são menos atuantes. Essas comunidades não estão alheias à realidade de ameaças como a construção de barragens na cabeceira do rio Ribeira de Iguape, o que acarretaria na inundação de todo o entorno do rio e assim, deixaria submersos parques federais e as comunidades tradicionais que vivem no local. Mas, sua atua o   pequena.

Esse distanciamento geográfico, portanto, torna a cultura dessas comunidades mais próxima daquilo que os folcloristas, antropólogos e sociólogos caracterizam como tradicional. Muitas comunidades, são mais de 50 na parte paulista do Vale do Ribeira<sup>5</sup>, ainda não possuem luz elétrica, telefone ou meios de transporte coletivo próximos   comunidade.   o caso de Praia Grande, que para chegarmos l  são   possível de barco. De Ivaporunduva até Praia Grande são três

---

<sup>4</sup> As comunidades mais próximas a Ivaporunduva são São Pedro, Galvão, Pedro Cubas, Nhunguara, André Lopes e Sapatu, todas na luta pela posse de suas terras e com processo de titula o a caminho. A única comunidade da região devidamente documentada.

<sup>5</sup> De acordo com o Instituto Socioambiental (ISA) em publica o na web, visitada em 29/11/2004, "O Vale do Ribeira   a região que concentra [...] o maior número de comunidades remanescentes de quilombos do Estado de São Paulo. Segundo os dados disponíveis, em especial a rela o elaborada pelo etnólogo Guilherme dos santos Barbosa (1995) e complementada pela Equipe de Articula o das Comunidades Negras da Diocese de Registro em 1996, existem 51 comunidades



horas de viagem pelo Rio Ribeira de Iguape. São Pedro é outra comunidade da região e que para se chegar lá só por trilha feita pelo mato. São duas horas de caminhada pelo “sertão”.

Os membros de Ivaporunduva não querem ser observados enquanto agentes de cultura popular como sinônimo de folclore. É preciso desfolclorizar a cultura quilombola para analisá-la. Querem ser vistos como cidadãos brasileiros que possuem um passado histórico de grande riqueza, que dá forma à história do Brasil e que busca, com toda garra, por seus direitos enquanto herdeiros legais de seu território e por cidadania na forma de ações diretas e benfeitorias nas comunidades quilombolas no Vale do Ribeira e de todo território nacional.

A principal luta das comunidades do Vale do Ribeira é pela titulação das terras onde se encontram os quilombos. Ivaporunduva já foi titulada, mas ainda não possui os papéis que lhe garante a permanência no local.

### **3.2. Identidade Cultural: manutenção e sobrevivência de uma cultura**

1988. Centenário da Abolição e redação da nova Constituição brasileira. O Movimento Negro Brasileiro, na pessoa do Senador da República Abdias do Nascimento, está presente. Reivindicada pelo Movimento Negro e pelas comunidades articuladas a partir da ação da Igreja Católica como uma ação reparatória, institui-se, então, a lei que dá aos remanescentes de comunidades

---

quilombolas, entre concretas e prováveis, na porção paulista do Vale do Ribeira”. (<http://b1.adm.idbrasil.org.br/drupal/?q=node/view/19>).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

rurais negras, descendentes diretos de escravos, o direito à propriedade das terras onde residem.

Começa a saga dessas comunidades a quem passam a chamar de “*comunidades remanescentes de quilombos*” (grifo meu). Os quilombos atuais são bem diferentes daqueles que existiam no tempo da escravidão. De acordo com Clóvis Moura (1993), segundo definição do rei de Portugal em 1740, quilombos eram “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (1993, p. 11).

De acordo com a Associação Brasileira de Antropologia (ABA)<sup>6</sup> quilombo hoje é

Toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado.

Já o termo remanescente de quilombo, ainda de acordo com a ABA, embora tenha um conteúdo histórico, significa...

...hoje a situação presente dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos e é utilizado para designar um legado, uma herança cultural e material que lhe confere uma referência presencial no sentimento de ser e pertencer a um

---

<sup>6</sup> Essa definição foi adotada pelo então Presidente da Fundação Cultural Palmares Joel Rufino dos Santos e consta no livro organizado pelo Governo do Estado de São Paulo, “Quilombos em São Paulo”, de 1996, p. 47.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

lugar e a um grupo específico (GARCIA, José Milton – PPI/SP *apud* Quilombos em São Paulo, p. 47).

O professor João Pacheco de Oliveira, ex-presidente da ABA<sup>7</sup>, diz que o termo, atualmente, não indica comunidades com resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população sem misturas.

Da mesma forma nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar. A identidade desses grupos não se define pelo tamanho e número de seus membros, mas pela experiência vivida e as versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade enquanto grupo. Trata-se, portanto, de uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores partilhados (1997, p. 47).

Para provar que essas comunidades tinham o direito o qual a lei garantia, foi criado, no Estado de São Paulo, o órgão estadual ITESP (Instituto de Terras do Estado de São Paulo) e o Grupo de Trabalho<sup>8</sup> composto por antropólogos,

---

<sup>7</sup> In: Quilombos em São Paulo, 1997, p. 47-48.

<sup>8</sup> De acordo com Relatório Técnico-Científico sobre a comunidade remanescente de Quilombo Ivaporunduva, “o Grupo de Trabalho foi criado pelo Governo do Estado de São Paulo através do Decreto n.º 40. 723 de 21 de março de 1996 e tinha por objetivo fazer proposições visando a plena aplicabilidade dos dispositivos constitucionais que conferem o direito de propriedade aos remanescentes das comunidades de quilombos em território paulista. [...] Os trabalhos desse Grupo levaram à criação do Programa de Cooperação Técnica e de Ação Conjunta para identificação, discriminação e legitimação de terras devolutas do Estado ocupadas por

representantes do governo estadual e federal, representantes de entidades negras e representantes dos quilombolas. Desenvolveram metodologia de pesquisa de cunho antropológico, para coletar dados e munir-se de argumentos para encaminhar, judicialmente, o pedido de titulação das terras ocupadas por essas comunidades.

A partir dos dados preliminares de conceituação do que seja uma comunidade quilombola atual, as técnicas antropológicas identificaram o mais eficaz instrumento apto à caracterização dos beneficiários: a auto-identificação do grupo/indivíduo na condição quilombola.

Na concepção antropológica as comunidades remanescentes de quilombos constituem grupos étnicos, e assim sendo, a auto-identificação é o elemento definidor desta condição (Comissão Pró-Índio – SP/maio de 1996 *apud* Quilombos em São Paulo, 1997 p. 48).

Foi a partir da luta pela posse da terra, em 1988, que a população dessas comunidades rurais negras, descendentes de escravos e que até aquele momento não tinham idéia de sua importância histórica, iniciavam na militância pela manutenção de suas terras, seus modos de vida e da criação de uma identidade quilombola. De acordo com depoimento de Benedito Alves da Silva<sup>9</sup>, o Ditão, liderança quilombola de Ivaporunduva, foi esse o caminho encontrado para interromper o processo de desenvolvimento de projetos para a construção de

---

remanescentes de comunidades de quilombos e de sua regularização fundiária, implantando medidas sócio-econômicas, ambientais e culturais e de um Grupo Gestor para a implantação do Programa” (1996, p. 1. nota de rodapé n.º 1).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

barragens no Rio Ribeira de Iguape, ameaça que ainda perdura. Ditão é conhecido nacionalmente. Ele é referência na luta pela preservação dos territórios quilombolas e contra a construção de barragens no Rio Ribeira de Iguape.

Engajado na luta contra o racismo desde 1978 participou, enquanto morava em São Paulo, de diversos movimentos organizados pela Igreja que lhe dera embasamento para preparar seus irmãos quilombolas para a luta que estava por vir. Na comunidade, as reuniões sobre preconceito e conscientização da negritude aconteciam por iniciativa da Igreja. A mesma Igreja, que em tempos de escravidão buscou na Bíblia argumentos para a escravização do negro, hoje é a principal aliada na luta pela manutenção da cultura e identidade quilombola.

Ditão conta que as reuniões aconteciam dentro das igrejas, a portas fechadas, pois era tempo de ditadura.

*“Com a constituição de 1988 começamos a lutar pela posse da terra”.*

Quanto a ser líder, Ditão diz que é necessário amor pela causa e nem todo mundo se destaca como liderança.

*“É um trabalho social onde não recebemos nada. Então, nem todo mundo gosta. Eu gosto da luta, entrei na briga e não quero sair”.*

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada por Eliane de Souza Almeida em 18/10/2004, em Ivaporunduva, Eldorado/SP.

A identidade quilombola transformou-se na mais poderosa arma contra os mais diversos inimigos da segurança territorial dos quilombolas. As antropólogas Alessandra Schmidt, Maria Cecília Manzoli Turatti e Maria Celina Pereira de Carvalho, todas envolvidas nas pesquisas de cunho antropológico realizado pelo ITESP para a regulamentação da situação das terras quilombolas, realizaram um trabalho sobre a nova definição de quilombos. Neste trabalho, a questão da identidade quilombola construída a partir da necessidade de lutar pela terra pode ser percebida como arma contra seus inimigos.

Nos bairros rurais negros do Vale do Ribeira a necessidade de lutar contra os fazendeiros e grileiros e contra a construção de barragens ao longo do rio Ribeira de Iguape, que inundariam várias comunidades, [...] levou muitos desses bairros à construção da identidade de negros e quilombolas, em decorrência do artigo 68.. A identidade quilombola, até então um corpo estranho para estas comunidades negras passa a significar uma complexa arma nesta batalha desigual pela sobrevivência material e simbólica.<sup>10</sup>

A invisibilidade das comunidades remanescentes de quilombo só pode ser explicada pelo mito da democracia racial, onde todos são iguais (teoricamente), mas onde os negros continuam marginalizados. Esse mito, fortalecido por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala* na década de 1930, jogou para debaixo do tapete as sujeiras existentes na colonização brasileira e adotou a escravidão, como tentou fazer Rui Barboza ao queimar os documentos que indicavam as

---

<sup>10</sup> SCHMIDT, TURATTI e CARVALHO. *A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas*, p. 6. Acesso em 29/11/2004. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttest&pid=s1414-753X2002000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttest&pid=s1414-753X2002000100008)

origens dos negros africanos escravizados. Diz Júlio José Chiavenato, em sua obra *O Negro no Brasil* sobre tal mito:

A mestiçagem no Brasil ao contrário do que se afirma em alguns compêndios clássicos (Casa Grande e Senzala, por exemplo), nunca expressou uma política de 'democracia racial' (grifo do autor). Antes representou uma opressão a mais, impondo-se a superioridade do branco sobre o negro, refletindo o direito das classes dominantes de usufruir das mulheres negras. [...] A democracia racial no Brasil é um mito, nascido da violentação sexual contra os negros e sustentado pela hipocrisia da sociedade (1999 p. 52-53).

A territorialidade também é característica cultural das comunidades remanescentes de quilombo. O apego a terra é algo impressionante. Ditão costuma dizer que a terra é a grande mãe.

*"Quem não tem terra não tem nada. Vai viver como? Em favelas que nem o povo da cidade ou como passarinho, na copa da árvore? É da terra que se tira o sustento, que se constrói a moradia. Ela é a nossa mãe e mãe não se vende".*

Esse apego a terra pode ser observado em civilizações africanas onde os rituais de regadio, plantação, estrutura familiar, trabalho em mutirões nas colheitas são bastante próximos aos ritos das comunidades negras rurais brasileiras atuais. A posse comunal de terras, pleito requerido pelos quilombolas, já fazia parte das culturas africanas. O uso de esterco nas plantações como adubo, o manejo com

metais, a forja do ferro, técnicas da plantação de café e cana de açúcar, enfim, como afirma Chiavenato (1999 p. 26), esse desenvolvimento tecnológico do negro africano não foi levado em consideração por conta do racismo e dos preconceitos ideológicos repetidos ao longo dos quinhentos anos de Brasil.

O artigo *Essa terra é santa, essa terra é nossa* de Renato da Silva Queiroz, é parte de seu livro *Caipiras Negros no Vale do Ribeira: um estudo de antropologia econômica* (1983), e foi também publicado no livro *Quilombos em São Paulo* editado pelo Governo do Estado de São Paulo (1997). O texto de Queiroz indica que a terra não é somente provedora de sua segurança enquanto povo negro livre nos tempos da escravidão. Ela também provém tudo aquilo que é necessário para a sobrevivência e reprodução daquele povo. A terra fornece

... insumos como a lenha, vegetais para alimentação dos animais domésticos e plantas medicinais, sem contar as áreas para a pastagem de algumas cabeças de gado e também terrenos postos a descansar depois de intensamente cultivados. A regra é que estas porções de terreno sejam coletivamente utilizadas, enquanto as glebas destinadas à moradia e ao plantio ficam sob o controle direto das famílias que as ocupam num determinado momento (QUEIROZ, 1997, p. 109).

Lourdes Carril, em artigo publicado na internet sobre a situação territorial das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira<sup>11</sup>, afirma que a terra é a base fundamental para a sobrevivência física e cultural do camponês.

---

<sup>11</sup> Texto disponível em [www.cefetsp.br/edu/eso/trabalholurdes.html](http://www.cefetsp.br/edu/eso/trabalholurdes.html).



Porém trata-se, sobretudo, de refletir a respeito da questão da identidade como conceito revelador das diferentes formas de acesso a terra e das estratégias de conquista do direito (sic) a ela, sendo que na situação ora discutida, o fator étnico expressa uma parte da luta histórica do camponês (sic) por sua posse.

No Vale do Ribeira, conta Carril<sup>12</sup>, a presença de mata Atlântica propiciou a essas comunidades desde o início a prática do extrativismo e a existência de terras abundantes e livres forneceu as bases para a reprodução física e cultural desses grupos.

Estes fatores resultaram num saber sobre os recursos naturais e num vínculo duradouro dos indivíduos entre si e com o território, formando sua territorialidade. [...] As famílias há muito tempo utilizam o uso comum das terras, praticam agricultura familiar, reproduzindo uma vida camponesa, baseada em laços de solidariedade e de ajuda mútua.

Essas comunidades hoje já não podem mais explorar o que a natureza lhes dá ou plantar como faziam. Desde a década de 1950, as terras que até então eram devolutas deram origem ao Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR) colocando fim à liberdade de plantar dos camponeses negros que lá viviam. Na década de 1980, com a criação da Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra do Mar e do Parque Estadual Intervales os moradores do local ficaram impedidos de cultivar a terra sob pena de pagamento de multas, o que os colocou na situação de infratores permanentes.

---

<sup>12</sup> Idem.

Até o final da década de 1940, a agricultura de subsistência era o principal meio de sobrevivência dos quilombolas. No início de 1950 começa a procura pelo palmito e a exploração da mão-de-obra dos camponeses locais que vai até o final da década de 1960. Foram deixados de lado os meios de vida que lhes garantia o sustento. De acordo com Queiroz (1997)

Os demais meios de vida, até então produzidos diretamente pela comunidade [...] passaram a ser adquiridos por meio de trocas monetárias, não sendo raro que um mesmo agente desempenhasse o duplo e lucrativo papel de comprador de palmito e vendedor de outras mercadorias. Assim, de lavradores a palmiteiros, os moradores viram-se compelidos a uma troca cada vez mais desigual e impossibilitados, a partir de então, de retornar à condição anterior, a de lavradores [...] perdido com o abandono das roças e das criações, quer pela introdução de hábitos, necessidades e estilo de trabalho até aquele momento desconhecidos no interior do povoado (1997, p. 112).

A realidade do negro quilombola só foi posta à luz depois da constituição de 1988. O artigo 68 do Ato das Disposições Transitórias jogou a responsabilidade pela situação territorial das comunidades remanescentes de quilombo para quem era de direito. Cabe ao governo brasileiro regularizar a situação dessas comunidades e dar-lhes condição de manterem seus modos de vida, seus costumes. A posse das terras garantirá o futuro das próximas gerações e da própria identidade quilombola.

### 3.3. Liderança da porteira para dentro e da porteira para fora

A palavra de ordem em Ivaporunduva é “luta”. Aliás, fica bem fácil agregar esse substantivo a quilombo. Há muito tempo que a luta faz parte da realidade das comunidades quilombolas que existem no Brasil desde os tempos da escravidão. Hoje, não seria diferente. A liderança de Ivaporunduva vai além daquilo que podemos entender sobre o que é líder.

Existem tipos de lideranças que diferem dentro da estrutura da comunidade. Oriel Rodrigues, 33 anos, é nascido e criado em Ivaporunduva e está terminando a graduação em Direito. Está engajado na luta pelos direitos das comunidades quilombolas no território nacional. Oriel faz parte dos líderes daquilo que chama de liderança da “porteira para fora”.

Ele explica:

*“A liderança da **porteira para fora** é aquela em que o quilombola sai da comunidade e acumula bagagem sobre quilombos e assume papel de articulador das demandas da comunidade com a sociedade civil, gestores, Governo Federal, pesquisas, universidades, etc”.*

Oriel explica ainda que a comunicação entre esses líderes e seus interlocutores se dá de maneira vertical, ou seja, de cima para baixo, de superior para inferior o que muitas vezes gera conflitos. Mas, todo quilombola é bom de briga.

Outra forma de liderança é aquela que Oriol designa como “liderança da porteira para dentro”. De acordo com o quilombola, a liderança da **porteira para dentro** é a responsável pelo funcionamento interno da comunidade. Nesse tipo de liderança a comunicação é horizontal, ou seja, os interlocutores vivem a mesma realidade por isso se entendem.

Dentro de Ivaporunduva existe a divisão dos trabalhos e em cada tipo de trabalho há um líder. Esse líder pode ser escolhido em assembléia pela Associação de Moradores de Ivaporunduva ou pode ser uma liderança natural.

A seguir, vamos listar a divisão dos trabalhos e seus devidos líderes.

- José Rodrigues (Zé Rodrigues) – Líder em articulações políticas. Foi candidato, em 2004, à vereança de Eldorado. Perdeu o pleito. É membro do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e coordenador da Associação de Moradores de Ivaporunduva. É extremamente respeitado na comunidade e é o tocador de viola e cantador oficial de modas nos botecos.
- Benedito Alves da Silva (Ditão) – Faz parte da Associação dos Moradores de Ivaporunduva, do Conselho Curador do Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP) e representante estadual das Comunidades Quilombolas. Podemos dizer que Ditão é o líder cultural da comunidade. Quando há visitas em Ivaporunduva é ele o responsável pela palestra que conta a história da comunidade. É homem sério e que leva sua liderança com mãos de ferro. Por sua fibra, tornou-se a voz forte dos quilombos da região e referência nacional. É ele quem organiza reuniões com as demais comunidades para a disseminação das informações referentes aos interesses quilombolas.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

- Paulo Sílvio Pupo (Paulão) – Técnico em Turismo, e faz parte da Associação de Moradores de Ivaporunduva. Paulão é responsável pelo treinamento de pessoas interessadas em aprender como lidar com o meio ambiente e pelas excursões dentro da comunidade. Trabalha com guia turístico na Caverna do Diabo.
- Oriel Rodrigues de Moraes – Conselheiro do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Coordenador do Conselho Nacional dos Quilombos (CONAQ), atua na Diretoria Nacional dos Quilombos. Oriel é referência para a questão jurídica no que tange a quilombos. Atua em questões de interesse das comunidades quilombolas em geral.
- Olavo Pedroso (Olavinho) – Atua nas áreas de turismo e ecologia (reciclagem). Está sendo capacitado para fazer as mesmas coisas que Paulão.
- Antônio Cristino Pedroso Filho (Tostão) – É o responsável pelos atos litúrgicos na comunidade na falta do padre. Sabe os toques do sino para cada celebração. É também da Comissão de Esportes da comunidade. Treina as crianças, os homens e as mulheres para competirem em Eldorado. Organiza os dias de treino e horários nos campos.
- Denildo Rodrigues de Moraes (Bico) – Faz parte da Coordenação do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) em Brasília. É a ponte entre a discussão e a ação na capital federal.

- Maria da Guia Marinho Silva – Secretária da Associação de Moradores de Ivaporunduva e faz parte da Organização das Mulheres e da Pastoral da Criança.
- Vandir Rodrigues e Silvestre Rodrigues – São lideranças naturais no que se refere aos mutirões das plantações e colheitas. São extremamente respeitados e queridos na comunidade.

As mulheres também participam da atividade política da comunidade. A luta das mulheres de Ivaporunduva trouxe para a comunidade a água encanada, os ônibus escolares para as crianças, o maior número de ônibus para a ida até Eldorado, aumento do número de barqueiros para a travessia do Rio Ribeira de Iguape, além de estarem intimamente ligadas aos projetos de economia sustentável através da produção de bens artesanais. Tecem com palha de bananeira e fazem cestos de taboa, uma planta que dá na beira dos brejos. Trabalham também com o manejo da banana na produção de doces para a venda na cidade.

A saúde também é algo que preocupa as mulheres quilombolas. A alta taxa de mortalidade infantil na comunidade chamou a atenção da Pastoral da Criança de Eldorado. Em visita à comunidade, perguntaram às mães se elas gostariam de aprender coisas novas que garantiriam a sobrevivência de seus filhos. Foram capacitadas pelas freiras e hoje a mortalidade infantil é praticamente zero. As crianças estão bem nutridas e as jovens mães também recebem ajuda na complementação alimentar. Fazem parte da Pastoral em Ivaporunduva: Zica, D. Nilzete, Donaide, Meire, Maria da Guia, Zilda, Nativi, Alda e Nair.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

### 3.3.1. Líderes e os meios de comunicação

Os meios de comunicação atuam na transformação cultural de toda a comunidade as quais os absorve. Em Ivaporunduva não poderia ser diferente. De acordo com os relatos colhidos ao longo da pesquisa de campo, o meio ao qual têm maior acesso é a televisão. Existem outras variantes que atuam sobre os receptores e que podem ou não transformar a opinião e a conduta de sua audiência. Há, por parte dos líderes da comunidade, uma preocupação latente com o conteúdo dos programas e com a forma de utilização da televisão.

De acordo com Maria da Guia, liderança feminina da comunidade e mãe de três adolescentes, há que se ter cuidado com o que se vê na televisão, diz num discurso que se repete ao longo das entrevistas realizadas na comunidade.

*“Assistir televisão é muito bom, só não pode deixar a televisão dominar você”.*

Roberto Benjamin afirma que estudos de psicologia da comunicação demonstram que a percepção do conteúdo das mensagens está sujeita a critérios de: **exposição seletiva**, as pessoas só aceitam receber mensagens que não sejam contrárias às suas idéias, preconceitos e interesses; **percepção seletiva**, as pessoas, mesmo quando não conseguem fugir à exposição de mensagens indesejadas, que contrariam os seus interesses e ponto de vista, somente percebem o que lhes é favorável; **retenção seletiva**, as pessoas somente retêm

aspectos dos fatos, idéias, etc. que reforcem os seus próprios pontos de vista, esquecendo os que lhes são desfavoráveis. (2000, p. 17).

Por sua natureza, os meios de comunicação de massa enfrentam dificuldades em ajustar as suas mensagens a diferentes padrões culturais e interesses, idéias, preconceitos dos seus diferentes públicos. Os líderes de opinião exercem um papel fundamental na mediação das informações e opiniões emitidas pelos meios de comunicação de massa e os públicos receptores, reinterpretando as mensagens e adequando-as aos padrões culturais dos públicos sobre os quais exercem uma influência pessoal, reforçando a rejeição ou facilitando a sua percepção integral e aceitação. (BENJAMIN, 2000, p. 17-18).

No processo de formação das opiniões individuais, que depois se convertem no fenômeno da Opinião Pública, nós encontramos fatores básicos e fatores complementares. Entre os fatores básicos estão a educação, a vida familiar e a participação nos grupos primários. (MARQUES DE MELO, 1998, p. 210).

José Marques de Melo (1998) acredita que o processo de formação da Opinião Pública envolve todo um complexo de circulação das informações na comunidade. Desde as informações transmitidas de geração a geração (acervo de experiências) às informações ocasionais difundidas pelos meios de comunicação de massas e redifundidas pelos indivíduos nos grupos sociais. (1998, p. 209-210).

É claro que a educação reflete o sistema de propriedade e o sistema de classes. Reflete toda a dinâmica dos grupos sociais, no bojo da comunidade de que participa, justamente porque é no processo educativo que os valores da sociedade vão sendo

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



introjetados nos indivíduos. Se uma sociedade tem um sistema de propriedade A ou B, e um sistema de classes correlato, a educação vai refleti-los necessariamente. Como diz Kimball Young, 'entre os muitos grupos de referência com os quais podem identificar-se seus membros adultos, e que assim podem influir nas atividades de seus integrantes, nenhum é mais importante que a classe social. A classe social é um resultado da estratificação social, ou seja, do processo de estabelecimento ou adequação de uma graduação ou hierarquia mais estável de status e poder" (KIMBALL YOUNG, *Psicologia Social de la Opinión Pública y de los medios de comunicación*. Editorial Paidós. Buenos Aires, 1969, p. 35 *apud* MARQUES DE MELO, 1998, p. 211).

### **3.3.2. Formulação de valores a partir do acesso às informações via mídia massiva**

José Marques de Melo (2000) em seus estudos, mostra que existem fatores a que chama de complementares na formação das opiniões individuais. Esses fatores são os meios de comunicação de massa, os grupos de pressão e a propaganda.

Ele explica que os meios de comunicação difundem os fatos (não apenas informações jornalísticas, mas também mensagens de natureza artística e cultural) a respeito dos quais os cidadãos vão formular juízos de valor. Na realidade quilombola, foi observado que somente os fatos ligados a sua realidade são levados em consideração.

Os grupos de pressão procuram galvanizar a atenção das pessoas que compõem a sociedade e orientar a Opinião Pública num determinado sentido. A

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

propaganda, por sua vez, busca persuadir os indivíduos para a mudança de atitudes ou a conservação dos padrões existentes. A formação da Opinião Pública constitui realmente um processo complexo, que está condicionado por diversos elementos, ademais dos problemas de personalidade que tem o indivíduo (MARQUES DE MELO, 1998, p. 211).

Predominou, há algum tempo atrás, de acordo com Marques de Melo (1998), a idéia de que os meios de comunicação de massas atuavam como instrumentos todo-poderosos, capazes de moldar totalmente o comportamento humano. Como resultado, teriam condições para manipular a opinião pública, direcionando-a.

As pesquisas realizadas nos Estados Unidos por Lazarsfeld, Klaper, Merton, Katz, Hovland, Maccoby, etc., sobre o processo de formação da Opinião Pública nos meios de comunicação de massas atuam mais como “*desencadeadores* do que como *conformadores* (moldando, decidindo a direção a tomar). Não obstante tratar-se de um fenômeno coletivo, a Opinião Pública se consolida no seio dos próprios grupos primários, refletindo a consciência social que emana desses grupos” (MARQUES DE MELO, 1998, p. 214).

### 3.3.2.1. Mecanismos de defesa

Todo indivíduo que usa os meios de comunicação de massas [...] dispõe de uma série de mecanismos de defesa capazes de neutralizar, aniquilar ou reforçar possíveis intenções dos comunicadores institucionalizados ou individualizados. [...].

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Abaixo citamos:

- a) O uso dos meios de comunicação envolve todo um processo seletivo por parte do receptor [...];
- b) Os meios de comunicação atuam como reforço de situações preexistentes no receptor; por isso, as mensagens que não coincidem com os pontos de vista do receptor tendem a ser rejeitadas;
- c) A adoção de opiniões, a respeito de informações difundidas pelos meios de comunicação de massas, se faz sempre de acordo com as normas mantidas pelos grupos primários que constituem a audiência; nesse processo de adoção, desempenha papel fundamental a figura do líder de opinião;
- d) A mudança de opiniões só ocorre quando as normas do grupo (que tendem à fixação e conservação) são ineficazes ou quando essas normas tendem à mudança. [...] (MARQUES DE MELO, 1998, p. 219).

Em Ivaporunduva, os líderes já apontados instruem seus irmãos quilombolas a serem críticos no que tange às informações emitidas pelas redes de televisão. Não é fala de uma só voz a preocupação com o conteúdo do que se vê em Ivaporunduva. A fala é, principalmente, das lideranças que atuam porteira para fora. O papel de intérprete das notícias externas de interesse geral os qualifica para essa preocupação.

Luiz Beltrão fincou pé na leitura dos líderes de opinião feita por Lazarsfeld para explicar a dinâmica da comunicação em comunidades sem acesso aos meios de comunicação de massa. De acordo com Luyten (1988)

Chamamos de *líder de opinião* aquela pessoa que está entre o comunicador e o receptor que pode estar ou não, no momento em que se dá a comunicação. Sua função é dar prestígio ou credibilidade a um determinado comunicador ou assunto. [...] Cada líder de opinião exerce influência em um determinado assunto. [...] Em sistemas de comunicação popular, o papel do líder de opinião é extremamente importante. Justamente porque nestes casos interagem elementos de grupos heterogêneos ou de uma camada social para outra (1998, p. 10-11).

Diz Marques de Melo (1998) que em comparação com os meios formais de comunicação, o contato pessoal tem maior poder de influência por duas razões: seu alcance é mais amplo e possui certas vantagens psicológicas (por exemplo: recodificar as mensagens; procurar observar os anseios próprios do receptor, etc.); [...] para o líder de opinião, os meios formais constituem fontes mais eficazes que as influências pessoais [...]. (MARQUES DE MELO, 1998, p. 222).

Os cuidados com a qualidade das informações absorvidas através da televisão em Ivaporunduva estão intimamente ligados à preservação da cultura quilombola. Os líderes preocupam-se com a alteração no comportamento de seus jovens, os mais encantados com os programas de televisão, e com a falta de interesse pelos problemas que envolvem a sobrevivência da comunidade.

Afirma Marques de Melo (1998), que os efeitos das estratégias persuasivas utilizadas pelos produtores de programas de televisão apresentam certa

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

relatividade. Porque todas as mensagens, do ponto de vista da Opinião Pública, passam pelos filtros já mencionados. Os grupos primários reagem e vão reinterpretá-las; poderão aceitá-las ou não, rejeitá-las ou não (1998, p. 224).

A entrada da televisão na realidade quilombola é um marco na construção cultural dessa comunidade posta a margem da história nacional escrita com o sangue de seus antepassados. A inserção da tecnologia nessa comunidade nos dá a dimensão da importância de avaliar os meios de maneira nua e crua. Para os quilombolas que estão a forjar sua identidade cultural através de lutas políticas, os meios de comunicação, pelo menos, lhes deu alguma visibilidade.

Problemas que fazem parte de sua vida cotidiana passaram a fazer parte da agenda de discussões nos mais altos escalões políticos. As comunidades quilombolas já não estão invisíveis aos olhos do Governo.

Mas, por que o povo negro se vê nessa eterna condição de “marginal” da população brasileira? Trazidos à força como mão de obra escrava, o negro ainda luta para sair do limbo da indiferença e luta para encontrar um lugar em seu próprio país onde se sinta parte integrante.

## Capítulo 2

### 4. Trajetória da migração afro e Processo de conquista

Como falar de uma comunidade quilombola sem voltarmos ao passado? Para esse *flash back*, é necessário estarmos conscientes de que esses homens e

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

mulheres que para o Brasil foram trazidos como força de trabalho escravo, tinham uma estrutura social bem definida e seus lugares certos dentro dessas estruturas.

O mito de que a África é e sempre foi um continente inóspito chega a ser triste. O também mito de que o africano se entregou à escravidão sem resistência é uma grande mentira. Tanto é que onde havia escravidão, havia quilombo.

O maior símbolo de resistência ao regime escravista foi o nascimento dessas comunidades predominantemente negras, em lugares de difícil acesso, que aceitavam em seu seio índios, bandidos, procurados pela justiça, prostitutas e toda a sorte de pessoas. Uma busca pela África mãe, África colo, África liberdade.

O argumento preferido pelos mais desavisados é o fato de haver, entre as tribos africanas, o costume da escravidão. Mas, o tipo de escravo o qual fazia parte da dinâmica africana é bastante diferente daquele utilizado nas colônias do novo mundo. Os escravos das conquistas perdiam a qualificação de seres humanos para serem coisas.

Paul E. Lovejoy em seu livro *A escravidão na África, uma história de suas transformações* (2002), discorre sobre as formas de escravidão na África. Lovejoy assim define escravidão:

A escravidão era uma forma de exploração. Suas características específicas incluíam a idéia de que os escravos eram uma propriedade; que eles eram estrangeiros, alienados pela origem ou dos quais, por sanções judiciais ou outras, se retirara a herança social que lhes coubera ao nascer; que a coerção podia ser usada à vontade; que a sua força de trabalho estava à completa disposição de um senhor; eles não tinham direito à sua própria sexualidade e, por extensão, às suas próprias capacidades

reprodutivas; e que a condição de escravo era herdada, a não ser que fosse tomada alguma medida para modificar essa situação (2002, p. 30).

A dinâmica africana da escravidão era diferente: fazia cativos os perdedores de guerras e os que não tinham como saldar suas dívidas. Muitos desses escravos se casavam com membros da família de seus donos e passavam a fazer parte dela. Sobre esse assunto, diz Lovejoy:

É incorreto pensar que os africanos escravizassem seus irmãos [...]. Na verdade, os africanos escravizavam seus inimigos. Essa concepção de quem podia ser escravizado servia aos interesses do mercado externo e permitia a ascendência política de alguns africanos no continente. Guerra, seqüestro, e manipulação de instituições jurídicas e religiosas são responsáveis pela escravização da maioria dos cativos, tantos daqueles exportados como daqueles retidos na África (2002, p. 55).

A escravidão não foi exclusividade do povo africano. Desde a Antiguidade, conforme aponta Guilherme dos Santos Barboza (1993, p. 13b), antropólogo, em seu *Relatório Etnológico Técnico-Científico* sobre as comunidades remanescentes de quilombo do Vale do Ribeira, a escravidão existe enquanto instituição. Ela sempre foi regida por princípios morais e normas sociais, comerciais e jurídicas, na maioria dos casos, como atesta a História. Assim, a escravidão podia dar-se:

- Por captura – nas batalhas, nas guerras, etc.
- Por compra – como no caso típico de José do Egito.
- Por nascimento – filhos nascidos de pais escravos eram naturalmente escravos.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

- Por restituição – no caso de um ladrão roubar e não ter como pagar seria ele mesmo vendido, e com o produto dessa venda, quitar-se o prejuízo.
- Por inadimplência – na incapacidade do devedor pagar suas contas, a ele era facultado vender um ou mais filhos, a esposa, e até a si próprio, para saldar a dívida.
- Por auto-venda – onde a pessoa vendia-se voluntariamente.

Para legitimar a escravidão negra foram criados vários argumentos. De acordo com Kabengele Munanga (1988) em seu livro *Negritude, usos e sentidos* onde analisa a criação do termo e o significado de negritude, buscando uma explicação na linha do tempo, nos aponta a primeira justificativa utilizada pelos portugueses surge através da missão colonizadora. “Esse peso e essa responsabilidade que a sociedade colonial deveria assumir a fim de tirar os negros da condição de selvagens, poupando-os do longo caminho percorrido pelos ocidentais” (1988 p. 13).

Outra justificativa era a suposta superioridade do branco sobre o negro onde o fator da cor da pele e dos diferentes costumes foram argumentos bastante utilizados e que deram origem aos preconceitos existentes até os dias atuais. Munanga (1988) aponta ainda as buscas científicas para explicar a cor negra na pele dos africanos. Nada de concreto foi comprovado.

A Bíblia também foi utilizada como instrumento na construção da argumentação a favor da escravidão. A história da maldição sobre o filho de Noé e seus descendentes foi incentivador desta violência contra os africanos além das bulas papais que mostravam a maneira “correta” de tratar os escravos.



Abaixo segue três passagens bíblicas que foram utilizadas como ferramenta na formação da idéia de que o povo negro teria nascido para ser escravizado e a formatação das normas de conduta em relação à escravidão.

### **A maldição de Cam**

Noé tinha três filhos Sem, Jafé e Cam. Conta o antigo testamento, que Noé embebedou-se com vinho e foi visto por Cam a dormir, completamente nu. Contou a seus irmãos o que vira. Sem e Jafé cobriram o corpo nu de seu pai.

Ao acordar, Noé se viu coberto e quis saber quem o tinha feito. Jafé e Sem disseram que Cam o havia visto nu e contara a eles, por isso o cobriram.

Em sua cólera, lança sobre o filho delator uma maldição que perseguiria Cam e a todos os seus descendentes, começando por Canaã, seu filho primogênito.

“Maldito seja Canaã! Escravo dos escravos será para os seus irmãos. Bendito seja o Senhor, o Deus de Sem! E seja Canaã seu escravo. Amplie Deus o território de Jafé! Habite ele nas tendas de Sem e seja Canaã seu escravo”.

E foi assim que aconteceu...

Nessa passagem de Noé, o filho Cam, o amaldiçoado, foi quem deu origem aos povos africanos os quais foram, ultrajantemente, escravizados pelos povos europeus.

### **Mito da Torre de Babel (Gênesis, 11, 1-9)**

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Em todo mundo havia somente um povo e uma língua. Saindo do Oriente, esse povo instalou-se em uma planície em Sinear, onde se fixaram.

Decidiram construir ali uma cidade com uma torre tão alta que tocasse o céu. Acreditavam que assim o nome daquele povo seria conhecido por todos e não seriam espalhados pelo mundo.

Deus desceu para conhecer a cidade e a torre. Percebendo que aquela união os fortalecia demais e que, em breve, nada seria capaz de impedi-los de fazer o que quisessem. Deus decidiu confundir a língua que falavam para que não se entendessem.

“Assim, o Senhor os dispersou dali por toda a terra, e pararam de construir a cidade. Por isso foi chamado de Babel, porque Deus confundiu a língua de todo mundo. Dali o Senhor os espalhou pela terra” (Gênesis, 11, 8-9).

A Torre de Babel reforça a idéia de que é preciso dividir para enfraquecer. Esse mito dá subsídios aos europeus para a técnica de captura de africanos de diferentes etnias para dificultar a comunicação e enfraquecer qualquer tentativa de união. Eles só não contavam que os negros escravos se uniriam em torno da sua realidade: a vivência da escravidão e a luta pela liberdade.

### **Ismael, filho da escrava negra Hagar com Abraão**

Abraão era descendente de Sem, o filho de Noé que povoou o território dos povos judeus. Casado com Sara, uma mulher judia e riquíssima, não possuía filhos, o que o preocupava, pois não deixaria herdeiros.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Sara possuía uma escrava egípcia chamada Hagar. Ofereceu-a em núpcias a seu marido para que pudesse sair daquele ventre escravo e negro, o filho que tanto queria.

Hagar quando se viu grávida passou a olhar sua senhora com desdém. Sara foi reclamar para o marido sobre o comportamento de Hagar e ele deixou nas mãos de Sara a forma com que resolveria o problema.

Sara maltratou tanto Hagar que esta fugiu para o deserto. Enquanto fugia, um anjo apareceu para Hagar e lhe perguntou para onde ia e por que estava ali no deserto. Ela lhe respondeu que fugia de sua Senhora. O anjo então lhe disse para voltar e respeitar sua senhora. E disse mais:

“Você está grávida e terá um filho, e lhe dará o nome de Ismael, porque o Senhor a ouviu em seu sofrimento” (Gênesis, 16, 11-12).

Ismael nasceu quando Abraão contava com 86 anos.

Quando Abraão estava com seus 99 anos e Sara 90, Deus lhe veio e disse que dali a um ano sua esposa lhe daria um filho que se chamaria Isaque e ele seria seu herdeiro e continuaria a aliança com o Divino.

Abraão pede a Deus que Ismael, seu filho com a escrava, fosse seu herdeiro, pois estava temeroso de Sara enfrentar a gravidez. Deus o acalmou e lhe respondeu:

“Na verdade Sara sua mulher, lhe dará um filho, e você lhe chamará Isaque. Com ele estabelecerei a minha aliança, que será aliança eterna para seus futuros descendentes. E no caso de Ismael, levarei em conta o seu pedido. Também o abençoarei; eu o farei prolífero e multiplicarei muito sua descendência. Ele será pai de doze príncipes e dele farei um grande povo” (Gênesis, 17, 19-20).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Nasce Isaque. No tempo certo, o menino é desmamado. No dia da desmama Abraão dá uma grande festa. Sara percebe que Ismael ri de Isaque. Raivosa, exige de Abraão a expulsão de Hagar e de Ismael do local. Ela já havia lhe dado o filho legítimo, aquele que seria seu real herdeiro e não precisava mais aturar a presença nem de Ismael nem de sua mãe.

Abraão ficou muito triste, pois gostava do menino Ismael. Angustiado, Abraão roga ao Senhor uma solução e Deus lhe diz para fazer o que Sara lhe exigia, para não se preocupar, Ismael estava sob os cuidados Dele. E assim, na manhã seguinte à festa, Hagar e Ismael foram embora para o deserto.

Ismael cresceu e viveu no deserto como flecheiro e casou-se com uma bela mulher, egípcia como sua mãe.

Já o exemplo de Hagar, a escrava egípcia, portanto, africana e conseqüentemente negra, e seu filho Ismael é o retrato do descaso e da usurpação do corpo escravo para a realização de desejos do senhor e quando já não há mais serventia aquele servo e sua “cria” são descartados.

#### **4.1. Conquista de territórios**

Em agosto de 1499, logo após a chegada de Vasco da Gama a Lisboa da primeira viagem à Índia, D. Manuel, rei de Portugal, apoiado pelas bulas papais, presenteia-se com o título de “Rei de Portugal e dos Algarves d’aquém e d’além mar em África, Senhor de Guiné e da Conquista da Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e [...] Índia” (*apud* ALENCASTRO, 2000, p. 11).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Em março de 1514, D. Manuel vai a Roma discutir com o Papa questões da política internacional, mas queria mesmo mostrar ao mundo seu poder e riqueza. Organiza uma grande comitiva e desfila orgulhoso pelas ruas de Roma.

[...] o magnífico cortejo português saiu da Praça do Povo, em Roma, em direção ao Vaticano. Em sua frente desfilavam 300 cavalos enfeitados por mantos de brocado e ouro, montados por cavaleiros ricamente vestidos de seda. Seguia-os uma multidão engalanada, formada por portugueses que moravam em Roma, padres, militares, mercadores e parentes dos embaixadores. Sobre cavalos de raça com arreiros de ouro e pérolas, apresentavam-se 50 fidalgos, adornados com chapéus de plumas bordados com aljófar, colares e anéis de ouro e pedras preciosas, fitas e fios de seda, vestimentas de veludo e renda, portando armas e escudos artisticamente trabalhados. Encerrando a primeira parte do cortejo, marchavam besteiros, acompanhados da guarda de arqueiros suíços do Vaticano. Músicos abriam a segunda parte do desfile, preparando a multidão para as grandes sensações. Um elefante coberto por um grande tapete oriental, sobre o qual repousa um cofre artisticamente trabalhado, contendo o pontifical que D. Manuel oferecia a Leão X, uma onça domesticada, deitada sobre um cavalo da Pérsia e dois leopardos, carregados em gaiolas douradas. Não fora possível apresentar o rinoceronte, morto durante a viagem [...] (AMADO E FIGUEIREDO, 2001, P. 7-8).

Portugal já havia conseguido conquistar territórios em três continentes e buscava caminhos para enriquecer explorando-os. Os primeiros tempos foram difíceis e antes mesmo do final do século do descobrimento (1450-1550), as metrópoles reorientam as correntes ultramarinas a fim de colonizar seus colonos.

As conquistas portuguesas começaram por Ceuta, no extremo Norte da África em 1415 e terminaram em 1999, com a devolução de Macau a China. O império português cresceu depressa, mas por falta de estrutura, desfaleceu rapidamente. Durante o século XVII grande parte de suas possessões passou para o poderio inglês ou holandês depois de viver sob o controle espanhol durante 60 anos (1580 – 1640).

D. Manuel, após 1460, detinha o monopólio das terras e das atividades econômicas, por conta disso “delegou a particulares vários empreendimentos ultramarinos” (AMADO E FIGUEIREDO, 2001, P. 15).

Alencastro (2000) explica que no início do processo de conquista a Coroa concedia plenos poderes aos colonos. Décadas mais tarde a realeza decide mudar de tática: restringe a autonomia dos colonos e estabelece o monopólio ultramar e edita leis que submetem os colonos a governadores que os fazem lembrar o tempo todo o real motivo da colonização.

É o processo de colonização dos colonos: a Coroa aprende a fazer rios coloniais correrem para o mar metropolitano; os colonos compreendem que o aprendizado da colonização deve coincidir com o aprendizado do mercado, o qual será – primeiro e, sobretudo, – o mercado reinol. Só assim podem se coordenar e se completar a dominação colonial e a exploração colonial (ALENCASTRO, 2000, p. 22).

O primeiro problema enfrentado foi o de braços para o trabalho. Diz Alencastro:

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Mesmo nos lugares onde a relação de forças se afigurava favorável aos invasores europeus, não adiantava cair matando: a escravidão e outras formas de trabalho compulsório facilitavam o domínio dos nativos, mas podiam não resultar na exploração das conquistas.[...] Uma segunda circunstância sobrevém, agora no plano político. [...] As transações oceânicas e o ascenso dos comerciantes faziam emergir novas forças sociais nas metrópoles e nas conquistas, alterando o equilíbrio das monarquias européias (ALENCASTRO, 2000, p. 11-12).

A Igreja Católica teve grande importância no fortalecimento do império luso. Ela está intimamente ligada a origem do país, criado durante a Guerra da Reconquista, luta sangrenta travada pelos cristãos da Península Ibérica contra os muçulmanos ali estabelecidos desde o século VIII, os mouros, como os denominavam os portugueses (AMADO E FIGUEIREDO, 2001, P.16).

De acordo com Amado e Figueiredo (2001), ser cristão, ser católico nos primeiros séculos da história de Portugal definiu visões de mundo e comportamentos da população portuguesa, vinculou-os a uma tradição, dividindo, assim, o mundo em aliados e inimigos de Portugal.

As bulas papais conferiam a Portugal, entre outras coisas, o direito de comerciar com exclusividade nas terras encontradas além-mar e, em 1493, pela bula *Inter coereta*, praticamente dividiu o mundo entre espanhóis e portugueses. Os inimigos eram fiéis de outras religiões, no início principalmente os muçulmanos, habitantes da península ibérica, senhores do Magreb (a região norte da África) e ativos no litoral africano oriental (2001, p. 16-17).

Depois de iniciado o processo de expansão ultramarina, a Igreja Católica participou ativamente da colonização. A igreja estava voltada para a educação formal dos próprios clérigos e das elites católicas, para a catequese, a conversão de pagãos e infiéis.

Os mercadores de escravos também contribuíram, e muito, para o crescimento do império lusitano. De acordo com Amado e Figueiredo (2001), desde que o litoral da África começou a ser explorado pelos portugueses, o único objetivo era o lucro certo.

As feitorias, os postos comerciais construídos ao longo dos litorais para o recebimento e a entrega de mercadorias são a melhor expressão do modelo luso de expansão. Os autores afirmam ainda que o objetivo primordial das feitorias, que com o tempo se espalharam por todo o império português – da África à Ásia e ao Brasil – “era o de garantir as atividades comerciais, interferindo nas sociedades locais apenas para assegurar a continuidade dessas atividades”. Amado e Figueiredo explicam também que Portugal só resolveu colonizar suas conquistas quando estava prestes a perder esses territórios. Foi o que aconteceu com as terras brasileiras que até o século XVI não eram consideradas posse de Portugal.

[...] a colonização lusa foi posterior à expansão comercial, o que gerou o seguinte paradoxo: quase todas as áreas fundamentais no início do império não permaneceram portuguesas durante muito tempo, pois não foram colonizadas; ao contrário, as áreas no início menos importantes [...] foram as que mais tempo pertenceram a Portugal, transformadas em colônias. Da Índia tão cobiçada restaram apenas Goa, Damão e Diu; do Japão, nada ficou português e das tantas ilhas do Índico, apenas Timor permaneceu lusa. Em compensação, Angola, Moçambique e Brasil, de menor projeção

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



na fase inicial, tornaram-se com o tempo importantes colônias (AMADO e FIGUEIREDO, 2001, p. 20).

Portugal era pioneiro na arte marítima e sua competência nessa área não pode ser negada. Mas, a Coroa, desde antes da expansão ultramarina, necessitou associar-se a negociantes de outros países que estivessem prontos para aventura da navegação. As primeiras alianças foram feitas com as capitais e navegantes da península itálica.

A associação dos lusitanos não se restringiu aos “italianos”, estendendo-se a outras nacionalidades. Por haver recebido grande número de colonos provenientes das atuais Holanda e Bélgica a partir de 1450, os Açores ficaram conhecidos como *ilhas flamengas*. A distribuição dos produtos portugueses na Europa [...] sempre esteve a cargo de outros europeus. A montagem dos engenhos de açúcar no Brasil deu-se com capital holandês. Desde que começou, o tráfico de escravos foi transnacional. Muitos cristãos-novos e judeus alguns deles naturais da Espanha, França e Países Baixos estiveram presentes nos negócios lusos com o norte da África, o Brasil e partes da Ásia. A partir do século XVIII, os ingleses controlaram a economia do reino e de muitas colônias portuguesas (AMADO e FIGUEIREDO, 2001, p. 26).

O pioneirismo português na expansão marítima trouxe-lhe problemas com diversos países concorrentes de olho nos fabulosos lucros das rotas comerciais. As naus lusitanas desde o século XV eram atacadas por corsários e piratas de várias nacionalidades. A Holanda, muito bem equipada, foi a primeira a atacar com avidez as possessões portuguesas. No século XVI a França e após 1640 a Espanha também partia para cima das colônias lusitanas.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

E não eram sós os grandes países colonizadores que colocavam para fora os portugueses de suas conquistas. Os povos nativos por muitas vezes conseguiram expulsar de seus territórios os portugueses. Foi o caso dos etíopes que, em 1630; dos persas, que tomaram retomaram Ormuz em 1622; dos japoneses, que perseguiram clérigos católicos e, em 1639, proibiram a presença de lusos em seu território; e de vários povos muçulmanos, que durante o século XVII recuperaram a maioria dos locais ocupados pelos portugueses nos litorais africanos, do Marrocos à África oriental (AMADO E FIGUEIREDO, 2001, P. 31).

As dívidas foram outro problema sério que a Coroa portuguesa enfrentou desde o século XV. Nenhum rei português havia acumulado riqueza suficiente para sanar suas dívidas contraídas para a realização das viagens, construção de embarcações e colonização ultramar. O extremo luxo da corte portuguesa a partir do início do reinado de D. Manuel também contribuiu para o aumento da dívida.

Para compensar as dívidas, explicam Amado e Figueiredo (2001), o Estado português cobrava altíssimos impostos, principalmente dos colonos que tinham seus produtos taxados várias vezes. Como a arrecadação de impostos não dava conta de pagar todas as dívidas da Coroa, novos empréstimos eram contraídos o que deu origem a um círculo vicioso. A Coroa lusitana tornou-se dependente de “um poderoso grupo de grandes banqueiros, comerciantes e investidores internacionais, como as empresas dos Fugger, dos Welser, dos Hochstatter e dos Imhof, de língua alemã, ou dos Marchionni e dos Affaitadi, de língua italiana” (2001, p. 32-33).

No Peru e em quase toda América espanhola, os conflitos entre colonos, Igreja e Coroa nascem da luta pelo controle dos nativos.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Carlos V proclama em 1542-3 as *Leyes Nuevas*, que reconhecem a soberania indígena, prevêm o fim das *encomiendas*, das concessões de indígenas feitas aos conquistadores e a passagem gradual de todos os nativos à dependência direta da Coroa, à qual pagariam tributos (ALENCASTRO, 2000, p. 12).

A Coroa queria o Peru para ela e para isso impedia a criação de capitânicas hereditárias e impunha sua autoridade sobre as terras e os povos conquistados e por conquistar.

Em 1545, foi descoberto prata em Potosí, território peruano, o que reorganiza o fluxo mercantil. O poder imperial se articula na elaboração de um discurso que justifique a introdução da nova regra política e ideológica arquitetada na Europa: a *Pax Christiana*.

Uma riqueza metálica prodigiosa tinha sido providencialmente escondida e depois descoberta nessa parte da terra, para pagar o salário de seus evangelizadores, para exaltar o Deus dos Católicos contra o herege (o luterano) e contra o infiel (o muçulmano) (ALENCASTRO, 2000, p. 13).

Em 1571, a conquista de Angola foi concedida pela Coroa. Paulo Dias Novais, neto de Bartolomeu Dias, a administraria como capitania hereditária. Deixado de lado pela metrópole e com grandes despesas, concedeu em 1578, aos conquistadores e jesuítas terras, nativos e rendas. De acordo com Alencastro (2000) esses novos arrendatários eram denominados “amos” e controlavam os chefes das tribos, os “sobas”, e cobravam impostos desta população. Ele explica

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

que na maioria das vezes esses impostos eram pagos com escravos que eram exportados para a América.

Constata-se que não há prata em Angola e que o verdadeiro tesouro é o braço negro. Diz Alencastro:

Constatando que Angola não tinha minas de prata, como se supusera até então, e que o tráfico transatlântico de escravos emergia como a principal atividade da área, a Coroa retoma a colônia em mãos. A capitania hereditária é extinta, e um governador, depositário direto da autoridade régia, recebe ordens para sustar a instituição de amos. Inconformados, os conquistadores e os jesuítas se amotinam contra o governador Francisco de Almeida (1592-93), encarregado de aplicar as novas diretivas da Coroa. [...] a facção dos amos ganha momentaneamente a parada. Excomungado pelos missionários e posto a ferros pelos rebeldes, o governador Francisco de Almeida acaba sendo expulso de Angola, dez meses após sua chegada. Pau-mandado dos jesuítas, seu irmão Jerônimo assume o governo angolano e suspende a ordem régia causadora do levante (2000, p. 14).

A colonização de Moçambique deixa bastante clara a fragilidade da administração lusitana. Somente em 1756 Moçambique passa a fazer parte da pauta no mercado recebendo a primeira tabela de direitos de exportação sobre escravos. Somente dois séculos e meio depois do início das conquistas é que Moçambique entra no circuito.

O país ganha visibilidade por sua posição estratégica de escala na rota da Índia. Era nos portos moçambicanos que as naus portuguesas invernavam à espera do fim das monções marítimas. Depois de várias tentativas frustradas de

controle, Portugal muda as regras de aliança e de herança redefinindo a política metropolitana nessa parte do ultramar (ALENCASTRO, 2000, P. 17).

A nova regra instituía os prazeiros e, diferente das costumeiras regras lusitanas onde as mulheres ficavam de fora de recebimentos de herança ou de concessões ou bens outorgados pelo rei, esse contrato dava à mulher a garantia de hereditariedade feminina somente e se a herdeira casasse com um português legítimo.

Conta Alencastro (2000) que esse sistema não funcionou muito bem, pois deu origem a casamentos “insólitos nos quais a mão das prazeiras era tão cobiçada quanto a das princesas. Muitas dessas damas enviuvaram e logo tornaram a se casar com pretendentes desejosos de se tornar proprietários” (2000, p. 18). Esse sistema é utilizado até meados do século XIX quando Moçambique entra no circuito atlântico do tráfico negreiro.

## 4.2. Fortalecimento da escravidão negra no Brasil

Para que Portugal conseguisse continuar no mercado e mantivesse suas conquistas, já bem menores do que no início dos tempos áureos de desbravadores dos mares, a Coroa se viu obrigada a explorar em seus territórios a existência de metais preciosos.

A Coroa lusitana não tinha meios nem força para conservar seu espaço transcontinental. Vencida por seus outrora aliados e agora concorrentes, muito melhor instrumentados, perde mercados e territórios, principalmente no Oriente.

Estruturam nas colônias do Atlântico uma política de “produção de mercadorias para a economia-mundo, dando origem a uma forma mais avançada de exploração colonial. Logo, se patenteia a superioridade do sistema atlântico, baseado na pilhagem dos povos africanos e na agricultura escravista americana” (ALENCASTRO, 2000, p. 30).

Na busca incessante de uma fonte de renda líquida e certa, Portugal define algumas prioridades. De acordo com Alencastro (2000), primeiro o tráfico de africanos passa a constituir um segmento da rede que liga Portugal ao Médio e Extremo Oriente.

Nas relações com a Ásia, Lisboa devia saldar suas trocas com remessas de ouro [...], prata [...], cobre [...], metais dos quais Portugal era pouco provido. As primeiras expedições na África têm o intuito de procurar jazidas e feiras nativas onde se permutavam metais preciosos. Com o fito de obter o ouro do rio Níger, os portugueses trocam com os nativos vizinhos da fortaleza construída em 1482 em São Jorge da Mina [...] escravos trazidos do litoral oeste (do Benim), inaugurando o trato negreiro marítimo naquelas partes africanas (ALENCASTRO, 2000, p. 30).

Em segundo lugar, o comércio de escravos se apresenta como fonte de receita para o tesouro da Coroa e o tráfico surge como vetor produtivo da agricultura das ilhas atlânticas. Somente depois da segunda metade do século XVI que o Brasil aparece como um promissor mercado para os negreiros.

O Brasil, Terra de santa Cruz, passa a ser objeto de atração na constituição de plantações, que até então estava centralizada no Caribe. A construção de engenhos tem o respaldo dos alvarás de 1554 e 1559, que davam ao senhor de engenho o direito de importar 120 africanos pagando apenas um terço das taxas.

É o tráfico de escravos que, aos poucos, organiza o sistema colonial. O movimento de organização da estrutura historicamente determinada pelo capitalismo comercial é ativado em diversos níveis:

- A metrópole é investida de poder eminente, na medida em que o controle do trato negreiro que lhe dá o comando da reprodução do sistema escravista [...].
- A Coroa e a administração régia encontram novas fontes de receitas no trato de escravos [...].
- O enfrentamento triangular opondo a administração régia aos moradores e aos jesuítas e os dois últimos entre si, é provisoriamente contornado. A introdução de africanos facilita a evangelização, aliviando o cativo indígena e contribuindo para reduzir a autonomia que os moradores retiraram de seu controle sobre o trabalho indígena [...].
- Os negociantes combinarão as vantagens de uma posição privilegiada na compra do açúcar com as vantagens inerentes a uma situação privilegiada na venda de escravos. Com o apoio dos tratistas e funcionários régios de Angola, Costa da Mina e Guiné, os mercadores da América portuguesa facilitam a venda de escravos africanos [...] a fim de controlar a comercialização dos produtos agrícolas [...].
- O comércio externo da colônia é dinamizado. Na esfera macroeconômica, o comércio atlântico de escravos amplia a demanda das zonas agrícolas [...]. Em nível microeconômico, os lucros das fazendas e engenhos servem de garantia para a compra de novos escravos [...].

- No longo prazo, o recurso ao crédito e à compra antecipada de africanos favorece os moradores. Tendo em vista o investimento reinol e europeu canalizado para o negócio negreiro durante o monopólio português [...], a oferta de escravos africanos se torna mais regular e flexível que a de índios. [...] Na cadeia de trocas e traumas, os indivíduos frágeis (escravos africanos) geralmente pereciam, ao passo que os sobreviventes sofriam uma intensa dessocialização. (ALENCASTRO, 2000, p. 34-39).

A dessocialização, a retirada de um homem de sua sociedade e de seu ambiente familiar para transforma-lo em “coisa” com status de animal, foi a mais terrível das violências sofridas pelos cativos africanos. Perdiam sua liberdade, sua identidade, sua religião, sua sexualidade, seu senso de pertença à raça humana. Sua força de trabalho era vendida, não tendo ele direito a nada.

A chegada em massa de negros africanos no Brasil se dá pelo fato de os índios serem muito vulneráveis às doenças chegadas com os portugueses. Os negros estavam imunizados contra algumas epidemias normais no Mediterrâneo e na zona tropical da África e por isso se tornavam mais fortes.

Os índios morriam aos milhares por conta dessas moléstias e os braços para o trabalho se tornaram poucos. Inicia-se, ao final do século XVI, o repovoamento colonial e mercantil baseado na chegada de colonos europeus e escravos africanos. De acordo com Alencastro (2000), “é somente no terceiro quartel do século XVII que o trabalho escravo africano se torna irreversível no Brasil” (2000, p. 40).

Portugal percebe que a exploração de metais preciosos em suas colônias africanas (Angola e Moçambique) era demasiadamente difícil. Potosí, no Peru,

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



fazia fronteira com o Brasil e acreditava-se as minas de prata se estendessem até território brasileiro.

A mão-de-obra indígena escasseava e o jeito foi buscar braços angolanos para trabalhar no Brasil. Essa atitude ajudou a Coroa lusa a manter nossa *terra brasilis* sob sua possessão. Somente décadas mais tarde, encontra-se ouro em Minas Gerais e no Vale do Ribeira, em São Paulo e a escravidão africana se intensifica no Brasil.

### 4.3. A África no Brasil

Foram quase quatro séculos de escravidão no Brasil e o número de negros cativos para servirem de força de trabalho ainda são imprecisos. Embora não se possa afirmar o número exato de africanos trazidos pelo tráfico, é possível fazer algumas estimativas.

Clóvis Moura, em seu livro *História do Negro Brasileiro* (1992), onde conta a trajetória do negro no Brasil e seu papel no povoamento do país, compara as estimativas do historiador Rocha Pombo, que calcula em 10 milhões o número de negros africanos entrados, às de Renato Mendonça, que afirmou ter sido de 4 mi 830 mil. De acordo com Moura, Renato Mendonça se apoiou em estatísticas aduaneiras, não se sabe com que critérios.

Jaime Pinsky, em trabalho dedicado à escravidão no Brasil, aliás, esse é o título de seu livro publicado em 1992, mostra em tabela de dados colhidos pelo IBGE, que no século XVI foram traficados 50 mil negros; no século XVII, 560 mil;

no século XVIII cerca de 1 mi 680 mil e 100 e no século XIX por volta de 1 mi 732 mil e 200<sup>13</sup> (Fonte: Estatísticas históricas do Brasil. IBGE, 1987, p. 58 *apud* PINSKY, 1992, p. 29).

É necessário que se diga também que ficam fora dessas contagens os escravos vindos de maneira clandestina. O problema do contrabando com certeza não foi computado como uma variável a ser considerada. O certo é que cerca de 40% do total de africanos retirados da África durante a existência do tráfico desembarcaram no Brasil (MOURA, 1992, p. 10).

Outra incerteza é a origem dos africanos aqui chegados. Ao fim da escravidão, Rui Barbosa<sup>14</sup>, Ministro da Fazenda, resolve:

1.º - Serão requisitados de todas as tesourarias da Fazenda todos os papéis, livros e documentos existentes nas repartições do Ministério da Fazenda, relativos ao elemento servil, matrícula de escravos, dos ingênuos, filhos livres de mulher escrava e libertos sexagenários, que deverão ser sem demora remetidos a essa capital e reunidos em lugar apropriado na recebedoria.

2.º - Uma comissão composta dos Srs. João Fernandes Clapp, presidente da Confederação Abolicionista e do Administrador da recebedoria desta capital dirigirá a arrecadação dos referidos livros e papéis e procederá à queima de destruição imediata deles, o que se fará na casa da máquina da Alfândega desta capital, pelo modo que mais conveniente parecer à comissão.

Capital Federal, 14 de dezembro de 1890.

Ruy Barbosa

---

<sup>13</sup> Pinsky atenta para o detalhe do crescimento desenfreado do tráfico, principalmente, no período entre o século XVII e XVIII. Ele aponta o fato de no século XVIII o número aumenta consideravelmente, em 50 anos traficou-se mais do que no século anterior inteiro.

Mas, de onde vieram esses cativos? Quem eram esses heróis e heroínas negros que conseguiram, a duras penas, sobreviver à viagem nos tumbeiros<sup>15</sup>. Como já foi dito, a escravidão azia parte da dinâmica social africana. Principalmente na África muçulmana, localizada ao norte do continente, na região dos desertos do Saara e Sahel (ao sul do Saara), era comum a venda de escravos. Esses foram os responsáveis pela abertura desse comércio de seres humanos.

Conta Alencastro (2000), que a geografia comercial e a história africana favoreceram a penetração europeia no continente para a mercantilização humana.

Rios cursados pelos nativos, e em particular o Senegal, o Cacheu e o Gâmbia, traziam os escambos dos sertões para o litoral. Do rio Senegal se irradiava uma rede de trocas que interligava a Senegâmbia e o Golfo da Guiné. De mais a mais [...], várias sociedades subsaarianas conheciam o valor mercantil do escravo. Nos lugares onde não havia essas precondições, a compra de escravos se revela problemática (2000, p. 46).

Apesar de ser comum a escravidão na África, em algumas sociedades a venda de seres humanos não era aceita e nem fazia parte da realidade, o que atrapalhava os planos do conquistador. Na segunda metade do século XVII, a

---

<sup>14</sup> Texto retirado do Relatório Etnológico-Científico de autoria de Guilherme dos Santos Barboza, 1992-1993, p. 33-B.

<sup>15</sup> Nome dado às embarcações que traziam os africanos. Eram assim chamados por conta do alto índice de mortalidade. Eram tumbas flutuantes, em alto-mar.

entrada dos portugueses e dos jagas (caçadores) acaba por desestabilizar essas comunidades nativas e os empurra para o sistema.

Os jalofos foram a primeira etnia negra a vender escravos aos europeus. Importadores de cavalos mouros abasteciam seus compradores com berberes, fulas, hauçás e mandingas. Eram considerados os maiores mercadores da Guiné. Faziam seus cativos no entroncamento do Mediterrâneo e do Sudão, passando por desertos e savanas capturando pastores e agricultores, negros e mouros.

Quando os portugueses não conseguiam fazer o trato com as comunidades nativas que não praticavam a venda de escravos, os portugueses “lançados” (brancos e mulatos, aventureiros, degredados e cristãos-novos) inseriam-se nessas comunidades com o intuito de conseguir que mudassem de idéia. Conta Alencastro (2000):

Vestindo-se como nativos, entalhando no rosto as marcas das etnias locais, os lançados foram os primeiros portugueses, os primeiros europeus, a se adaptarem aos trópicos. “Andam nus e para mais se acomodarem, e com o natural usarem como os gentios da terra onde tratam, riscam o corpo todo com um ferro [...] e fazendo nele muitos labores [...] [que] ficam parecendo em várias figuras, como de lagostas, serpentes [...] e [...] andam por todo aquele Guiné tratando e comprando escravos por qualquer título que os podem haver” (2000, p. 49).

Os conflitos étnicos e religiosos também ajudaram na compra e venda de escravos. As guerras religiosas ocorridas na região do Sahel e Sudão agitavam os mouros que ofereciam escravos pagãos em troca dos muçulmanos capturados pelos portugueses. Esse tipo de escambo dá margem à evangelização no tráfico.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Como a religião dos negros não era respeitada por ser diferente, ela passou a ser motivo para a escravidão e uma chance que os “benevolentes” portugueses dariam a seus escravos: através da dor e da servidão, conhecer o Deus verdadeiro, o Deus do amor, o Deus do perdão. Perdão para quem?

#### 4.4. Chegada ao Brasil e tráfico interno

Os africanos desembarcavam assim que o navio aportava em território brasileiro. Depois de uma longa viagem, os que sobreviviam chegavam ao Brasil bastante debilitados pela falta de condições higiênicas, de alimentação e de infraestrutura. Os principais portos de destino eram no nordeste, no norte e Rio de Janeiro, áreas de grande demanda de escravos nos séculos XVI e XVII. Mais tarde, os destinos seriam outros, mais para o sul e interior. O tráfico era organizado diretamente pelos proprietários de terras ou pro financiadores e organizadores da importação.

Os escravos eram distribuídos de acordo com o interesse da economia colonial, na medida em que se desenvolviam as economias regionais, subordinadas às necessidades do mercado externo. Segundo Artur Ramos (*apud* MOURA, 1992, p. 8-9), a população negra-escrava foi distribuída da seguinte maneira:

- Bahia (com irradiação para Sergipe), de onde os negros foram distribuídos para os campos e plantações de cana-de-açúcar, de fumo e de cacau, para

os serviços domésticos urbanos e, posteriormente, para os serviços de mineração na zona diamantina;

- Rio de Janeiro e São Paulo, onde os negros foram encaminhados para os trabalhos das fazendas açucareiras e cafeeiras da Baixada Fluminense e para os serviços urbanos;
- Pernambuco, Alagoas e Paraíba, focos de onde irradiou uma enorme atividade nas plantações de cana-de-açúcar e de algodão do nordeste;
- Maranhão (com irradiação para o Pará), foco onde predominou a cultura do algodão;
- Minas Gerais (com irradiação para Mato Grosso e Goiás), com o trabalho escravo voltado para a mineração durante o século XVIII (MOURA, 1993, p. 8-9).

A descoberta de ouro em território brasileiro intensifica o tráfico e coloca as terras de Minas Gerais como principal foco de compra de escravos africanos. No Vale do Ribeira, interior do estado de São Paulo, também são encontradas minas de ouro, o que aumenta sobremaneira a população escrava na região.

O negro é enviado para preencher as lacunas dessa nova demanda. Os africanos, mestres na forja do metal e na mineração, ensinam suas técnicas e aperfeiçoam seus conhecimentos. Buscam metais preciosos e diamantes proporcionando riqueza à Coroa e aos contratadores para pagar as dívidas contraídas com a Inglaterra.

Os negros que trabalhavam nas minas eram constantemente vigiados e sofrem as mais violentas formas de controle. Quando fugiam, eram perseguidos por toda uma tropa de capitães-do-mato.

Diferente do que se divulga, já havia sido encontrado ouro no Brasil muito antes de Minas Gerais. Quando Minas foi descoberta, a mineração no Vale do Ribeira já estava em declínio e os mineradores foram embora em busca de fortuna. Muitos negros foram deixados para trás por seus senhores e deram origem a diversas comunidades negras que lá existem até os dias atuais.

#### **4.4.1. A escravidão no Vale do Ribeira**

A entrada de mão-de-obra escrava em São Paulo se deu por conta da necessidade de braços nas plantações de café e cana-de-açúcar. Foi em meados do século XVII, principalmente na segunda metade, que o negro africano chegava em São Paulo para ser utilizado na exploração do ouro.

A região do Vale do Ribeira, que representa 10% do território paulista, foi palco e cenário desta parte da história do Brasil. A região guarda em si o maior remanescente da Floresta Atlântica, onde 20% do território é constituído por parques, estações ecológicas, e áreas de proteção ambiental.

De acordo com o Relatório Técnico Científico feito pelo Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP) sobre as comunidades Remanescentes de Quilombo no Vale do Ribeira (1997), a região compreende as cidades de Eldorado, Jacupiranga, Pariquera-Açu, Registro e Sete Barras localizadas na

Baixada do Ribeira; Iguape e Cananéia na região litorânea e Iporanga, Apiaí e Ribeira na região denominada Alto Ribeira.

Stucchi (*apud* Relatório ITESP, 1997, p. 7) destaca que a ocupação humana do Vale do Ribeira remonta ao período pré-cabralino. De acordo com Petrone (*Idem*), a região do Vale do Ribeira foi uma área de passagem para os ameríndios que vinham para o litoral.

Índios e portugueses se relacionaram desde o início da colonização. Os nativos livres foram perseguidos e escravizados pelos sertanistas de 1628 a 1641 com a finalidade de sustentar o desenvolvimento econômico do planalto. Esses braços indígenas foram utilizados na agricultura, no transporte e no sertanismo.

Desde o século XVI, Cananéia e Iguape foram os elos de ligação, via marítima, com outros centros da capitania de São Vicente e do país. O Rio Ribeira de Iguape era o caminho para a penetração no interior do estado. Com a descoberta de ouro em Iguape são criadas condições para a formação dos primeiros povoados à beira do rio Ribeira: Ivaporunduva, Xiririca (atual Eldorado), Apiaí e Paranapanema. Em 1635, em Iguape, cria-se a Casa de Oficina Real da Fundição de Ouro.

No século XVII aumenta significativamente a chegada de portugueses e seus escravos para a exploração do ouro. Nasce, assim, uma série de localidades voltadas para a mineração aurífera, onde também se dá início à agricultura de subsistência.

Em 1763, encerram-se as atividades da Casa de Fundição de Iguape e o período de extração de ouro mais expressivo. Foram dois séculos de mineração intensa na região. De acordo com o Relatório do ITESP (1997) “a atividade

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



mineradora ficou bastante reduzida em Eldorado-Xiririca, mas continuou em escala bem menor até o século XIX, quando acaba o ouro de aluvião” (1997, p. 8).

Lourdes Carril (1997) em seu livro *Terras de Negros, herança de quilombos*, analisa a situação territorial de comunidades remanescentes de quilombo no Vale Trombetas, no Pará e no Vale do Ribeira. Ela nos conta que os primeiros escravos chagados ao Vale do Ribeira foram trazidos para o desenvolvimento da mineração após a descoberta do ouro de lavagem na região. Era o porto de Iguape a porta de entrada dos africanos desde o segundo quartel do século XVII.

Os negros eram, na época, uma mercadoria lucrativa. Chegavam em navios negreiros aos milhares, oriundos das terras mais longínquas, notadamente de Angola, Moçambique e Guiné. Eram comercializados em praça pública, isso quando já não haviam sido encomendados pelos abastados senhores do ouro e do arroz que atestavam a sua presença na opulenta Iguape portuária de então (Texto retirado da pesquisa realizada pelo Museu de Arte Sacra de Iguape, *Dores e torturas da escravidão*, sem data *apud* Carril, 1997, p. 28).

Vários núcleos populacionais, chamados arraiais, surgiram por conta do grande contingente de mineradores e escravos. Esses arraiais primeiro se dedicaram a extração do ouro. Com o declínio da mineração e a chegada da Corte Real em 1809, passa-se a priorizar o cultivo do arroz.

Conta Carril (1997) que grande parte do contingente negro africano escravo concentrava-se na Vila de Iguape, “enquanto os demais eram levados para outras localidades do Ribeira acima, como Iporanga, Apiaí e Ivaporunduva, onde novas minas eram descobertas” (1997, p. 29).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

A mineração no Vale do Ribeira perdeu a força com a descoberta de ouro em Minas Gerais, mas existiu, em menor escala até as primeiras décadas do século XIX. Muitos proprietários de minas levaram seus escravos e suas riquezas para o novo Eldorado, as Minas Gerais. Outros abandonaram seus escravos à própria sorte, nas regiões das minas.

O arroz passou a ser o produto cultivado como alternativa de produção de riqueza da região. Tornou-se, de acordo com Carril (1997), o principal produto de exportação, muito semelhante ao que o café representou para outras regiões de São Paulo (1997, p. 30).

Neste cenário em que o escravo é a mola propulsora do crescimento econômico do país, sua existência enquanto ser humano desaparece. Tendo valor de mercadoria, trabalhando de 14 a 16 horas por dia, passando pelos mais vis castigos, cresce no universo cativo a gana pela liberdade.

É essa gana que o impulsiona na busca por sua dignidade. Exemplo latente foi o nascimento de quilombos em toda a extensão territorial brasileira. Foi o desejo de liberdade que deu origem ao movimento chamado “quilombagem”.

### Capítulo 3

#### 5. A quilombagem

“Toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões

neles”. Essa é a definição de quilombo para o rei de Portugal quando consultado pelo Conselho Ultramarino em 2 de dezembro de 1740.

Os quilombos eram o pesadelo de todos os senhores de escravos. A iminência de um levante quilombola assombrava toda a Corte que via na quilombagem uma ameaça à integridade do sistema econômico vigente. Em contrapartida, os escravos organizavam-se no intuito de experimentar a sensação de liberdade outra vez.

Onde havia escravidão, havia quilombo. O movimento da quilombagem marca presença durante todo o período escravista e em todo território nacional. Os quilombos eram a materialização da negação à escravidão. Em cada região das Américas, onde o regime escravagista se instalou, registraram-se movimentos de rebelião contra essa ordem, o primeiro deles em dezembro de 1522, na ilha Hispaniola.

De acordo com Clóvis Moura (1992, p. 22), “a quilombagem foi um movimento de rebeldia permanente organizado e dirigido pelos próprios escravos que se verificou durante o escravismo no Brasil”. Diz ainda que a quilombagem tem caráter emancipacionista bastante anterior ao movimento abolicionista, radical e sem mediadores entre os interesses dos quilombolas e senhores de escravos. Até porque o que os senhores queriam a volta de seus escravos, já os quilombolas queriam sua liberdade. Não havia acordo.

As comunidades formadas por negros escravos aquilombados receberam vários nomes nas diversas regiões do Novo Mundo: quilombos ou mocambos no Brasil; palenques na Colômbia e em Cuba; cumbes, na Venezuela; marrons no Haiti e nas demais ilhas do Caribe francês; grupos ou comunidades dos

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

cimarrones, em várias partes da América espanhola; maroons, na Jamaica, no Suriname e no sul dos Estados Unidos (CARVALHO, 1996, P. 14).

No Brasil, o quilombo de Palmares, conglomerado de vários mocambos no estado de Alagoas, tornou-se símbolo de resistência por sobreviver durante quase cem anos às investidas da Coroa lusa.

Muitos quilombos foram desmantelados e desapareceram. Sua existência pode ser comprovada pelas terras, serras, vilas, povoados e rios com nomes de antigos quilombos e que deram origem às comunidades quilombolas atuais.

### **5.1. Quilombos atuais**

A “descoberta”, em 1978, de uma comunidade negra que falava uma “língua africana” deixou a mídia em alvoroço. A comunidade era Cafundó, um bairro rural situado no município de Salto de Pirapora. Está a doze quilômetros dessa cidade, a trinta de Sorocaba e a não mais de 150 quilômetros de São Paulo (VOGT e FRY, 1996, p. 15).

A “descoberta” de Cafundó e a divulgação de sua existência em 10 de março de 1978, pelo jornal Cruzeiro do Sul, e em seguida pelo jornal O Estado de São Paulo, no dia 19 de março do mesmo ano, colocou em pauta a discussão da existência de outras comunidades negras com características semelhantes.

Somente em 1988, centenário da abolição, promulga-se a lei que coloca as comunidades negras em pauta na política nacional. Escondidas nos interiores do Brasil, essas comunidades permaneceram, durante décadas, longe dos olhos e da consciência do povo brasileiro. Como um Brasil à parte, os quilombolas atuais

vivem de maneira rústica, plantam para a subsistência e sua maior luta é o direito, adquirido por lei, à posse de suas terras. Para tanto, foi necessário realizar um levantamento de dados que fosse capaz de afirmar a origem negra escrava e a forma de ocupação da terra.

José Jorge de Carvalho, organizador do livro *O quilombo do Rio das Rãs* (1996), publica a obra a partir do laudo pericial antropológico que coordenou, solicitado pela Procuradoria Geral da República, sobre a comunidade que dá título ao livro. A comunidade localiza-se no município de Bom Jesus da Lapa, no estado da Bahia e tinha por finalidade levantar a identidade do grupo, tempo de ocupação da região, como o grupo chegou à região e como se deu a ocupação de suas terras, famílias pertencentes ao grupo, conceito teórico de quilombo e a possibilidade de adequação do grupo ao conceito teórico.

Sobre a invisibilidade das comunidades negras, Carvalho (1996) acredita que foi somente assim que essas comunidades conseguiram sobreviver. Num país onde os negros foram excluídos do plano social, foi através da resistência heróica dos quilombolas que se desenvolveu o recurso da invisibilidade para a manutenção da própria existência e a territorialidade como principal suporte identitário. Diz Carvalho:

No Brasil, a sobrevivência pela invisibilidade exigiu das comunidades negras, em muitos casos, uma ausência quase total de trocas com a sociedade abrangente. Exemplo paradigmático dessa invisibilidade profunda foi o choque causado pela “descoberta”, para os meios hegemônicos, da comunidade do cafundó, encravada e oculta por mais de um século no interior de São Paulo. (1996, p. 47).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Laudos antropológicos como o que Carvalho coordenou foram feitos em todo o Brasil depois da instituição do Artigo 68, da Constituição de 1988, que estabelece: “Aos remanescentes das comunidades dos Quilombos, que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhe os títulos respectivos”.

As comunidades organizaram-se em associações e foram procurar seus direitos, já que a lei lhes garantia a posse das terras. Mas, em muitos casos, os dados colhidos indicaram que a chegada da população nas regiões estudadas não haviam sido quilombos como os entendemos, ou seja, esconderijo de negros fugidos. Foi necessária uma reformulação no conceito. Alfredo Wagner de Almeida assim define a situação das comunidades no que tange à sua situação territorial:

As denominadas terras de preto compreendem aqueles domínios doados, entregues ou adquiridos, com ou sem formalização jurídica, a famílias de ex-escravos a partir da desagregação de grandes propriedades monocultoras. Os descendentes de tais famílias permanecem nessas terras há várias gerações sem proceder ao formal de partilha e sem delas se apoderarem individualmente (1988, p. 46 *apud* CARVALHO, 1996, p. 240 nota 24).

A definição do que é quilombo hoje é bastante diferente daquilo que, em tempos de escravidão, a palavra significava. Hoje o termo designa as comunidades rurais, predominantemente negras, que se estabeleceram em tempos de escravidão e suas terras lhes foram abandonadas pelos donos, ou doadas à Igreja, ou mesmo deixadas como legado a escravos dedicados.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Portanto, os quilombolas de hoje, não são os quilombolas de ontem. Os quilombolas atuais sabem o quanto vale a terra e é a partir desse valor que se forja a identidade quilombola. Esta identidade está intimamente ligada ao lugar de onde se vem, de onde se nasce.

O que é um quilombola em um território que não é seu? É apenas mais um na multidão, lutando para ser aceito e para fazer parte de uma realidade bem diferente da sua. A maior luta das comunidades quilombolas atuais é a manutenção de seus territórios. Vêm-se em eterna disputa com grileiros, donos de terras vizinhas, especuladores imobiliários, parques nacionais, estaduais e municipais, projetos de proteção ao meio ambiente, construção de barragens, enfim, toda a sorte de processos que ameaça seus lares.

Em 1850, institui-se a lei que acaba com o tráfico negreiro e nasce a valorização monetária da terra. Logo, a questão da visão de que a terra é a mãe provedora, acolhedora e, portanto, sagrada se limita somente ao universo negro camponês. Como acontece com todos os produtos do trabalho, o capitalismo faz o possível para transformar esse produto de trabalho em mercadoria. E é o que acontece com a terra.

São tantas as histórias de perda de terras para grileiros por falta de documentação; pela criação dos parques que limita o quilombola a um espaço mínimo e que o deixa sem ter onde plantar nem o que extrair, nem o que comer, que a única saída é o fortalecimento identitário e o reconhecimento étnico para resguardar seus direitos.

Reconhecer-se quilombola fortalece a base de luta para o povo rural negro e traz subsídios para enfrentar as dificuldades. O apego à terra, ao local de origem, é algo marcante em Ivaporunduva.

Alain Bourdin em seu livro *A questão local* (sd), trabalha no texto “O Objeto local”, na busca de um paradigma que o explique. Em dado momento, Bourdin analisa o pensamento Bernard Poche, dedicado ao estudo antropológico da localidade no que chama de local interacionista. Seu raciocínio afirma que “o local coloca em forma o mundo da vida diária, sendo ele o próprio fundador da relação com o mundo do indivíduo, mas igualmente da relação com o outro, da construção comum do sentido que faz o vínculo social” (sd., p. 36).

Para Bourdin, a definição do local é “uma forma social que constitui um nível de integração das ações e dos atores, dos grupos, das trocas. Essa forma é caracterizada pela relação privilegiada com um lugar, que varia em sua intensidade e em seu conteúdo” (sd., p. 56). Para os quilombolas o local é o colo, a segurança, a garantia de sobrevivência.

A reconstrução da identidade quilombola uniu as pessoas moradoras de Ivaporunduva e fortaleceu os laços da comunidade. Stuart Hall (2003), em seu artigo *A questão multicultural*, analisa a realidade da Grã-Bretanha e da comunidade de afro-caribenhos que lá reside. A similaridade com o caso de Ivaporunduva se dá pelo fato de serem negros e serem uma comunidade à parte. A grande diferença é que os afro-caribenhos não são oriundos da Grã-Bretanha e por isso é importante o fortalecimento da cultura. Já, no caso de Ivaporunduva, são negros brasileiros, tendo que forjar à força uma identidade para lutar pelos seus direitos dentro de seu país de origem. O fortalecimento da identidade



caribenha se dá com a criação da comunidade afro-caribenha na Grã-Bretanha. O fortalecimento da criação da identidade quilombola se dá pela necessidade de sê-lo para que possam continuar sua vida em suas terras.

Em uma análise sobre o lugar dos afro-caribenhos na sociedade britânica, Hall (2003) mostra que os rapazes têm grandes problemas para conseguir emprego, baixo desempenho educacional, estão fora das escolas e dentro dos presídios e são os mais atingidos pela blitz policial. “Já as mulheres conseguem bons empregos, melhores salários e taxas mais elevadas de participação na educação do que as mulheres brancas” (2003, p. 65). Nas comunidades quilombolas a situação é de exclusão dentro de sua própria pátria. É na busca por uma pertença que se faz a força do ser quilombola.

Hall (2003) afirma que o quadro não é mais de privação uniforme, embora a desvantagem socioeconômica continue sendo ampla. Mas, esses grupos criam estratégias para se manter e fortalecer dentro da sociedade: criam comunidades. De acordo com Hall

O termo “comunidade” (como em comunidades de minorias étnicas) reflete precisamente o forte senso de identidade grupal que existe entre esses grupos. [...] Esse modelo é uma idealização dos relacionamentos pessoais dos povoados compostos por uma mesma classe, significando grupos homogêneos que possuem fortes laços internos de união e fronteiras bem estabelecidas que os separam do mundo exterior. As chamadas “minorias étnicas” de fato têm formado comunidades culturais fortemente marcadas e mantêm costumes e práticas sociais distintas na vida cotidiana, sobretudo nos contextos familiar e doméstico (2003, p. 65).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Hall (2003) atenta para o fato de que esse tipo de atitude é bom por um lado, pois fortalece os laços que os unem à terra natal e a seus costumes, mas que negam diferenças a serem consolidadas. De acordo com o autor, os caribenhos provêm de diferentes ilhas e de diferentes misturas étnicas. Dentro dessas comunidades existem pessoas étnica e racialmente diferentes e nem por isso formam-se guetos dentro delas.

Nos quilombos atuais, apesar de todas as dificuldades e dos preconceitos, o declarar-se quilombola os fortifica, pois se ao saírem da comunidade sentem-se sozinhos, no momento em que se lembram quem são e de onde vieram, se fortalecem e passam a intitular-se quilombolas.

A manutenção de identidades racializadas, étnico-culturais e religiosas, é obviamente relevante a autocompreensão dessas comunidades. O fator da “negritude” é decisivo para a identidade da terceira geração de afro-caribenhos, assim como a fé hindu ou muçulmana para a segunda geração de certos asiáticos. Mas certamente essas comunidades não estão emparedadas em uma Tradição imutável (HALL, 2003, p. 66).

No Brasil, a inclusão do indivíduo negro já é por si só problemática. Ao falarmos de indivíduos negros quilombolas, a situação fica um pouco pior. As dificuldades enfrentadas em todos os níveis, desde a invisibilidade e quase inexistência perante a nação brasileira até a falta de infra-estrutura na comunidade, deixa transparecer o ranço do preconceito que chegou ao Brasil com o descobrimento e que persistiu em todo o período escravagista, onde a cor da pele definia a posição social do indivíduo dentro da sociedade.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Ao auto reconhecerem-se enquanto quilombolas, esses negros encontram um lugar dentro da sociedade brasileira e uma ferramenta na construção de um novo paradigma referente às sociedades rurais negras.

### 5.1.1. Identidade e memória

A história da comunidade é contada por diversas vozes quilombolas. Cada membro da comunidade, quando questionado, conhece a história do nascimento de Ivaporunduva, sua importância histórica, seu passado na escravidão, os seres mitológicos que dão origem a famílias como a dos Marinho, “a nação d’água”. O contar e recontar essas histórias para os que chegam a Ivaporunduva dá a exata dimensão de sua riqueza.

A memória coletiva que guarda rituais e tradições seculares é ferramenta indispensável para a manutenção da identidade cultural quilombola. Embora as comunidades remanescentes de quilombo tenham uma realidade bastante parecida com a de outros agricultores da região, essa realidade se difere pelo seu passado histórico ligado diretamente a escravidão, pela memória que valoriza esse passado e pela consciência de suas origens.

Jacques Le Goff, em seu livro *História e memória*, dedica um capítulo ao desenvolvimento, numa linha do tempo, do estudo da memória. O autor analisa o conceito memória em diversas fases da história. Aborda, sem aprofundamento, a memória como assunto da psicologia, da sociologia e da história.

O que mais no interessou, no entanto, foi o enfoque dado ao que Le Goff chamou de “memória étnica”. Esse termo é aplicado em sociedades sem escrita e

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

de tradição oral. “Na maior parte das culturas sem escrita, e em numerosos setores da nossa, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana” (LEROI-GOURHAN, 1977a, p. 35 *apud* LE GOFF, s/d p. 427).

Esta distinção entre culturas orais e culturas escritas, relativamente às funções confiadas à memória, parece fundada no fato de as relações entre estas culturas se situarem a meio caminho de duas correntes igualmente erradas pelo seu radicalismo, ‘uma afirmando que todos os homens têm as mesmas possibilidades; a outra estabelecendo, implícita ou explicitamente, uma distinção maior entre *eles* e *nós* (LEROI-GOURHAN, 1977a, p. 35 *apud* LE GOFF, s/d p. 428). A verdade é que a cultura dos homens sem escrita é diferente, mas não absolutamente diversa (LE GOFF, s/d p. 428).

De acordo com Le Goff (s/d), o primeiro domínio onde se cristaliza a memória coletiva dos povos sem escrita é aquele que dá um fundamento – aparentemente histórico – à existência das etnias ou das famílias, isto é, dos mitos de origem (LE GOFF, s/d p. 428). Em Ivaporunduva é de domínio geral a ascendência negra escrava da comunidade. A origem das famílias, os mitos e tradições são preservados apesar da influência da televisão e das informações que chegam através das pessoas de fora e dos quilombolas que não moram mais na comunidade. O vínculo com a realidade de Ivaporunduva parece indissolúvel.

## 5.2. Ivaporunduva: várias visões

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

“Logar ermo e habitado por algumas famílias de pretos, descendentes dos escravos... Uma capelinha, sem architectura alguma, apenas com uma larga porta no pavimento térreo e duas janellas no andar superior, que dão luz ao coro, está construída no logar mais alto da beira do Ribeira: íngrimes morros, como o morro da ‘Joanna’ e outros, cercam-n’a pelo lado de traz, dando assim ao logarejo uma vista agradável e poética” (KRUG, 1942, p. 272 apud Relatório ITESP, 1997, p. 12).

Esta foi a descrição de Edmundo Krug quando viu Ivaporunduva enquanto fazia uma viagem pela região. Seu relato completo resultou em documento publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de 1912.

A comunidade quilombola Ivaporunduva fica a 60 quilômetros de Eldorado, na margem esquerda do rio Ribeira de Iguape. É a mais antiga das comunidades, segundo relatos orais, e teve sua origem na atividade mineradora e relações escravistas. Nesse sentido, de acordo com o Relatório ITESP (1997), Ivaporunduva surge como um núcleo de referência para a formação de outros bairros negos localizados às margens do rio Ribeira.

Nasce como povoado no século XVII, antes de Xiririca, e foi mais densamente povoada a partir de 1720. Seus fundadores foram dois irmãos mineradores: Domingos Rodrigues Cunha e Antonio Rodrigues Cunha e um grupo de dez escravos comprados de Antonio Soares de Azevedo.

De acordo com relato oral colhido em palestra ministrada pelo líder da comunidade, Ditão, existem documentos em Miracatu falando sobre Ivaporunduva que datam de 1650. Acredita-se que Ivaporunduva seja anterior a Palmares, se bem que a constituição de uma é bastante diferente da outra. A primeira nasceu da mineração e a segunda da fuga de cativos.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Conta Ditão sobre a origem da comunidade:

*“Em 1650, os moradores de Ivaporunduva já eram livres. Mas, não podiam sair daqui porque a escravidão ainda existia e se fossem pegos seriam escravizados outra vez. Os moradores daquela época não tinham documentos por causa disso. Só tinha cartório na cidade e tinham medo de ir até lá. Se saíssem da comunidade voltariam à escravidão, porque não tinham carta de alforria. Nunca ficaram isolados. O principal meio de comunicação era o rio onde faziam seu comércio. O sino da igreja era tocado como forma de alarme quando o sentinela via que se aproximavam os comerciantes de escravos. O sino era tocado e aí as pessoas tinham tempo de se preparar para a defesa da comunidade e a própria”.*

Em 1791, é inaugurada a Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, construída pelos escravos durante cerca de cinco anos. Inaugurada com muita festa, tinha como patrimônio uma casa de taipa e uma lavra de ouro, doada por um minerador do bairro.

Contam na comunidade, que existe ouro escondido pelos negros nas fundações da igreja, um tesouro incalculável. Dizem que muitos já procuraram, mas a santa não deixa que encontrem.

Dizem os moradores que há muito tempo atrás, chegou em Ivaporunduva uma senhora de nome Joanna Maria, ou Maria Joanna (ainda não entraram num acordo sobre a ordem dos fatores), que trouxe consigo negros para trabalhar na mineração do ouro. Mandou construir sua casa e uma capela para celebrar missas.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Antes da construção da capela, as missas eram ministradas por Joanna Maria. Assim foi por volta de 22 anos. D. Joanna Maria era natural de Minas Gerais e tinha um coração de ouro. Fazia de sua casa abrigo dos pobres e dos peregrinos. Era casada com um português, André de Souza. Enviuvou. Casou-se com João Marinho, também português. Enviuvou outra vez. Como não gostasse de solidão, casou-se novamente. João Manuel de Siqueira Lima, natural de Minas Gerais foi seu último esposo.

De acordo com o relatório do ITESP (1997), nos registros do Livro do Tombo e nos relatos orais dos moradores de Ivaporunduva e de outros bairros negros do Vale do Ribeira, constata-se que as terras foram doadas por Joanna Maria aos escravos que lhe serviram em vida, contemplando-os com a liberdade ao morrer.

A tradição oral e a memória coletiva também remetem o nascimento de Ivaporunduva ao povo d'água, à nação d'água, os Marinho. Esse mito de origem se mantém vivo tanto em Ivaporunduva, quanto nas comunidades vizinhas e em até outras mais distantes.

Os Marinho são representados como seres que medem mais ou menos 80 centímetros, de pele bem negra e que habitam as profundezas do rio Ribeira. Um ser que todos os mais velhos conhecem e que quase todos os mais velhos já tiveram algum contato.

Dona Benedita Furquim Marinho, uma das mais velhas da comunidade é nascida em Ivaporunduva e é Marinho por casar-se com um de seus descendentes diretos, Sebastião Marinho Pupo. Nos seus mais de 80 anos e de

uma vivacidade e alegria contagiantes, adora bater papo e nos conta a saga dos Marinho:

*“É. Quer dizer que o Marinho ficou Marinho porque foi pegado um menino na rede e ele foi pegado aqui na marinha na margem do rio. Então pegaram na rede. Minha filha taí escutando minhas mentiras pra você.*

*Então pegaram na rede, era um menino ele era nuzinho, sem roupa nenhuma. Ele era d'água e não usava nada. Então tudo que veio agora aqui é dos Marinho porque... Então todo mundo veio desse garoto que pegaram na marinha. Então o padre tava preocupado com o que iam fazer com esse menino que pegaram na marinha. Ele não tinha nome. Aí o padre pegou e batizou ele e ponhô o nome dele de Graciano e ficou. Ficou Graciano Marinho. Então, tocaram roupa nele e ponharam o nome de Graciano Marinho. Era um menino pretinho. E foi isso que aconteceu vai ficar a raça dos Marinho aqui em Ivaporunduva. Você já sabia disso?*

*Quem me contava essas histórias era os mais véio. Eu não sou de agora. Quem sabia de tudo era os mais véio desse lugar nosso. Esse lugar não era como agora não. Era mato virge e puro. Eu nasci debaixo do mato virge. O padre quando vinha aí, vinha pelo meio do mato. A gente só fazia um caminho pra ele sair do porto e vim pra Ivaporunduva”.*

A memória histórica e a memória mítica se misturam e dão aos relatos sobre a comunidade toda uma aura de fantasia, deixando muito tênue a linha que divide a ilusão da realidade. Aliás, como saber se o que contam realmente não é verdade?



Nadel distingue, citado por Le Goff, a propósito dos Nupe da Nigéria, dois tipos de história: por um lado, a história que chama “objetiva” e que é “a série dos fatos que nós, investigadores, descrevemos e estabelecemos como base em certos critérios ‘objetivos’ universais no que diz respeito às suas relações e sucessão” (1942, ed. 1969, p. 72 *apud* LE GOFF, s/d p. 428) e por outro lado, a história que chama ‘ideológica’ e ‘que descreve e ordena esses fatos de acordo com certas tradições estabelecidas’ (ibid.). Esta segunda história é a memória coletiva, que tende a confundir a história e o mito. [...] A história dos inícios, torna-se assim, para retomar uma expressão de Malinowski, um ‘cantar mítico’ da tradição”. (LE GOFF, s/d p. 428).

(...) A memória coletiva parece, portanto, funcionar nestas sociedades segundo uma ‘reconstrução generativa’ e não segundo uma memorização mecânica” (LE GOFF, s/d p. 430).

Segundo o Livro do Tombo, o vocábulo Ivaporunduva significa rio de muito vaporu (fruta). De acordo com o relatório realizado pelo antropólogo Guilherme dos Santos Barboza (1992-3), esse livro engloba o período de 1813 a 1898, e é, portanto, o segundo Livro do Tombo. O primeiro, que encerra a história anterior a 1813, desapareceu. Assim, afirma Guilherme, “o que se encontra da primeira fase são documentos fragmentários, que, de qualquer maneira, respondem às nossas necessidades histórico-documental” (1992-3, p. 58).

Guilherme aponta para o caminho histórico que registra Ivaporunduva como, nos primeiros tempos, o Arraial de Minas, embora os mais antigos escritos

afirmem que, antes de ser Arraial já era habitado, mesmo antes da criação da freguesia de Xiririca.

Com o decréscimo da mineração, em meados do século XVIII, os escravos foram alforriados e entregues à própria sorte. A população branca foi saindo da região e a área ocupada pela população negra foi aumentando.

A saída do homem branco do cenário fez a mão-de-obra, que antes era escrava no trabalho da mineração, autônoma no trato com a terra. Explica o Relatório do ITESP (1997):

Refugiando-se nas práticas de uma economia de subsistência, ancorada no cultivo de pequenas roças – sobretudo arroz, milho e feijão – suplementando a atividade agrícola por meio das atividades de pesca, coleta e caça, apossaram-se de parcelas livres relativamente próximas ao centro do povoado e isolaram-se em núcleos familiares, que compunham um grupo mais extenso e igualitário, graças aos vínculos de solidariedade e de sociabilidade baseados nas obrigações mútuas próprias do parentesco, da vizinhança e do compadrio. Construíram, enfim, uma identidade própria, centrada na origem comum, na cor negra da pele e, sobretudo, na devoção à Santa padroeira de Ivaporunduva, Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

Com o passar do tempo, Ivaporunduva foi se transformando num local para onde era atraído grande número de pessoas que podiam ser negros fugidos, ou não, livres, libertos, que se agrupavam em torno da capela, nas terras da Santa e nas regiões mais para dentro da mata.

O Relatório do ITESP (1997) indica que os agricultores que ocuparam Ivaporunduva durante os séculos XVIII e XIX, portanto, antes da abolição, têm

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

com principais troncos familiares, registrados pelos assentos do Livro de Terras ou em relatos orais, relacionados aos fundadores do bairro, as seguintes descendências: Pupo, Marinho, Meira, Vieira, Pedroso, Moraes, Araújo, Machado, Pereira, Santos, Costa, Furquim e Silva. (1997, p. 16).

Ainda de acordo com o relatório do ITESP (1997),

A antiguidade da ocupação negra livre em Ivaporunduva é registrada pela grande incidência de registros de terras em nome desses grupos, respeitados como vizinhos pelos proprietários brancos e declarados como confrontantes nos memoriais descritivos das terras. O reconhecimento formal desses negros baseia-se em sua posição na estrutura social, que os definia como pequenos produtores fornecedores de produtos de consumo para as fazendas, participantes da economia local enriquecendo comerciantes, reserva de mão-de-obra em períodos de safra e detentores de um saber sobre as técnicas de navegação dos perigosos rios, principal via de comunicação regional (1997, p. 18).

Nascidos sob o signo de Cam, aqui parafraseando Alfredo Bosi, os negros de Ivaporunduva tornaram-se donos do seu nariz muito antes da Lei Áurea. Criaram mecanismos de defesa e de luta na busca por seus direitos e a última luta, ganha por sinal, foi a titulação de suas terras: Ivaporunduva é a primeira comunidade quilombola do estado de São Paulo com a titulação.

### 5.2.1. Cotidiano

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

A vida em Ivaporunduva começa cedo. Acorda-se com o cantar do galo (e haja galo a cantar). As crianças se arrumam para ir para a escola. Às 7 horas da manhã, as crianças que estudam na escolinha da comunidade, já estão de saída. Já aquelas que estudam nas escolas mais distantes, precisam sair mais cedo para atravessar o rio e pegar o ônibus que vai levá-las até a escola.

E assim começa o dia no quilombo. Depois da saída das crianças, as mães começam os preparativos para o almoço. Vão à horta pegar temperos e folhas para a salada. Pegam sua vara de pescar e sentam-se à beira do rio à espera do prato principal do almoço. Limão galego é a matéria-prima para o suco que acompanhará o banquete. A manhã é tomada pelos afazeres domésticos e é só lá pelas 5 horas da tarde que elas param para ver televisão: novela, é claro.

Os homens vão para os sítios cuidar das roças e capinar o terreiro. Cheios de fome, voltam no horário do almoço para se alimentar e ver o noticiário na televisão. São cerca de trinta aparelhos de televisão em toda a comunidade. A maioria deles está concentrada na vila da comunidade, parte próxima ao rio Ribeira, onde há energia elétrica. A parte mais no interior da comunidade, a que eles chamam de sertão, ainda não possui energia e lá a vida é mais rústica.

A comunidade é formada por cerca de 80 famílias, em torno de 200 pessoas fixas. Esse número pode ser alterado por conta das idas e vindas dos quilombolas que buscam melhorar a vida da família e que por vezes vão e voltam para a comunidade. Outros eletrodomésticos são utilizados pelas mulheres da comunidade. Por exemplo, liquidificador, tanquinho para a lavagem de roupas (só foi observado um desses aparelhos em toda a comunidade), aparelho de som. A internet faz parte da realidade quilombola por conta de programa do governo

federal de inclusão digital. São 10 computadores utilizados na capacitação dos jovens quilombolas.

Os rapazes de Ivaporunduva lidam nas roças de banana e nos sítios das famílias locais, jogam futebol e discutem política. A televisão, no mundo masculino quilombola, é espaço de entretenimento e informação. Estudam fora da comunidade porque a escola que lá existe vai até a quarta série, somente. O grande sonho de muitos é o ingresso na universidade, pois acreditam que é somente através do estudo que se pode pensar em galgar degraus mais altos.

Um grupo de jovens organizou-se e implantou dentro da comunidade, um núcleo do cursinho pré-vestibular do Educafro. Essa instituição faz parte do movimento católico e tem como liderança nacional o Frei Davi, do Rio de Janeiro. O intuito da instituição é dar subsídios para afro-descendentes e carentes no pleito por uma vaga nas universidades públicas ou privadas.

As mulheres mais velhas, em sua maioria são analfabetas e lidam na roça e em casa. Sua condição de mulheres quilombolas serve de fio condutor entre as crianças e jovens na manutenção da história, passada de maneira oral, da comunidade e manutenção da memória dos antepassados. São elas que mantêm viva a chama do quilombo dentro de cada um deles.

Também estão envolvidas na parte política da comunidade. Em sua luta, já conseguiram a contratação de barqueiros para a travessia do rio (só havia um barqueiro para trabalhar o dia inteiro, hoje são três), conseguiram a construção de uma caixa d'água que leva água encanada até as casas (esta água sai direto da fonte, por isso não é tratada), ônibus para levar as crianças na escola e que passa

bem perto da beira do rio (já não é preciso caminhar quilômetros até a escola), entre outras coisas.

As moças estudam, cuidam da casa, namoram e vêem televisão. Se há um público apaixonado por televisão na comunidade, é justamente o público jovem feminino. O programa favorito é *Malhação* e o casal Leticia e Gustavo é o alvo dos suspiros e agonias dessas adolescentes.

Quando questionados sobre quais são os programas preferidos, as novelas são unanimidade no público feminino de qualquer idade. Os programas mais assistidos no período em que foi realizada a pesquisa (fevereiro a outubro de 2005) são as novelas *Senhora do Destino*, *Malhação* e *Começar de Novo*.

Elas consideram o assistir novela um passatempo. E que passatempo prazeroso... Elas sonham com as histórias de amor que acontecem nas novelas e sofrem com as heroínas. Mas, bem diferente do que acontece nas populações urbanas, o consumismo e a formatação da moda via novela, não as influencia. Elas vivem uma realidade bem diferente daquelas mostradas na televisão. Consideram tudo o que acontece nas novelas ilusão. Mas, não deixam de se colocar no lugar de suas heroínas.

Na novela *Senhora do Destino*, o que mais as comoveu foi o drama vivido por Maria do Carmo na busca pela filha Lindalva, seqüestrada ainda bebê por uma prostituta fingindo-se de enfermeira chamada Nazaré. A dor da perda de um filho comove-as, como comoveu a maioria das mulheres que assistiram à novela.

Em *Malhação*, as tramas de Natacha para atrapalhar o romance entre Gustavo e Leticia foram o manjar das tardes de segunda a sexta-feira. No

programa *Vale a pena ver de novo*, onde novelas são reprisadas, o que vier elas traçam.

O que pudemos observar é que, apesar da paixão pelos programas televisivos, diferente do que acontece na cidade, a televisão não transforma a realidade da vida desses quilombolas no que diz respeito a bens de consumo. A realidade apresentada pelas novelas, aquela que dita regras de consumo e moda, não interfere na comunidade. As mulheres sabem de sua real condição e preferem ver tudo aquilo como parte de um projeto de ilusão, bem diferente de sua realidade.

É bem verdade que os jargões televisivos fazem parte integrante do vocabulário quilombola como acontece em qualquer comunidade que tenha acesso aos programas televisivos. Jargões como “celebridade”, “parrudo”, entre outros, são bastante utilizados e revertidos para a realidade de vida da comunidade. Por exemplo: no tempo da novela *Celebridade*, apresentada nas noites de segunda a sábado pela Rede Globo, o jargão “celebridade” passou a ser utilizado pelos quilombolas para apontar as pessoas mais importantes da comunidade.

A Revista *Raça* publicou em suas páginas matérias apresentando diversas comunidades quilombolas e dentre elas estava Ivaporunduva. Conclusão: todas as pessoas da comunidade que apareceram na publicação passaram a ser chamadas de “celebridade”.

A coisa que mais incomoda aos quilombolas são os papéis de atores negros que mostram qualidades das quais eles não apreciam. Não são privilegiados com personagens que mostrem boas qualidades. Ou são bandidos,

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

ou malandros, ou espertos que tiram proveito dos outros. Para as mulheres os papéis sempre são ligados às serviçais, mulatas “boazudas”, enfim, papéis subalternos.

Numa sociedade que busca no ensino superior a oportunidade para melhorar a qualidade de vida dos quilombolas, a falta de um personagem que seja pelo menos próximo daquilo que os quilombolas, e porque não dizer todo o povo negro, quer ser. Esses estereótipos serão melhor definidos mais detalhadamente em outra parte do trabalho.

### **5.2.2. Sistema de parentesco**

Em Ivaporunduva, ou em qualquer outra comunidade quilombola que se conheça, a sensação é a de que se está sempre em família. Principalmente se você chega acompanhado de outros quilombolas. Em todas as comunidades do Vale do Ribeira, as pessoas têm tios e primos. Guilherme dos Santos Barboza (1992-3) atenta para o cuidado com esse sentir-se em família, pois acredita que esse parentesco que os quilombolas alardeiam pode não ser verdadeiro. Diz Guilherme:

Quando se ouvir, num quilombo ou numa organização comunitária remanescente de quilombo, que “somos parentes”, é aconselhável que se entenda este parentesco como por “mesma sina”, por “mesma sorte”, nunca por linha de ancestralidade, o que pode e deve ser investigado sistematicamente. Isto significa que, essas organizações comunitárias remanescentes de quilombos têm sua origem numa pluralidade imensa

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



de exemplares étnicos, e, provavelmente, sejam esses agrupamentos humanos, perfeitos arquivos de centenas de valores axiológicos, técnicas de fazer, formas de pensar, modos de agir, etc, de origem as mais variadas, sendo que as que permaneceram saíram de um, por paradoxal que pareça, consenso inconsciente“ (1992-3, p. 76).

Pode até ser que Guilherme esteja certo quando pede cautela na afirmação de que são todos parentes. Existem, sim, aqueles que vieram de fora e que se agregaram à comunidade, existem aqueles que, ao sair da comunidade para trabalhar nos grandes centros urbanos envolvem-se com pessoas que não fazem parte do universo quilombola e o incluem na comunidade.

Por Ivaporunduva ser a comunidade mais antiga da região, costuma-se dizer que as outras comunidades são suas filhas. Essas irmãs são: Pilões, Maria Rosa, São Pedro, Castelhanos, Galvão, Pedro Cubas, Nhunguara, André Lopes e Sapatu.

Ivaporunduva é, de acordo com relato oral, constituída por cinco troncos familiares fortes. São eles: os Rodrigues, os Pupo, os Meira, os Marinho e os Furquim. Os Furquim, por exemplo, estão presentes na maioria das comunidades. Em São Pedro, um de seus primeiros moradores foi Bernardo Furquim. Contam os quilombolas que Bernardo chegou sozinho na região e que procurou aquelas paragens para se esconder dos senhores de escravos.

Edu Nolasco da França (*apud* Negros do Ribeira, p. 55), bisneto de Bernardo Furquim, conta que depois que Bernardo se estabeleceu na região trabalhando nas roças, fabricando cachaça, pilando café e arroz, arrumou algumas mulheres que geraram suas famílias dentro de São Pedro.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Mas, pelo visto, não foi só em São Pedro que Bernardo Furquim deixou suas marcas. Conta Alcides Furquim, neto de Bernardo que há Furquim em Pilões, em Maria Rosa, em Sapatu, em Ivaporunduva, em Castelhanos. Esses, com certeza, possuem parentesco.

Acredita-se que as alianças de casamento de pessoas de comunidades diferentes sirvam como instrumento de ampliação e consolidação da ocupação territorial, pelo menos nos primórdios.

O movimento de consolidação da ocupação negra no Vale do Ribeira assistido no período pós-abolição foi iniciado, ao que tudo indica, a partir de alianças e da fixação de descendentes por toda a região de moradores, inicialmente, das localidades acima indicadas. Assim, pode-se inferir, por exemplo, que São Pedro e Ivaporunduva tenham fornecido, ainda nas décadas de 50 e 60 do século passado, mulheres que possibilitaram a fixação, em terras próximas, de negros perseguidos em situação de fuga. É o caso de Ana Faustina, filha de Bernardo Furquim, que se teria unido a um certo João Vieira, cuja referência liga-se à ocupação do sertão de André Lopes. [...] duas filhas frutos dessa união, Donária e Mereciana, teriam com seus filhos possibilitado o fomento da ocupação em Nhunguara, André Lopes e Pedro Cubas. Mereciana teria se unido a Joaquim Ribeiro dos Santos, originário do Caracol. Donária teria se unido a Tomé Pedroso de Moraes, originário de Nhunguara . irmão de Tomé, José Jacu também estabeleceu-se em André Lopes, tendo, pelo menos, cinco filhos, sendo que todos ficaram no mesmo bairro, unindo-se a mulheres originárias de Ivaporunduva. Nas gerações seguintes, repetiram-se instensamente as uniões entre os membros de Nhunguara e André Lopes, entre si, e também com membros de São Pedro, Ivaporunduva, Sapatu e Pedro Cubas.

Parece prematuro afirmar que o parentesco entre as comunidades não exista. Hoje, com a saída dos jovens da comunidade para estudar e trabalhar nas cidades, os casamentos acabam por trazer indivíduos de outros universos. Mas, permanece o costume de casar-se com pessoas de outras comunidades e, mesmo que inconscientemente, preservam os troncos familiares e as tradições.

### 5.2.3. Religião

*“Cheguei no final da tarde, em meio aos preparativos para a festa de São Pedro. Dona Nizete, mãe do Oriel, é uma das festeiras. São sete para esta festa. Os festeiros têm o compromisso com a organização e providenciar a comida para os convidados e visitantes. São servidos quentão e pipoca. Os festeiros são escolhidos assim que a festa termina. São dois dias de festa para cada santo. O dia 29 de junho é o último dia das festas juninas. Foi feita uma “reza” com pessoas da comunidade. Há um representante da comunidade, o Tostão, que é o responsável pelos atos litúrgicos dentro de Ivaporunduva. A fé é a grande e mais forte arma que esses quilombolas possuem. Me pego pensando em como pode as coisas serem assim. Seus antepassados foram massacrados pela Igreja e com o consentimento dela. Acabaram com toda a crença tradicional africana e impuseram a religião católica. Hoje, a religião que os colocou à margem é, justamente, a que lhes dá força”. (Eliane de Souza Almeida, Diário de pesquisa, 29/06/2005).*

As festas de Santo Antônio, São João e São Pedro são grandes eventos que acontecem todos os anos na comunidade. Mas, apesar de todo o empenho

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

dos festeiros, dos enfeites nos mastros, do forró por toda a noite, a grande festa, o grande acontecimento do ano é sempre a festa da Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

Padroeira das comunidades negras, ela emana um poder de sedução sobre os quilombolas, que todas as comunidades da região se mobilizam para poder prestigiar a Santa.

Joanna Maria, a benfeitora de Ivaporunduva, antes de morrer, deixou as terras para a santa e deu a liberdade a seus cativos que ali viviam. Então, a terra é sagrada porque é da Santa. E a Santa, Mãe de Deus, não desampara aos seus filhos. A construção da capela pelos negros de Ivaporunduva, em 1791, não foi apenas um ato de fé. Ela foi um componente de sociabilidade fundamental para a organização destes grupos rurais: as irmandades os homens pretos.

A história das irmandades está ligada às associações medievais que tinham, por finalidade, proteger seus membros, construir obras religiosas e mesmo profanas. Chegaram ao Brasil via Portugal, onde adquiriram uma dimensão racial e social. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos chegou ao Brasil com o mesmo intuito para qual foi instituída em São Tomé: manter o controle, mesmo que indireto, dos comportamentos e ações dos negros.

Já que só era gente quem era católico e a Santa carregava em seu nome o referencial que o africano precisava para acreditar em algo, a irmandade se espalhou por todo o Brasil, sendo cultuada até os dias de hoje.

No Vale do Ribeira, estas irmandades passaram a se preocupar com a reza de missas para irmãos<sup>16</sup> vivos e falecidos, além de concederem no primeiro domingo de cada mês, sepulturas. A preocupação com as sepulturas era muito grande porque, uma vez que morria um escravo, seu corpo era deixado ao relento sem que os senhores o enterrassem. As irmandades ficaram fortes porque representavam um centro onde os cativos encontravam espaço para reproduzir suas tradições e suas crenças, o que as transformava em espaço de resistência.

Grande representação da festa da nossa Senhora do Rosário é a congada que em Ivaporunduva não há mais. Dizem os moradores que há muito tempo atrás, um grupo de negros, vindos de Minas Gerais, fazia a Congada. Eles foram morrendo e ninguém mais fez.

Naquele tempo, os negros buscavam um motivo para lutar, um motivo para continuar vivos. Arrancados de sua terra natal e brutalmente açoiados, procuravam maneiras de suportar o suplício da escravidão. Buscavam nos quilombos o retorno à mãe África e nas irmandades um espaço de esperança.

Ecléa Bosi, em texto intitulado *Cultura e desenraizamento* (1987), analisa a questão da violência cultural que se sofre quando se deixa seu lugar, seu território, suas origens e o papel da religião para o processo de enraizamento. Diz ela:

A liturgia poderia ser um fator privilegiado de enraizamento. Bastaria que ela guardasse a memória de sua origem grega: *leitoyrgia*, serviço ou atividade feita pelo povo. [...] O enraizamento é um direito humano esquecido. O migrante vem chegando

---

<sup>16</sup> Todos os negros que faziam parte da irmandade eram chamados irmãos.

a cidade com as raízes partidas. A liturgia poderia enraizá-lo, criar e reviver tradições, valores, lembrança que dão sentido a vida. As chaves do futuro e da utopia estão escondidas, quem sabe, na memória das lutas, nas histórias dos simples, nas lembranças dos velhos (1987, p.41).

A religião une as comunidades quilombolas do Vale do Ribeira. Algumas, como Sapatu e André Lopes, estão sendo tomadas pela igreja evangélica que pregam, entre os negros, a não aceitação da sua identidade quilombola e se excluem das lutas.

Mas, a festa de Nossa Senhora do Rosário atrai até os evangélicos. Os festejos começam às 3 horas da tarde com uma missa na capela da Santa, em Ivaporunduva. Depois da missa há a procissão que dá a volta na vila da comunidade.

Antigamente, logo depois da missa começava o forró que ia até a manhã do dia seguinte. Hoje, a coisa anda diferente. Por causa da televisão, a festa só começa depois da última novela.

Não tem jeito: depois da missa até umas 5 horas as pessoas ficam pela vila, conversando, rindo, briancando. Depois da 5 horas, as adolescentes correm para ver *Malhação* e as mais velhas voam para ver suas novelas. Depois que a programação televisiva termina, todas as mulheres voltam para a vila e, aí sim, começa a festa com bingo e o grande forró, que vai até o nascer do dia seguinte.

#### 5.2.4. Crenças

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Os mitos têm sido considerados pelos estudiosos como típicos de sociedades arcaicas de populações ágrafas e pré-lógicas. A partir dessa idéia, tem-se imaginado que a introdução de novas tecnologias [...] conduziria, necessariamente, à extinção dos mitos, os quais seriam lembrados como interpretações primitivas, quase infantis, daquelas populações. (BENJAMIN, 2000, p. 89).

A observação das sociedades que têm incorporado estas tecnologias [...] que hoje são consideradas altamente racionalizadas, demonstra exatamente o contrário. Os mitos ocorrentes em sociedades rurais têm sobrevivido à urbanização e outros mitos estão sendo criados pelas populações urbanas, nos mesmos padrões dos mitos tradicionais. (BENJAMIN, 2000, p. 89).

Nas sociedades de cultura folk, a transmissão entre gerações e a difusão dos mitos ocorria, ordinariamente, através da comunicação interpessoal e grupal, especialmente nas ocasiões em que as pessoas se reuniam em grupos para a prática das narrativas. Aí, entre contos tradicionais e anedotas, são narrados os casos mitológicos. Os mitos aparecem, também, em advertências de natureza repressiva/preventiva, a fim de evitar desvios de conduta. [...] (BENJAMIN, 2000, p. 90).

É o caso do mito, bastante respeitado em Ivaporunduva, de que na quaresma é proibido dançar. Aquele que ousar desobedecer acorda com um rabo igual ao do “coisa ruim”. Regra imposta pela Igreja na época medieval, após os quatro dias de folia do carnaval, onde todos os bichos se soltam, até os demônios,

para manter o controle dos foliões ainda em ritmo acelerado, cria-se essa regra e assim os fiéis são mantidos sob vigilância.

Os mais velhos e também os adolescentes respeitam a regra e, no período da quaresma não há festas.

Outro mito é o do Saci. Negrinho arteiro, mostra na televisão um lado moleque e brincalhão. Mas, a visão dos quilombolas a respeito do negrinho é uma só: ele é a figura do “capeta”.

Dona Benedita, senhora mais idosa da comunidade, conta sobre o saci:

*“É que o saci a gente corre dele porque ele não é da parte de Deus. Não é não, ele é o Satanás. Quando ele tá cantando assim no meio do mato, a gente reza pra ele afastar. Não é boa coisa o Saci. Contam que tem, mas a gente nunca viu. Ao final das contas pra dizer que eu nunca vi visagem aqui eu um homem ali perto daquelas aldeia ali, com um chapéuzão na cabeça oiando cá pra dentro. E eu aqui sozinha de noite. E eu fui daqui sozinha, na resta da lua. Aí cheguei ali espiei e ele tava espiando pra cá pro lado de cá, espiando e eu calculei que era um tio meu que morava mais pra cá. Mas eu fui chegando perto dele ele foi raspando atrás, raspando atrás, raspando atrás e eu saí por cá pra encontrar ele lá atrás e ele sumiu, desapareceu. Eita, eu sei que é esse negócio de saci que você tá falando ou senão que é visagem. E sempre verem esse homem aí viu, sempre verem. Eu aposto que se você posar aqui uma noite e levantar fora de hora e passar nessa rua, você vê ele”.*

Nem Monteiro Lobato conseguiu mostrar um lado bom do saci para os quilombolas. Lá, ele está fadado a ser sempre do mal.

Há também um outro mito que é o do bicho do fundo do rio. Dizem as quilombolas, que, lá no fundo do rio tem um bicho que já pegou muita gente. Tita, uma quilombola de 22 anos diz que, uma vez foi pescar perto do porto e percebeu

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



um redemoinho. Chegou mais perto para olhar e viu, saindo do meio do redemoinho muitas folhas de árvore, borbulhas e um líquido muito escuro, diferente da cor da água. Apavorada, sem saber o que era aquilo, foi para a vila. Chegando lá contou para algumas pessoas o que tinha visto e disseram para ela que era o bicho do rio. Nunca mais Tita voltou sozinha naquele lugar.

Na verdade, o rio Ribeira de Iguape é muito caudaloso e extremamente perigoso. Muitas pessoas já morreram naquelas águas. Acreditamos que este mito também foi criado para manter as crianças fora do alcance do rio.

### 5.2.5. Entretenimento

O que fazer para entreter-se numa comunidade quilombola? Se fosse na cidade a resposta seria: ver televisão. Não em Ivaporunduva. Claro que a televisão também está elencada dentre as diversões dos quilombolas mas eles gostam mesmo é de bater papo furado na praça da vila, jogar bola no campo de futebol ou na quadra (Isso para homens e mulheres), beber com os amigos no bar, ouvir moda de viola, discutir política e futebol e reclamar da falta de mulheres na comunidade ou reclamar do marido ou namorado.

Além do trabalho na roça, a vida em Ivaporunduva transcorre tranqüila. É só no final da tarde que as pessoas, como já foi dito, as mulheres em sua maioria e alguns homens, vão para casa para assistir aos programas de televisão.

As grandes oportunidades de entretenimento e diversão são a ida a Eldorado (quase uma hora de ônibus), festas em outras comunidades, ou baile só

para quebrar a rotina. Aliás, eles adoram quebrar a rotina e se está fora do período da quaresma, qualquer motivo é motivo para fazer um forró.

Inclusive, a integração entre forró e quilombo é algo diferente. Na região onde Ivaporunduva está localizada o mais natural seria que as festas fossem regadas a muita moda de viola. O que não acontece. A moda de viola fica restrita aos homens, que em noite quente, se reúnem nos “botecos” da comunidade para escutar música e jogar conversa fora. A discussão sobre política e o andamento das questões de interesse da comunidade estão sempre em pauta nesses momentos.

Mas, voltando ao forró. Num local iminentemente rural, o forró foi trazido pelos quilombolas que, à procura de melhores condições de vida, saíram de Ivaporunduva e conheceram o ritmo. Adotado pelos de fora, aceito pelos de dentro. E hoje, a música que se ouve no quilombo de Ivaporunduva é o forró.

### 5.2.6. Trabalho

As roças de subsistência foram, durante muito tempo, o meio de sustento dos moradores de Ivaporunduva. Na década de 1950, os moradores da comunidade praticamente abandonaram a roça para extrair palmito das matas, atividade que perdurou até 1960.

Ao deixar de lado os trabalhos comunitários como os mutirões nas roças para a dedicação à extração de palmito, as comunidades acabaram passando por um processo de afastamento das manifestações tradicionais e de falta de participação na sociedade.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

A exploração do palmito não só prejudicou o meio-ambiente, pois a extração era feita de maneira desordenada, como as condições de trabalho e a superexploração da força de trabalho camponesa deixou muitos quilombolas bastante debilitados.

Os meios de subsistência que antes eles mesmos produziam, passaram a ser comprados. Os palmiteiros muitas vezes faziam o papel de comprador de palmito e vendedor das mercadorias de que necessitavam. Percebendo o grande erro que haviam cometido trocando o certo pelo duvidoso, foram obrigados a voltar à condição anterior de lavrador.

No final da década de 1960, a estrada de rodagem chega à Ivaporunduva e com ela também novos costumes, hábitos, necessidades, mercadorias, apropriação privada e cercamento das terras e, além de tudo isso, um tipo de relacionamento trabalhístico até então desconhecido para eles: o trabalho assalariado.

Sem roças por causa da extração do palmito, sem condições de dar o que comer à família, os quilombolas enfrentam os problemas relacionados à delimitação da terra e na dependência de ganhar dinheiro para se prover dos bens essenciais, acabaram indo trabalhar, como assalariados, para os novos fazendeiros da região.

Pais de família ficavam dias, semanas, fora de casa e quando voltavam a quantia que traziam era irrisória. Enquanto diaristas, nunca tiveram seus direitos respeitados. As mulheres permaneciam em casa, cuidando da roça sem poder contar com a efetiva força masculina no trato com a terra.

Os mais jovens se viram compelidos a procurar outras perspectivas de vida fora da comunidade. Estudam nas cidades vizinhas e quando terminam os estudos, vão para os grandes centros urbanos em busca de melhores empregos para ajudar seus parentes da comunidade.

O problema das roças de subsistência persiste até os dias atuais. Envolvidos com o plantio e a colheita da banana orgânica, as roças continuam em segundo plano. Com a criação de parques e reservas ecológicas em toda a região do Vale do Ribeira, o raio de ação do quilombola, em relação ao uso da terra, foi radicalmente diminuído. A roça para o consumo diário fica nas imediações da casa onde se mora.

O ouro da vez é a banana.

### **5.2.7. Lutas Políticas**

A ameaça de alagamento das comunidades ribeirinhas caso a construção das três barragens (Batatal, Funil e Itaóca) seja aprovada, tira o sono dos líderes de Ivaporunduva. Organizados politicamente e com o respáudo do Artigo 68 que lhes garante a posse de suas terras, os quilombolas colocam pedras no caminho de Antônio Ermírio de Moraes, proprietário da Companhia Brasileira de Alumínio.

As lideranças quilombolas da região organizaram-se num grande movimento chamado Movimento dos Ameaçados por Barragens do Vale do Ribeira (MOAB). Mário Covas, ao final de seu governo (1986), deu a Antônio Ermírio a licença para a construção das barragens. O MOAB entra na justiça para

tentar suspender a licença. Em setembro de 1994, a juíza Ana Scartezini, suspende a licença de construção da hidrelétrica de Tijuco Alto.

Mas, a briga continua. Antônio Ermírio não desistiu da construção das barragens e os quilombolas não desistiram da luta. O processo de titulação das terras ao qual esperavam, já está instituído: Ivaporunduva é a primeira comunidade quilombola titulada do estado de São Paulo.

O processo de titulação de Ivaporunduva já está concluído. Mas, a luta é que todas as comunidades quilombolas, em todo o território nacional, tenham seus direitos respeitados e seus títulos emitidos.

A televisão na vida desses líderes políticos serve para que tenham acesso às informações de outras localidades que vivem realidades parecidas e de pauta para discussões sobre os mais variados assuntos. O programa televisivo favorito desses homens (a liderança é masculina) é o noticiário. Assistem os noticiários das várias emissoras e analisam seu conteúdo. As informações pertinentes são retidas, as que não interessam são descartadas.

Apesar de ser bastante normal o fato de serem os homens o público alvo dos noticiários e isso se indicar também para os homens quilombolas, o que se destaca é o fato da análise do conteúdo dos jornais por pessoas de nível cultural tão baixo. Líderes e liderados têm pouco grau de instrução e um profundo conhecimento na luta por seus direitos. E é nisso que os quilombolas diferem dos moradores da cidade: utilizam das informações para transformar sua realidade, lutam por seus direitos e a televisão é instrumento para essa luta.

Indo e vindo, constantemente, de viagens à Brasília, os líderes quilombolas têm acesso direto à fonte primária de informação. Muitas vezes, sabem as

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

informações muito antes de serem divulgadas. Seu senso crítico os faz desenvolver um discurso ao qual sua audiência entenda.

Numa comunidade de tradição oral, a melhor maneira de transmitir as notícias que a todos diz respeito é através da oralidade. Assembléias são realizadas para a disseminação das informações, os avisos são dados durante a missa e também os bate-papos informais são ótimos veículos de informação.

Toda a comunidade participou ativamente da luta pela titulação das terras. Toda a população quilombola luta contra as barragens. Todas as comunidades quilombolas do Brasil querem ser tituladas e Ivaporunduva atua junto dessas comunidades como agentes multiplicadores e consultores.

É a dignidade quilombola somada a resistência negra.

## Capítulo 4

### 6. Metodologia e análise de dados

O primeiro contato com uma comunidade quilombola é algo mágico. Na simplicidade de seus atos, no calor humano dedicado aos visitantes, estudantes e pesquisadores encontra-se a tranqüilidade da porta aberta e a certeza de respostas para nossas questões.

Com o objetivo de descobrir se a chegada da televisão em Ivaporunduva, no início da década de 1990, alterou a cultura quilombola, lançamos mão das técnicas para o desenvolvimento de um estudo de caso. De acordo com Robert Yin (2005),

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

O estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes. [...] [utiliza da] observação direta dos acontecimentos que estão sendo estudados e entrevistas das pessoas neles envolvidas. [...] o poder diferenciador do estudo de caso é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações – além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional (2005, p. 27).

O primeiro passo para conhecer melhor a realidade quilombola já havia sido dado quando desenvolvia meu trabalho de conclusão de curso (TCC) em Jornalismo, em 2001. Estudei uma comunidade, próxima a Ivaporunduva, chamada Sapatu.

A partir de bibliografia específica a respeito de comunidades rurais negras no Vale do Ribeira, ficou mais fácil entender a história e os costumes dessas comunidades. Depois, partimos para a busca de bibliografia que nos desse a real dimensão da escravidão no Brasil, na África, a história da conquista do Brasil e dos países colonizados pelos portugueses no continente africano, bibliografia sobre outros quilombos no Brasil, quilombos atuais ou antigos, livros que tratem da questão da identidade e da comunicação e tudo o que pudesse e alguma maneira acrescentar no conteúdo do trabalho.

Num segundo momento foi necessária a introdução do pesquisador no seio da comunidade, a fim de apresentar-se à liderança local e explicar o intuito da pesquisa. Feito isso e dada a autorização, as portas de Ivaporunduva se abriram.

A casa de Nilzete e Simão Rodrigues foi a pousada do pesquisador em Ivaporunduva.

Em se tratando de uma comunidade quilombola, onde a maioria dos adultos é semi-analfabeta e a tradição oral é o ponto forte, a coleta de dados foi feita através de entrevistas abertas, com perguntas direcionadas às questões de interesse do pesquisador, observação direta e participação nos eventos da comunidade, procurando dessa maneira, não ser encarada como pesquisadora e sim como participante ou convidada. Essa postura deixou os entrevistados mais à vontade durante a realização da pesquisa.

O valor da tradição oral como fonte fidedigna de informação é defendida por Joseph Ki-Zerbo na obra *História Geral da África vol 1*, da qual foi coordenador. Ki-Zerbo diz que “a tradição oral aparece como repositório e vetor do capital de criações sócio-culturais acumulados pelos povos ditos sem escrita: um verdadeiro museu vivo” (1982, p. 27).

J. Vansina (1982), em seu texto *A tradição oral e sua metodologia*, publicado na obra acima citada afirma que

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar de elocuições-chave, isto é, tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração a outra. [...] A oralidade é uma atitude da realidade e não a ausência de uma habilidade (1982, p. 157).



Justamente por acreditar que a tradição oral é a expressão da sabedoria, foi utilizada a entrevista como ferramenta na coleta de dados.

Quanto a influência da televisão na cultura e no comportamento dos quilombolas, foi necessária a observação direta e participação de bate-papos informais.

Os entrevistados foram escolhidos com a ajuda de membros da própria comunidade, que indicaram as pessoas com maior conteúdo e maior relevância para a pesquisa. Outras também foram entrevistadas, mesmo não tendo sido indicadas.

As entrevistas com os idosos deram a noção do que era Ivaporunduva no passado, num mundo sem energia elétrica e sem os aparelhos eletroeletrônicos. A entrevista com os jovens deu a noção da realidade atual ligada aos aparelhos eletrônicos. As entrevistas com os homens deram a noção da falta de interesse pelo universo televisivo, a não ser em dia de campeonato de futebol. As entrevistas com os diversos líderes da comunidade deram, além de fazer um retrato atual da comunidade, o real valor da função dessas pessoas como formadores de opinião.

Foi a partir da fala desses líderes que se pôde fazer a análise a respeito da televisão na cultura quilombola de Ivaporunduva.

O livro de Joel Zito Araújo, *A negação do Brasil* (2000), serve de norte para apoiar a fala dos quilombolas no que tange a invisibilidade do negro na telenovela brasileira, já que é a novela o programa mais assistido na comunidade.

A análise foi feita a partir dos instrumentos teóricos oferecidos por Joseph M. Luyten com o desenvolvimento da teoria da Folkmídia. Toda análise está

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

procurando, como indica o doutor em comunicação, as transformações acontecidas via televisão.

Nossa pesquisa tem características descritivas. Esse tipo de pesquisa observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (varáveis) sem manipulá-los. Procura descobrir, com a precisão possível, a freqüência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características.

Busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas.

A pesquisa descritiva desenvolve-se, principalmente, nas ciências humanas e sociais, abordando aqueles dados e problemas que merecem ser estudados e cujo registro não consta de documentos. Os dados, por ocorrerem em seu hábitat natural, precisam ser coletados e registrados ordenadamente para seu estudo propriamente dito.

A pesquisa descritiva pode assumir diversas formas, e o estudo de caso é uma delas. Para saber mais sobre essas formas destacam-se:

- a) Estudos Descritivos: trata-se do estudo e da descrição das características, propriedades ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade pesquisada.

Os estudos descritivos, assim como os exploratórios, favorecem, na pesquisa mais ampla e completa, as tarefas da formulação clara do problema e da hipótese como tentativa de solução.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Comumente se incluem nesta modalidade os estudos que visam identificar as representações sociais e o perfil de indivíduos e grupos, como também os estudos que visam identificar estruturas, formas, funções e conteúdos.

- b) pesquisa de opinião: procura saber atitudes, pontos de vista e preferências que as pessoas têm a respeito de algum assunto, com o objetivo de tomar decisões.
- c) Pesquisa de Motivação: busca saber as razões inconscientes e ocultas que levam, por exemplo, o consumidor a utilizar determinado produto ou que determinam certos comportamentos ou atitudes.
- d) Estudo de Caso: é a pesquisa sobre um determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade que seja representativo do seu universo, para examinar aspectos variados de sua vida.
- e) Pesquisa Documental: são investigados documentos a fim de se poder descrever e comparar usos e costumes, tendências, diferenças e outras características. Estuda a realidade presente, e não o passado, como ocorre com a pesquisa histórica.

Em síntese, a pesquisa descritiva, em suas diversas formas, trabalha sobre dados ou fatos colhidos da própria realidade (CERVO e BERVIAN, 2002, P. 66-67).

Não se pretende aqui esgotar o assunto que ora tratamos. Mesmo porque a influência da televisão em uma comunidade quilombola pode ser analisada de diversos ângulos e aqui nos propomos a utilizar a teoria da Folkmídia para a análise.

## 6.1. A chegada da televisão em Ivaporunduva

A energia elétrica ainda era luxo para os moradores das comunidades rurais negras do vale do Ribeira até o final da década de 80. Era sob a luz da lamparina que aconteciam os bate-papos nas portas das casas, as modas de viola e os bailes.

Maria da Guia Marinho Silva, lembra com saudade daquele tempo.

*“Naquela época a gente ficava de conversa até ficar bem escuro. Agora, chegou a hora da novela, as mulheres largam o papo que às vezes está tão bom e correm para casa pra ver televisão”.*

Difícil imaginar a vila de Ivaporunduva sem a luz elétrica. Hoje, ainda é complicado para quem mora na cidade, acostumado com a iluminação artificial, caminhar sem escorregar na lama ou tropeçar nas pedras. Em noite sem lua, a escuridão é tamanha que é preciso se guiar pela luz que vem do interior das casas para chegar aonde se quer. Os postes que iluminam o centro da vila e a frente da igreja da Nossa Senhora do Rosário não dão conta de iluminar as passagens que levam até as casas.

A travessia do rio Ribeira de Iguape também é algo bastante perigoso na escuridão. Com a vila iluminada fica mais fácil a travessia. Bonito mesmo é o céu. Quanto menos luz, maior o número de estrelas. A lua reina majestosa na noite de

Ivaporunduva naquele céu quilombola que guarda tantas histórias, que já fora visto por tantos negros escravos, por tantos negros guerreiros.

Ainda hoje no interior da comunidade, no local mais afastado do rio e que dão o nome de sertão, há casas sem energia elétrica. Silvestre Rodrigues, mora num local afastado da vila chamado Córrego Grande. Em outros tempos o córrego que passa perto de sua casa era realmente grande. Muitas pessoas morreram afogadas ali enquanto pescavam. Hoje, com uma passada larga ele pode ser atravessado.

*“Ele agora é um ‘córguinho””, diz Sr. Silvestre.*

Homem bastante falante, conta que prefere a vida que aprendeu com seus pais e avós do que as facilidades da vida atual tão valorizada pelos mais jovens. Não gosta das coisas da modernidade. Comida feita em fogão a gás não tem graça. Morar em casa de tijolo para quê? Nasceu, cresceu e vive numa casa de pau-a-pique e não sente vontade nenhuma de ir morar na vila nem de trocar sua casa por uma de blocos.

*“Gosto de viver como me ensinaram meus pais e é assim que ensinei meus filhos”.*

Como a maioria da população que vive em Ivaporunduva, Sr. Silvestre é agricultor. É uma das lideranças nos mutirões da roça na comunidade. O progresso não mudou muita coisa em sua vida. Levada de acordo com os preceitos deixados pelos “seus mais velhos”, Sr. Silvestre se fecha para os bens

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

de consumo da modernidade e prefere ficar longe da influência dos bens chegados com a luz elétrica.

Foi em 1991, por conta da campanha eleitoral para prefeito de Eldorado que a luz chegou a Ivaporunduva. O candidato a quem chamam de Claudinho prometeu durante a campanha que, caso ganhasse as eleições, levaria a luz elétrica para as comunidades. Não ganhou o pleito, mas cumpriu a promessa.

As portas do quilombo estavam abertas para os bens de consumo movidos a energia elétrica. A comida já não estragava com facilidade, pois havia geladeira, as festas dispensaram os tocadores que foram substituídos por cds e a vida quilombola foi invadida pelos programas de televisão, principalmente as novelas.

Arnaldo dos Santos Pontes, o Naldo, saiu da comunidade em fevereiro de 2005 para cursar a faculdade de Psicologia em São Paulo. Ele é um dos 13 estudantes quilombolas de Ivaporunduva na terra da garoa.

Naldo conta com seus 21 anos e lembra com nitidez da chegada do primeiro aparelho de televisão na comunidade. Foi quase que imediatamente após a chegada da luz elétrica. Ele conta que a festa foi tanta que parecia “festa de campeonato da Copa do Mundo”. O aparelho pertencia a um primo seu chamado Eliseu Mota. Eliseu, hoje, mora em Eldorado e trabalha para uma empresa de telefonia.

Foi de Eliseu a primeira antena parabólica da comunidade. Ivaporunduva fica num vale rodeado por montanhas o que não possibilita a chegada de sinal para o funcionamento de televisão, rádio e celular. Hoje, é bastante comum

encontrar pela comunidade várias antenas parabólicas, pois a única maneira de ter acesso à programação é via satélite<sup>17</sup>.

A comunidade ficou em polvorosa quando a televisão foi ligada. O primeiro programa a ser visto foi um jogo de futebol. Naldo lembra da multidão na casa de seu primo.

*“Eu gostava de ver jogos de futebol. Foi na televisão dele que vimos o Brasil ser campeão da Copa do Mundo de 1994”.*

A televisão tem, nos últimos tempos, carregado o estigma de vilão dos meios de comunicação de massa acusada de invadir, sem pedir licença, a vida e o comportamento das pessoas às quais tem acesso. Pelo fascínio que exerce sobre seus telespectadores foi incutido nela toda a responsabilidade pela mudança comportamental e transformação cultural das pessoas que dela fazem uso.

Ditão, uma das lideranças fortes de Ivaporunduva, diz que a televisão possui os lados positivo e negativo. Do positivo ele se rende a importância dos noticiários e programas educativos, pouco vistos, ele bem sabe. Nos noticiários é possível verificar as informações que lhe são úteis em suas lutas. Grande exemplo foi a reportagem do Fantástico, veiculada em 17 de outubro de 2004, sobre a fraude nos programas Bolsa Escola, Bolsa Família e Fome Zero.

Maria da Guia fez inscrição para receber os auxílios há bastante tempo e ainda não havia conseguido recebê-lo. Hoje seus filhos já passaram da idade

---

<sup>17</sup> A comunidade possui telefone que funciona via rádio e a internet, parte do programa de inclusão digital da Petrobrás que acontece na comunidade, também é via satélite.

permitida para a participação nos programas. Ela acredita que há um certo descaso para com as comunidades quilombolas.

Diversas famílias da comunidade se inscreveram nos programas e ainda não haviam sido contempladas com os auxílios. Com a reportagem no ar, a comunidade ficou sabendo da fraude e foram procurar seus direitos. Em torno de 30 famílias foram contempladas nos dias subseqüentes à apresentação, em rede nacional, da reportagem.

Reportagens que mostram a luta contra as barragens também interessam e muito aos quilombolas de Ivaporunduva. Elas servem de argumento para arregimentar o maior número possível de adeptos à causa para fortalecer ainda mais o movimento.

Ditão diz que não vê os noticiários como verdade absoluta.

*“Não vejo o jornal como se ele dissesse somente verdades. Eu vejo jornal de uma emissora, vejo de outra e depois faço uma análise crítica”.*

Quanto à novela, Ditão diz que vê.

*“Não assisto a novela como se ela fosse realidade. É só para me distrair”.*

Ele acredita que os mais influenciados pela televisão são os mais jovens e isso o preocupa.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



O lado negativo da televisão, para Ditão, é a falta de programas de trabalho a auto-estima do negro. Ele aponta como referencial o programa infantil Mundo da Imaginação, apresentado pela loira Xuxa.

*“Você não vê nada de negro é tudo para branco. Não tem nada pra o negrinho quilombola se identificar. Não aparece na televisão propaganda de boneca negra e se você for dar pra sua filha uma boneca negra, ela vai querer uma loira porque é isso que ela vê na televisão”.*

Ele aponta ainda a educação como fator de exclusão do negro. O material didático não possui nada que faça com que a criança quilombola se sinta representada na sociedade ou mesmo no processo de aprendizado.

*“O maior massacre na nossa cultura hoje é a escola. Depois que a criança se formou daquele jeito, vai ser muito difícil mostrar o outro lado da moeda pra ela. A escola não trabalha a auto-estima da criança negra”.*

O Governo Federal, em janeiro de 2003 inatura a lei 10.639/2003 que institui como obrigatória a inclusão da História da África e da Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares das escolas públicas e privadas do Brasil. Essa é uma reivindicação do Movimento Negro há mais de 30 anos. Agora a luta é para, justamente, remodelar os livros didáticos existentes e investir na publicação de livros que contemplem essa nova demanda.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

### 6.1.1. A invisibilidade do negro na televisão

Numa realidade onde se prima pela manutenção da identidade cultural, os líderes de opinião têm papel fundamental na seleção de informações às quais os quilombolas estão expostos.

A identidade cultural que se apregoa hoje no quilombo de Ivaporunduva é uma identidade criada para legitimar uma luta, uma luta ancestral de busca pela cidadania. Essa luta faz com que se aproximem das reivindicações dos quilombolas no tempo do Império. Os quilombolas de ontem queriam sua liberdade, os quilombolas de hoje querem ser, efetivamente, cidadãos brasileiros.

O fato de não haver negros em número correspondente à realidade populacional nas novelas e programas de televisão está intimamente ligado à política de embranquecimento da população brasileira.

O livro de Joel Zito Araújo, *A Negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira* tem como hipótese, comprovada ao longo dos capítulos, que “o enfoque racial da televisão brasileira é resultado da incorporação do mito da democracia racial brasileira, da ideologia do branqueamento e do desejo de euro-norte-americanização das nossas elites” (Araújo, 2000, p. 40).

A participação da imprensa e sua importância como fórum de debates na difusão e defesa das idéias eugenistas, pode ser observada nos trabalhos de Lilia M. Schwarcz, principalmente, no livro *Retrato em Branco e Negro*. Essa autora demonstra que a acolhida entusiasta das teorias raciais européias pela elite

intelectual e pela imprensa brasileira do período (final do século XIX) não se tratava de idéias fora do lugar, de importação de modelos fora de contexto [...]. Os argumentos pró-branqueamento e as idéias racistas européias não eram implausíveis para a sua época, pois faziam parte do contexto e da dinâmica das relações sociais de uma elite com medo da continuidade da onda de revoltas negras, que antecederam a abolição da escravidão (ARAÚJO, 2000, p. 26).

Os textos publicados nos jornais da época, como bem nos mostra Schwarcz, são altamente preconceituosos e reforça o tempo todo a inferioridade do negro e a desgraça que era para todos os africanos serem filhos daquele continente tão “selvagem”.

Toda sociedade tem os seus mitos e tabus. No Brasil, a ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial foram desejos e metas sociais construídos historicamente para apagar a herança africana, a “mancha negra da escravidão”, sendo responsáveis pela dificuldade de grande parcela dos afro-brasileiros em cultivar a sua auto-estima (ARAÚJO, 2000, p. 25).

Nas comunidades quilombolas, a invisibilidade foi vista, por José Jorge de Carvalho (1996), como um mecanismo de sobrevivência. Mas, a partir do momento que se tem noção de seu papel na sociedade, o ser negro, o assumir-se quilombola se faz necessário.

Essa idéia de branquear progressivamente os negros, mulatos e mamelucos, e de ver a mestiçagem como ponte para a eugeniação, foi defendida por intelectuais como Sílvio Romero e Oliveira Viana, além de João Batista

Lacerda<sup>18</sup>. Mas, embora não tenha sido partilhada pelo antropólogo Nina Rodrigues – que via na miscigenação a possibilidade de gerar um enegrecimento do país – e pelo escritor Euclides da Cunha – que entendia de modo negativo a mestiçagem entre brancos e negros -, todos eles contribuíram para a consolidação de uma ideologia que sugeria a criação de políticas para diluir a raça negra, e defenderam como ação concreta a promoção da imigração europeia (ARAÚJO, 2000, p. 27).

De acordo com Araújo (2000), a teoria da miscigenação sofreu uma nova inflexão, a partir dos anos 30, com os impactos do trabalho *Casa-grande & senzala*, do antropólogo Gilberto Freire. Em sua obra (...) defendeu que a mestiçagem cultural das três raças fundadoras (negra, branca e índia) foi uma experiência positiva na formação da cultura brasileira, valorizando dessa forma a participação do negro. (ARAÚJO, 2000, p. 28).

O mito da democracia racial brasileira nasce com base no argumento da importância da miscigenação cultural que o país, extraído da obra de Gilberto Freire e de seu raciocínio sobre o fato de que o Brasil dificilmente poderia ser racista, em decorrência tanto do hábito recíproco de convivência com a diferença racial nascida na intimidade das relações, e do intercuro sexual, mantido desde a época da escravidão entre os senhores da casa-grande e da criadagem da senzala, quanto da (aparente) cordialidade da vida social brasileira, constantemente observada pelos visitantes estrangeiros (MICHEL AGIER, 1992 *apud* ARAÚJO, 2000, p. 28).

---

<sup>18</sup> João Batista de Lacerda era, em 1911, diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Em trabalho apresentado no primeiro Congresso Internacional das Raças, realizado no mês de julho em Paris, o representante brasileiro proferiu o célebre prognóstico: “O Brasil de hoje tem, no branqueamento em um século, sua perspectiva, saída e solução” (Munanga e Schwarcz *apud* Araújo, 2000, p. 27).

Solange Martins Couceiro de Lima, ao prefaciар o livro de Joel Zito, indica o caminho que foi mostrado pelo líder quilombola Ditão, a televisão mostra uma realidade que não é a deles. O povo negro não consegue se enxergar como parte integrante da nação brasileira porque sempre ficou por deras das cortinas. Solange explica que

Ao caracterizar o negro de modo estereotipado, a telenovela traz, para o mundo da ficção, um imaginário que permeia as relações entre brancos e negros no Brasil; revela o universo presente nessas relações, atualiza crenças e valores pautados por esse imaginário que não modernizou as relações interétnicas na nossa sociedade. A telenovela pretende, hoje, representar a moderna sociedade brasileira, discutir temáticas sociais atuais e candentes; entretanto, não inclui nessas temáticas uma imagem mais moderna nem um questionamento mais sério e corajoso da questão racial e das relações entre brancos e negros no Brasil, a não ser por meio de algumas tentativas esporádicas e realizadas, freqüentemente, com alguns equívocos. Não apreço fazer parte da agenda das emissoras de tevê uma proposta sistemática de contribuir para uma discussão sobre o racismo. Do mesmo modo que em outras instâncias esse debate não é considerado prioridade, pois, possivelmente pelo “preconceito de ter preconceito”, continuamos a não enfrentar a existência do racismo e a não admiti-lo, e insistimos em racionalizar com a afirmativa de que esse problema já foi resolvido no Brasil, invocando-se a Constituição para corroborar a afirmativa. (Solange Martins Couceiro de Lima, no prefácio da obra de Joel Zito ARAÚJO, *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*, 2000, p. 13).

Araújo afirma que é possível identificar as manifestações de uma identidade negra brasileira, com suas bases contrastantes de outras identidades e um referencial comum entre afro-descendentes. Ele acredita que essas bases estão no desejo de pertencimento a um grupo populacional coeso, em decorrência do sentimento de exclusão e da necessidade de proteção e enfrentamento, diante do preconceito e da discriminação racial existentes na sociedade brasileira. Aponta, entre as metas comuns, a necessidade de desenvolver como consenso a atitude de oposição ao racismo e o reforço da auto-estima pela valorização dos traços fenotípicos e da herança cultural africana e dos negros da diáspora (ARAÚJO, 2000. p. 31).

Na forja de uma identidade e de um lugar de pertença, o negro cria mecanismos para inserir-se na sociedade. Organizando-se politicamente desenvolve uma série de ações para fortalecer sua identidade negra:

- Aumento da presença de negros militantes em instituições do poder executivo, judiciário e legislativo;
- O crescimento das ONG, que conseguem visibilidade na imprensa por suas ações conjuntas com advogados negros, articulados nacionalmente, na defesa das vítimas de discriminação racial;
- Maior sensibilidade da mídia com as questões colocadas pelo movimento negro;
- A ação dos militantes negros em sindicatos e partidos políticos;
- O sucesso editorial de uma revista dirigida para população negra:

*Raça Brasil;*

- As pesquisas de mercado que apontam a existência de um significativo público consumidor entre os negros, com demandas étnicas definidas.

Essas diferentes expressões do crescimento da identidade negra no Brasil, neste final do século XX, não contradizem as conclusões de Kabengele Munanga, em sua obra *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra* (apud ARAÚJO, 2000, p. 32) de que, apesar de ter fracassado o processo de branqueamento físico da sociedade, seu ideal, inculcado por mecanismos psicológicos que não poderia explicar, ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro (ARAÚJO, 2000, p. 32).

No século XX, a partir dos anos 30, o que era mestiço torna-se nacional, em decorrência das necessidades do Estado Novo de operar um novo conceito de identidade para o país. Entretanto, apesar dos esforços do estado e da intelectualidade brasileira em forjar o mito da mestiçagem e de tomar o mestiço como definição da verdadeira identidade nacional, Renato Ortiz entende que constitui um truísmo buscar-se definir o Brasil como um produto da mestiçagem das três raças povoadoras e afirma que esse mito não consegue ainda se ritualizar, pois as condições materiais para sua existência são puramente simbólicas.

Os meios de comunicação, em especial o rádio e o cinema, tiveram também um papel decisivo na primeira metade do século XX na organização de relatos da identidade nacional dos países latino-americanos. [...] O surgimento da televisão no Brasil, nos anos 50, veio reforçar esse papel das mídias já existentes

na organização de uma identidade nacional, transformando também elementos culturais dos não-hegemônicos, negros e índios, em características marcantes da identidade nacional brasileira e ampliando as dificuldades de se definir o que é negro no país. (ARAÚJO, 2000, p. 34-35).

Folcloriza-se a cultura negra e indígena e suprime-se a real importância desses ingredientes que também deram a liga na massa, nada homogênea, que é a cultura brasileira.

Analisando Brasil, Estados Unidos e África do Sul, Joel Zito diz que de uma forma diferente desses países, que utilizaram a diferenciação étnica para conferir um estatuto de superioridade à raça dominante, o Estado brasileiro buscou apagar toda diferença étnica/racial com a tentativa de construir uma identidade brasileira. (2000, p. 35).

Os levantamentos estatísticos realizados nos anos 90, que trazem indicadores sobre o lugar ocupado pelo mestiço no mercado de trabalho ou sobre suas oportunidades no sistema educacional, permitem constatar que a mestiçagem não foi um caminho para nivelar as diferenças sociais, culturais e raciais no Brasil. (...) Os fatos apontam que a ideologia da mestiçagem, concretamente, dificultou a construção da identidade negra dos afro-descendentes e, ao longo do século XX, minimizou as oposições ao projeto de branqueamento do país. (ARAÚJO, 2000, p. 36).

Diz Araújo

(...) apesar da persistência da idéia da superioridade do branco e da ideologia da brasilidade, que tendem a inibir qualquer discurso de pertencimento racial e a forçar

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



uma dissimulada opção pelo branqueamento, a resistência negra insiste e parece estar em franca ascensão nos seus esforços de valorização da sua cultura e no reconhecimento de uma identidade negra entre os afro-descendentes (2000, p. 37).

O melodrama radiofônico dos Estados Unidos, a *soap opera*, que surgiu nos anos 30, foi um reservatório importante de histórias, personagens e narrativas para os primeiros anos da televisão norte-americana. Da mesma forma que o foram os filmes melodramáticos, os programas cômicos e os musicais de Hollywood. (ARAÚJO, 2000, p. 43).

Da mesma maneira aconteceu com a televisão brasileira. Os programas televisivos tinham o mesmo formato dos programas radiofônicos.

Brasil e Estados Unidos são as duas maiores sociedades multiraciais das Américas. Ambas, no final do século XX, apesar de fortes diferenças estruturais e de colonização, mantêm marcantes desigualdades socioeconômicas em decorrência das diferenças raciais da sua população, resultado de um passado escravocrata comum. (ARAÚJO, 2000, p. 44).

### 6.1.2. A criação dos estereótipos

De acordo com Joel Zito Araújo a luta do afro-americano pela sua inserção e pelo controle de sua representação na televisão dos Estados Unidos, começa num momento em que o estereótipo do “mulato trágico” está desaparecendo do cinema. “(...) o Movimento pelos Direitos Civis exerceram uma forte pressão sobre as tevês comercial e pública dos Estados Unidos. Essas ações trouxeram

resultados marcantes no destino dos estereótipos e na construção de personagens negros, desde os anos 50 (...)” (2004, p. 49).

No período inicial da televisão norte-americana o primeiro papel estereotipado do negro é o do servil, inferior e dedicado às famílias brancas. Tom e Tia Jemima do filme *Uncle Tom's Cabin*, apresentado no Brasil com o título *A Cabana do Pai Tomás*, de acordo com Araújo, serviram de base para a representação, na ficção, do negro no cinema, rádio e televisão do Brasil.

No início dos anos 70, os programas felizes de famílias felizes e a idéia de que a América era uma grande família sem conflitos, começaram a perder a força, por pressão dos direitos civis e da Guerra do Vietnã. (...) em 1977 estreava a minissérie *Roots (Raízes)*, uma história da saga de uma família negra norte-americana (...). Baseado no best seller do escritor negro Alex Haley, lançado no ano anterior, atendia a uma demanda crescente na população negra por histórias que apresentassem as suas representações sobre o papel desempenhado pelos negros no passado dos Estados Unidos. *Roots* enfatizava o orgulho familiar enfrentando o racismo em várias facetas da vida cotidiana. (...) Apesar do reconhecimento de que a minissérie contribuía para a auto-estima dos negros, muitas críticas foram feitas ao enredo por ter sofrido modificações e se distanciando do texto original, para tornar-se aceitável à audiência branca. (ARAÚJO, 2000, p.55).

Em 1980, é criada a primeira televisão pública com controle hegemônico dos negros, a PSB da Howard University. (ARAÚJO, 2000, p.57).

De acordo com Dates e Barlow (*apud* Araújo, 2000, p.59), até os anos 60 os negros só atuaram como figurantes. Somente no início da década seguinte as

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

telenovelas começaram a incluir personagens negros, mas só no final dos anos 80 atores afro-americanos teriam papéis importantes (...).

Como demonstra Herman Gray, as “imagens positivas” dos negros nas *sitcoms* idealizam harmonia racial, afluência e mobilidade social e, portanto, desviam a atenção do racismo, da desigualdade e da diferença de poder ainda existentes (*apud* ARAÚJO, 2000, p. 59).

As novelas brasileiras iniciaram um processo de inclusão com personagens negros em situação social melhor colocada. Mas, são casos raros. O ideal é que as novelas além de retratar a vida amorosa dos heróis e heroínas das novelas, retratassem a realidade do negro brasileiro.

Analisando os personagens negros no cinema industrial norte-americano dos anos 90, Clyde Taylor (*apud* ARAÚJO, 2000, p. 60) acredita que continuaram persistindo os estereótipos de homens negros como palhaços, humoristas natos ou comicamente estranhos.

João Carlos Rodrigues, em seu livro *O negro brasileiro e o cinema* (2001) traça, tal qual Joel Zito, um perfil histórico e registros dos papéis do negro no cinema. Os papéis estereotipados estão em muitos programas assistidos pela população negra e que, ao invés de fortalecer a auto-estima, nos enfraquece. Nunca aparecemos e quando aparecemos... Abaixo segue uma lista dos estereótipos que eram assistidos pelos quilombolas nos programas de televisão.

**Preto-Velho:** essencialmente conformistas, contrapondo-se ao negro militante. Jamais ultrapassam o papel de codjuvante. Na novela das seis, *Começar de Novo*, o ator e cantor Toni Tornado fazia o papel de preto-velho, guardião dos

patrões. Vivia de favor na casa da filha que era casada com um médico branco. Sem contar que na novela, esta era a única família negra.

**Malandro:** é configurado com o exu Zé Pilintra. Gosta de levar vantagem em tudo. Na novela *Senhora do Destino*, quem representava era o personagem Cigano. Ex-presidiário, extremamente mau caráter, morreu com um tiro. Esse estereótipo reforça a imagem de bandido que foi incultada na cultura brasileira e que a mídia ajuda a reforçar.

**Favelado:** De acordo com João Carlos Rodrigues, este arquétipo ainda não se consolidou, mas tem grandes chances. O personagem Cigano também se encaixaria neste perfil, afinal, morava mesmo em uma favela.

**Mulata Boazuda:** No arquétipo ela é a companheira do Malandro. Na novela *Senhora do Destino* a esposa do Cigano é a própria mulata boazuda e que se casa com um branco, de preferência...

**Musa:** Linda e maravilhosa, é pura e recatada. Mas, há controvérsias. A musa dos últimos tempos se confunde com a mulata boazuda. A atriz Solange Couto, em seu último papel na novela *Começar de Novo*, dava trabalho para seu marido, o médico Pimenta, um homem baixinho, branco, sem atrativos e que morria de ciúmes do alemão amigo do protagonista da trama. Para caber dentro do papel de boazuda, Solange emagreceu so quilos e fez diversas operações plásticas. Mas, por mais que tentassem deixá-la uma negra bem sucedida, ela ficou mais branca do que afro-brasileira.

**Afro-Baiano:** Cidadão brasileiro, negro, que usa roupas exóticas e normalmente atua em programas humorísticos. Por mais que seja um arquétipo em formação, o programa *Zorra Total* possui um personagem que não é brasileiro, é Angolano.

**pdfMachine** - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Seu perfil é exatamente este. Com um detalhe, o tempo todo o Angolano mostra um lado mentiroso e trapaceiro, além de engraçado.

Esses estereótipos que aparecem na televisão não possuem um caráter de elevação da auto-estima. Não se vê estereótipos relacionados a pessoas brancas. Até nos filmes, os papéis dos negros são estereotipados.

Numa comunidade quilombola, onde a identidade está em pleno processo de reconstrução, os estereótipos mostrados na televisão não acrescentam em nada na vida dessas pessoas.

A cultura quilombola parece mais forte do que a cultura de massa, pelo menos no aspecto de abstração de costumes. Seus antepassados são mais valiosos e servem melhor de referencial do que os modelos de conduta disseminados pela mídia.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## Considerações Finais

A força que emana daquele território negro me acompanhará por cada dia que ainda viver. Ivaporunduva fica para trás, mas a certeza da volta é grande. Dias de sol, noites de lua, caminhadas ao luar, banhos no córrego, modas de viola no boteco (eu tive que ir), forró, forró e mais forró.

Futebol feminino, brincadeiras no campo, disputa com os rapazes. A dinâmica de Ivaporunduva tem seu próprio tempo, seu próprio espaço e não aceita imposições. Melhor assim.

A televisão entra na estrutura da comunidade, faz seus ajustes (a mudança de horário das festas, a introdução dos jargões no vocabulário da comunidade), mas não causa grandes estragos. O cuidado com que a liderança conduz a disseminação da cultura e manutenção da identidade quilombola é algo impressionante.

Nos costumes locais pode-se perceber que as influências acontecem também por conta do contato com outras realidades. Os rapazes, que fazem parte da associação, estão sempre indo para Brasília em eventos que dizem respeito diretamente aos interesses da comunidade.

Aprenderam lá a usar a Internet e a web passou a ser o principal meio de comunicação de Ivaporunduva com o resto do Brasil. Por iniciativa própria, montaram um projeto de inclusão digital e, com a parceria do Instituto Sócio-Ambiental (ISA), conseguiram, junto ao Banco do Brasil, fazer parte do projeto de

nível nacional. São dez computadores com internet para capacitar os quilombolas na utilização do equipamento.

As teclas assustam alguns mais tímidos, mas assanha aos mais ousados. Projetos na área ambiental estão sendo realizados com o apoio do ISA e dos quilombolas que colocam a mão na massa.

Os mais velhos se preocupam com o comportamento dos adolescentes e crianças que já não mais obedecem aos pais. Acreditam que seja a televisão a culpada de tanta mudança no comportamento dos mais jovens. Mas, existem outros focos de influência na cultura: a escola. Para estudar, os adolescentes saem da comunidade e passam a ter contato com outras pessoas, com outras realidades e isso acaba influenciando o comportamento.

Os quilombolas que de lá saem para estudar, admiram-se com as novidades vistas nas grandes cidades, mas, ao chegar em Ivaporunvua, é o pé no chão que conta.

“Ivaporunduva é o melhor lugar do mundo”, diz Oriel Rodrigues, a liderança porteira para fora. Agora já são 12 estudando em São Paulo. Na secretária eletrônica deles (em São Paulo, moram todos juntos e estudam na mesma universidade) ouve-se o som do berimbau e a mensagem diz: “Oi, você ligou na toca dos quilombolas...”. É a identidade sendo resguardada para não ser perdida.

Este trabalho está longe de esgotar o assunto sobre a influência da televisão na cultura da comunidade. Com o apoio do espaço teórico que é a Folkmídia e os pensamentos de seu pai fundador, Joseph M. Luyten, foi possível perceber a grande importância dos líderes de opinião nesse contexto.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Não havia aqui a pretensão de esgotar o assunto, mas sim, de apontar um novo objeto de estudo com várias facetas. Retirar o véu da história oficial sobre a chegada do negro no Brasil e a realidade das comunidades negras atuais também faziam parte do intuito do trabalho.

Esperamos ter, de alguma forma, contribuído com novas informações ao mundo acadêmico.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



## Anexo

### Íntegra de Entrevistas

**Maria da Guia Rodrigues, 44 anos, líder da Pastoral da Criança na comunidade**

Eliane: Como andam as coisas com a fábrica de doce de banana?

Maria da Guia: Por enquanto ainda não está em funcionamento a fabriqueta então tem um grupinho que trabalha em casa mesmo, e daí junta o outro grupinho que trabalha com doce e faz na medida que tem pedido pra fora e leva e quando vem um pessoalzinho aqui pro quilombo deixa pra exposição e vendem algumas.

Eliane: Qual é o outro trabalho que vocês fazem aqui? Parece que tem alguma coisa com a Pastoral da Criança.

Maria da Guia: O trabalho na Pastoral da Criança é assim é pra ajudar a combater a desnutrição das crianças, temos a pesagem, faz uma sopa pra ajudar o povo que a gente tem aqui. Daí todo mundo se serve. Tem também a multi-farinha (multimistura). E assim nós temos esse trabalho há sete anos. Trabalhamos visitando as famílias, acompanhando gestantes também até o nascimento da criança e acompanhamos a criança no crescimento.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Eliane: Como é que vocês tiveram acesso a esse programa da pastoral? Foi a igreja que veio até aqui ou foram vocês que foram até lá?

Maria da Guia: A gente tem um trabalho com o pessoal da igreja. São as irmãs pastorinhas que trabalham nos quilombos. Então, através delas ofereceram se a gente queria estar participando porque já estava alastrado no Brasil afora a pastoral da criança e era muito importante e perguntaram se a gente gostaria de estar trabalhando na comunidade com o pessoal da pastoral da criança. Aí nós aceitamos, passamos por vários processos de capacitação, então foi através da igreja, que trouxe pro quilombo a pastoral da criança. A gente viu que teve uma ajuda grande porque diminuiu a questão de criança hospitalizada, porque tinha que estar sempre levando criança pro hospital e mudou bastante a saúde das crianças.

Eliane: Quais são as outras atuações das mulheres além da pastoral?

Maria da Guia: a gente tem o grupo de mulheres que atua assim na questão da reivindicação de algumas coisas que faltam na comunidade. Por exemplo, na ocasião a gente precisava de água encanada para as famílias e juntamos um grupo de mulheres, fomos até o prefeito e dissemos que era uma necessidade, que precisava muito da água, e conseguimos. Foi uma das vitórias conquistadas que a gente teve. Tínhamos também a dificuldade com balseiro que era só um e tem todo esse roteiro aí de madrugada, à noite e a gente conseguiu colocar mais dois. São coisas pequenas, mas que favoreceu bastante e continua favorecendo

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

para a comunidade. E assim, parceria da associação com as mulheres e a gente sai também pra reuniões. Então, hoje a gente vê que as mulheres estão mais ativas na questão de estar participando, do conjunto nas atividades da comunidade.

Eliane: Minha pesquisa é a respeito da disseminação de informação através da televisão dentro da comunidade. Você acha que a televisão, de alguma maneira, ajuda nisso, ou você acha que as pessoas estão preocupadas em ver televisão só pra ver novelas?

Maria da Guia: A televisão é um problema sério porque a partir do momento que você saber usar ela você sabe adquirir o que de bom está passando na questão de notícias, informação, essas coisas. No momento em que você deixa que ela use você, aí você vai longe. Novela é uma atrás da outra e não quer parar mais. Entonce, desconcentra você totalmente. Então, eu acho que tem esses dois lados. Tem pessoas que não sabem ainda o que é televisão. Você assistir ela é uma coisa, agora você ser dominado pra assistir ela é outra. Você não deve se prender na televisão. Você tem que saber que as notícias passam em determinado horário, então você não pode se prender nem misturar as coisas. Misturar assim seu trabalho e a televisão (Maria da Guia se refere ao trabalho na roça, atividade praticada pela maioria das pessoas na comunidade). Em algumas partes ela é prejudicial.

Eliane: A Zica me falou uma coisa que é bastante interessante. Ela me disse que antigamente todo mundo ia pro baile desde cedo. Hoje, o povo só chega na festa depois que acaba a novela e a missa tem que ser antes da novela. Porque antigamente a missa começava cedo, depois da missa já começava a festa, e agora não.

Maria da Guia: É verdade sim. Só depois das novelas é que o pessoal vai chegando. Então a gente vê a influência que tem. Uma coisa tradicional fica assim um pouco de lado por causa da coisa que está passando e só depois é que se dá atenção a aquela coisa tradicional. Então, em todo sentido a gente já vê que é prejudicial e a gente tem e tem que entender que você não pode se prender a ela. Você tem que saber usar ela senão fica difícil. A pior coisa é se viciar. Às vezes a gente ta num bate-papo tão gostoso, num grupo e sempre tem aquele que olha no relógio e vê que está na hora da novela e sai correndo. Eu me lembro bem que antes de existir a televisão, a gente toda tarde se agrupava onde hoje é a praça e ficava batendo papo até anoitecer e só depois de noite fechada é que a gente ia embora. Não existia energia, era luz de lampião, e hoje a gente já vê totalmente diferente. Você vai ali na rua pelas cinco horas e só encontra os homens, as mulheres você não encontra. O que me preocupa são os jovens. A gente tem que estar acompanhando pra passar pros pequenos que estão vindo aí, porque senão fica difícil a cultura.

Eliane: como é que vocês recebem informações das ações dos homens em Brasília?

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Maria da Guia: De três em três meses a associação faz uma assembléia geral. Quando está próximo daquela assembléia, eles passam todo o acompanhamento que eles tiveram fora. E quando não está em época de assembléia as coisas são passadas na igreja no momento de aviso o que aconteceu. Através dos bate-papo também que as vezes se agrupam e a conversa já entra no assunto. Tem essas várias maneiras de conseguir informações.

Eliane: as informações que circulam aqui não entram através da televisão e sim através dos homens que vão à Brasília. A única coisa que eu vi muito forte foi a coisa do Bolsa-Família que passou no Fantástico e como vocês já são cadastrados essa noticia acabou ajudando e 24 pessoas receberam os cartões do benefício.

Maria da Guia: Querendo ou não, essa foi uma das coisas boas que a televisão faz.

**Dona Nizete Rodrigues da Silva de Moraes, 43 anos.**

Eliane: Seu nome inteiro a sua idade e seu papel dentro da comunidade.

Nizete Rodrigues da Silva de Moraes. Eu faço parte da pastoral da criança, faço parte da associação de quilombo e também faço parte do grupo de mulher onde a gente vai discutir, todo ano tem um encontro, em Eldorado, onde a gente vai reivindicar os direitos.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Eliane: Quais são as reivindicações das mulheres?

Nizete: alguma coisa da comunidade da gente. Nós já reivindicamos muita coisa . água, por exemplo, a encanação da água, o ônibus escolar pras crianças, balseiro, a gente pediu tinha um agora tem três, e daí várias coisas que a gente sente necessidade a gente reivindica. O encontro das mulheres do município de Eldorado é um encontro grande que sempre cai no mês de março e lá a gente reivindica o que a gente necessita pra comunidade. A gente chama a primeira dama pra participar com a gente e aí ela vem e escuta.

Eliane: E as coisas acontecem?

Nizete: Algumas sim, outras ficam assim mesmo. É que tem várias coisas que não. Quer dizer nós conquistamos isso que eu falei o balseiro, água encanada, o ônibus, que antes as crianças tinham que pegar lá na estrada e agora pegam bem ali depois do rio, alguma coisa a gente conquista, mas outras...

Eliane: A senhora se lembra desde quando a comunidade está nessa movimentação pela titulação de terras?

Nizete: Faz mais de vinte anos que estamos lutando. Depois veio a conquista da terra, não sabia que tinha direito. Através de reunião, através de participação das coisas a gente conseguiu o título da terra. Mas, só que ainda não está registrado, não está... O maior sonho da gente é ver esse título registrado, pra ter uma segurança.

Eliane: Como são escolhidas as lideranças? Elas simplesmente acontecem ou...?

Nizete: São escolhidas por meio de voto e aí o povo escolhe.

Eliane: Porque o Oriel é líder, mas... Ele foi votado pra algum cargo?

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Nizete: É que ele estuda e através destes estudos dele talvez tivesse alguma coisa que o povo queria escolher ele. Mas, ele vive fora e ainda está estudando. Mas, no que ele pode ajudar, porque ele faz parte de muitos movimentos das comunidades quilombolas, ele participa lá fora porque é ele que pode mais participar. Aqui dentro também. Ele participa, dá idéias, ele é danado, é engajado na luta.

Eliane: A senhora pode me falar um pouco do papel do Zé Rodrigues e do Ditão dentro da comunidade?

Nizete: É que eles são uma liderança forte. O José Rodrigues é meu irmão e é uma das lideranças fortes aqui da comunidade. Ele é presidente da associação, ele é presidente da Moab (Movimentos dos Atingidos por Barragens), nível Brasil e fora também. Ele tem levado, também, alguma coisa pra fora do Brasil. Está nessa luta há muito tempo e tem muitas coisas aqui na comunidade que ele que está sempre na frente, que ele que resolve, e ...

Eliane: Ele está mais envolvido na questão política da comunidade...

Nizete: É, mais na questão política. E ele está tão envolvido na questão política da comunidade que ele queria ver se mudava um pouco, pra ver se conseguia, (foi candidato a vereador nas últimas eleições) sendo vereador do quilombo talvez as coisas fossem ficar melhor.

Eliane: E o Ditão? Como é o nome dele?

Nizete: O Ditão também faz parte do Movimento. Ele faz parte do Comitê de Bacia e várias coisas que ele faz parte aqui na comunidade. Ele é uma liderança forte também, uma pessoa que trabalha bastante pela comunidade.

Eliane: Uma vez eu conversei com ele e ele me falou do apego que vocês têm pela terra e de que ele sente que a terra é como a mãe dele. E que não se vende a mãe.

Nizete: É, não se vende por dinheiro nenhum.

Eliane: A luta de vocês pela titulação da terra é por esse respeito que vocês têm a ela.

Nizete: A terra é um dom de Deus. Ela é a nossa cultura, ela é tudo pra nós. E depois a terra foi o que nossos antepassados deixaram pra nós. É a nossa história, é uma coisa que a gente tem muito amor. A gente tá lutando pra não perder a terra.

Eliane: A senhora sabe quanto tempo faz que vocês têm consciência do ser quilombola? Há quanto tempo vocês se vêem como comunidade remanescente de quilombo?

Nizete: Olha não tenho idéia de quanto tempo, mas, faz muitos anos.

Eliane: Foi antes de começar a luta pela titulação da terra?

Nizete: Foi antes. Faz mais de vinte anos. O Zé Rodrigues já participava do movimento dos negros, essas coisas e foi formando isso. Aí depois o frei Davi veio aqui e ele abriu mais a nossa mente e ele foi contando pra nós a nossa história e nós pegamos consciência. Depois disso, nós somos apegados. Na época, a gente era negro, mas aquele que era mais clarinho não queria assumir que era negro, achava que porque ele tinha a pele mais clara um pouquinho achava que não era preto. Depois foi pegando consciência, sabendo de tudo e a gente foi indo, foi indo...



Eliane: Por isso que o Ditão e o Zé Rodrigues são tão importantes. Na realidade foram eles que trouxeram pra dentro da comunidade essa discussão da comunidade remanescente de quilombo.

Nizete: Também, bem antes do Zé Rodrigues, o Ditão já era liderança bem forte. Bem antes, uns quatro anos depois do Ditão é que Zé Rodrigues começou. O Ditão fazia parte do movimento negro, do PT (Partido dos Trabalhadores). Naquela época o Ditão ficou um tempo fora depois voltou pra cuidar da comunidade. Já o Zé Rodrigues era daqui e nunca morou fora. O Ditão morou fora.

Eliane: Conta um pouquinho pra mim desses mitos que a gente vê aqui dentro da comunidade. Por exemplo: tem o Morro do José Velho. Por que ele se chama assim?

Nizete: Olha, isso vem dos antigos. O meu avô era chamado de José Velho e deram esse nome pro morro. Ele morava lá e aí o nome pegou. E ele era a única pessoa que morava lá.

Eliane: Então foi por associação. Ele era uma referência.

Nizete: Ali era a terra onde minha mãe nasceu cresceu e se criou. Minha mãe e os irmãos. Naquela época ninguém ia pra hospital pra nascer. Então todo mundo nasceu ali. Eu também nasci ali.

Eliane: E tem algum outro morro com um nome assim?

Nizete: Tem o Morro do Chumbo, mas esse fica mais pra cá. Na divisa com a nossa terra, mas não sei o que significa.

Eliane: Ouvi dizer que essas terras são muito ricas em chumbo e minérios. Deve ser por isso. E também deve ser por isso que tem tanta gente de olho nessas terras.

Nizete: Até os grandes empresários estão de olho aqui. Se fizerem a barragem vai ter que tirar os minérios que tem, ouro, chumbo e outros minérios.

Eliane: O Vale do Ribeira já foi explorado há um tempo atrás por causa de ouro e eles continuam querendo explorar mais. O que a senhora lembra... a senhora sabe que a minha pesquisa quer saber como o meio de comunicação, no caso a televisão que é o que as pessoas têm, como ela costuma influenciar a cultura de vocês e o comportamento das pessoas. A senhora acha que a televisão influencia o comportamento?

Nizete: Eu acho que influencia um pouquinho. Mas, como aqui agora as pessoas estão um pouco mais conscientes, eu acho que não mistura. Nós temos a consciência, não todos, mas a maioria. Acho que a gente tem consciência do que é bom pra gente e o que mudou.

Eliane: Na realidade a senhora acha, então, que as pessoas vêem televisão porque ela está aí, é gostoso...

Nizete: Pra ver reportagem, pra saber das coisas que estão acontecendo, então é um meio de comunicação pra gente. Mas não pode misturar as coisas. A televisão com a vida da gente. A maioria do povo ta consciente disso. Os jovens daqui não são muito apegados á televisão. Eles assistem sim, mas, na hora de lazer deles, eles saem e não estão nem aí pra televisão.

Eliane: Uma coisa que a Zica falou que ela acha que mudou sim é que nas festas as coisas só começam a acontecer depois que acaba a novela.

Nizete: Nem todos. Eu mesma, na hora que eu tenho meu cuidado pra fazer, a televisão não me amarra. E nem todos, alguns. Tem muitas pessoas que não misturam as coisas. Mudou um pouquinho, mas não muito.

Eliane: Como é que a senhora fica sabendo das coisas que acontecem aqui na comunidade? As coisas que os homens discutem lá fora. Como é que a senhora fica sabendo?

Nizete: Eles vêm, fazem reunião à porta (fechada), e depois eles passam pra comunidade tudo o que está acontecendo. Igual nós (movimento de mulheres), nós participamos das reuniões fora e depois passamos tudo para a comunidade. A comunidade cobra nós porque é obrigação. A gente vai discutir depois a gente vem e passa pra comunidade. É assim que a gente faz.

Eliane: as coisas de maior interesse pra comunidade são os projetos que estão acontecendo, a parte da economia voltada pra banana e a política.

Nizete: A melhoria pra nós que a gente quer pra comunidade, e que envolve tudo isso, a melhoria pro quilombo. A gente quer um meio de transporte melhor, saúde, lazer, essas coisas. Saúde, quando a gente faz, já inclói saneamento básico. É isso que a gente quer. Estamos lutando por um postinho de saúde. Um postinho equipado. A gente não quer que ele fique lá sem remédio, sem nada. A gente quer um postinho equipado que também...

**Dona Benedita Marinho, 85 anos.**

Eliane: como é o nome inteiro da senhora?

D. Benedita: Benedita Marinho. Eu nasci dessa nação Marinho.

Eliane: E o Marinho vem de onde?

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

D. Benedita: O marinho. Eu nem sei de onde veio a minha nação de gente se chama marinho mas eu ...

Eliane: diz que tem um povo d'água e é por isso que se chamam marinho. É verdade?

D. Benedita: É. Quer dizer que o marinho ficou marinho porque foi pegado um menino na rede e ele foi pegado aqui na marinha na margem do rio. Então pegaram na rede. Minha filha taí escutando minhas mentiras pra você.

Eliane: Que mentira o quê?

D.Benedita: Então pegaram na rede, era um menino ele era nuzinho, sem roupa nenhuma. Ele era d'água e não usava nada. Então tudo que veio agora aqui é dos marinho porque... Então todo mundo veio desse garoto que pegaram na marinha. Então o padre tava preocupado com o que iam fazer com esse menino que pegaram na marinha. Ele não tinha nome. Aí o padre pegou e batizou ele e ponhô o nome dele de Graciano e ficou. Ficou Graciano Marinho. Então, tocaram roupa nele e ponharam o nome de Garciano Marinho. Era um menino pretinho. E foi isso que aconteceu vai ficar a raça dos marinho aqui em Ivaporunduva. Você já sabia disso?

Eliane: Eu conversei com uma senhora, que agora não lembro o nome, lá do Sapatu. E ela me contou que era da nação d'água também. Que ela é filha de gente da nação d'água.

D. Benedita: A história dela bate com a minha?

Eliane: Claro!

D. Benedita: Quem me contava essas histórias era os mais véio. Eu não sou de agora. Quem sabia de tudo era os mais veio desse lugar nosso. Esse lugar não era como agora não. Era mato virge e puro. Eu nasci debaixo do mato virge. O padre quando vinha aí vinha pelo meio do mato. A gente só fazia um caminho pra ele sair do porto e vim pra Ivaporunduva.

Eliane: A senhora nasceu aqui em Ivaporunduva?

D. Benedita: nasci aqui, mas quem contou as coisas pra mim foi os mais veio. Então nó ia buscar o padre no porto lá embaixo, na beira do rio. Vinha por canoa. Uma gentarada aqui tudo analfabeto, não sabia nada aqui, tudo bobo.

Eliane: Bobo nada. Só não sabiam ler.

D. Benedita: e a história que eu sei é essa. Já fugiu tudo da minha memória. Não ta mais direito.

Eliane: E o negócio do saci? Me disseram que teve gente que viu o saci.

D. Benedita: Eu não vi ele não. Eu não vi. Nem quero vê.

Eliane: Como que é aqui dia de finados, os que as pessoas fazem nesses dias de finados? Vocês costumam fazer promessa pra algum santo?

D. Benedita: Dia de finado aqui é a gente que tem gente morta no cemitério vai clã e acende uma velinha pra arma dele e deixa aceso. Quem tem pai, filho, marido tudo, faz isso. Fica acesinha a vela lá pra eles.

Eliane: eles fazem missa?

D. Benedita: O padre já rezou missa lá duas vez.

Eliane: E no cemitério dos escravos, vocês costumam ir lá no dia de finados?

D. Benedita: è longe. Dá uma hora de viagem daqui lá. No cemitério dos antigos. Os antigos deixou muito tesouro por aí guardado no Matão por aí, Serra de pedra. Eles deixaram muita coisa debaixo das pedra. Porque tem muito artista que procura por aí. Eles sempre catava por aí. Esse povo de fora procurava, mas tá tudo espalhado e não acharam nada. Se tiver, tá embaixo da pedra mesmo. Tá no meio do mato essas pedraiada.

Eliane: No que vocês acreditam aqui além do saci?

D. Benedita: É que o saci a gente corre dele porque ele não é da parte de Deus. Não é não, ele é o Satanás. Quando ele tá cantando assim no meio do mato, a gente reza pra ele afastar. Não é boa coisa o Saci. Contam que tem, mas a gente nunca viu. Ao final das contas pra dizer que eu nunca vi visagem aqui eu um homem ali perto daquelas aldeia ali, com um chapéuzão na cabeça oiando cá pra dentro. E eu aqui sozinha de noite. E eu fui daqui sozinha, na resta da lua. Aí cheguei ali espiei e ele tava espiando pra cá pro lado de cá, espiando e eu calculei que era um tio meu que morava mais pra cá. Mas eu fui chegando perto dele ele foi raspando atrás, raspando atrás, raspando atrás e eu saí por cá pra encontrar ele lá atrás e ele sumiu, desapareceu. Eita, eu sei que é esse negócio de saci que você tá falando ou senão que é visagem. E sempre verem esse homem aí viu, sempre verem. Eu aposto que se você posar aqui uma noite e levantar fora de hora e passar nessa rua, você vê ele.

Eliane: Eu heim... Eu fico bem quietinha lá dentro de casa. Mas deixa eu lhe perguntar outra coisa. O que a senhora acha da televisão com essa criançada, com esse povo todo? A senhora assiste televisão?

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

D. Benedita: Faz muito tempo que eu não vejo porque não ando. A televisão fica na sala e eu não vejo o que se passa. Eu não saio aqui do quarto. Só fico aqui nessa janela. Faz seis anos que moro aqui nesse quatinho, boba. Eu sou doente.

Eliane: O que a senhora gostava de ver na televisão?

D. Benedita: eu não conheço o que é que passa. Não entendo. Agora eles que entendem ficam vendo, mas eu não entendo. Não compreendo, sou analfabeta, não entendo nada. A novela tem muita coisa pra gente ver e todo mundo gosta de ver.

Neste momento D. Benedita quer ouvir sua própria voz gravada.

Professor Iragi Fernandes de Oliveira da Escola primária Ivaporunduva, 43 anos.

Prof: Bom meu nome é Iragi Fernandes de Oliveira, estou na área da educação há 20 anos, sempre trabalhei com crianças e adolescentes. Participei de vários projetos da educação, vários treinamentos, várias capacitações e o que a gente percebe hoje, falando do meio de comunicação, a televisão ela é um meio só que dentro de várias comunidades... tem comunidades que tem uma certa condição financeira que vai ter televisão. Mas, normalmente têm outras que não. Então, eu acho que o que ocorre hoje, principalmente com crianças e com o adolescente são a falta de valores, valores culturais, família, raízes, eu acho que isso é uma coisa muito importante e hoje nós já não temos mais. Hoje a gente percebe que se o filho vem na escola, se o filho não está evoluindo e a mãe não está nem aí e o pai também não está, você percebe isso. E colocando assim, aqui sendo em zona rural, sendo em quilombo, que na cidade talvez não só pela televisão, pelo acesso a informação jornal, revista, vamos dizer assim, o leque de informações, cartazes, propagandas, então a criança tem acesso a informação muito mais rápido e aqui não. Aqui, muitas vezes, a própria televisão é demorada pra ela, vai ver no vizinho e ainda uma coisinha só e hoje o que eu percebo é falta de critério que tem de o que é uma boa programação pra criança. Não tem isso. Se você colocar na tv

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

cultura ninguém assiste. Se você fizer uma pesquisa dentro das comunidades você vai ver que é raro uma pessoa que assiste a Cultura. Tv escola começa lá pelas 5 e meia, seis horas. Telecurso as pessoas também não têm esse hábito. Então, eu acho que falta essa abertura, essa criação de hábitos que nós não temos.

Eliane: Há quanto tempo você dá aula aqui em Ivaporunduva?

Iragi: Vim pra cá esse ano (2004). Eu vim pra cá porque já dei aula na UEA (Unidade de Ação Comunitária), que foi uma das primeiras mudanças que houve na educação. Você estava interferindo naquela época, existia a pré-escola e o curso fundamental. Depois dessa UEA foi passada pra jornada um, o que aumentou mais a carga horária do professor, depois nós tivemos foi o ciclo básico, as crianças foram divididas em ciclos. Depois nós tivemos uma coisa que a gente critica muito que é a progressão continuada. Então, nesses 20 anos que estou em sala de aula a gente percebe a grande diferença que existe entre quando você começa e agora. A gente percebe que a área da educação não é muito bem vista pelos políticos. Eu considero que hoje pra você ter um médico especialista então, tem que investir nele tem jogar ele em cursos, até que ele melhore e esteja apto para este tipo de curso. A área da educação seria isso pra mim também porque há 20 anos atrás era uma maneira que você dava, era um método. Depois de dez anos, era outro método, então, hoje a criança é diferente da criança de 20 anos atrás. Quer dizer, você tem que evoluir e a área da educação eu achei que ela evoluiu no sentido quantitativo e não qualitativo. Hoje eles não querem que você reprove aluno porque fica mal. Fica um gráfico muito incorreto que não condiz com a realidade. Hoje estamos cheios de semi-analfabetos, que muitas vezes sabem escrever somente seu nome, mas não tem outra noção. Então eu acho, politicamente, é necessário mexer nesse país revolucionar nesse país, porque a educação continua sendo um alicerce do país. Pra você modificar, pra você alterar.



Eliane: Como é o universo das crianças quilombolas? Eles têm a consciência de que são quilombolas e de sua história?

Iragi: veja bem, o que a gente percebe é que existem aqui em Ivaporunduva duas partes. Tem aquelas crianças que têm o pai e mãe como alicerce. Você percebe que a criança é educada, que mesmo com a falta de informação dos pais você percebe que eles querem dar alguma coisa pra aquele filho ou aquela filha. Você percebe que os pais tentam e essa criança já vem pra escola de uma outra maneira. E existem também aqueles pais que não estão nem aí pras crianças. E são rebeldes, são revoltados e aqui existe... por ser um quilombo, por ter conseguido vários direitos, então se passou uma impressão para certas crianças de que tudo pode, "é tudo meu, eu consigo", mas não foi passado de que forma foi conseguido isso. Quais são as regras. Você percebe que as crianças se sentem donas de tudo: "a escola é minha". A gente concorda e mostra qual foi o caminho para consegui-la. Muitas crianças vêm pra comer na escola, é uma realidade. Faz falta um trabalho nutricional, porque aqui se come a quantidade e não a qualidade. Então, percebemos que tem pessoas que tem energia na casa, tem aparelhos tem som, televisão, tem outra visão e tem gente que estão mais distantes, têm casinha de pau a pique, casinha de barro, não têm concepção de higiene, não existe aquele hábito ... então, tudo isso é passado pra criança e ela nos passa. Limpeza, higiene são coisas que a gente percebe que eles não trazem de casa. A gente não critica roupa, mas que venha limpinho. Uma outra coisa que se passa pra gente são os nomes. A criança é muito verdadeira, então o que acontece na casa, a maneira de falar em casa ela traz para a escola. Se for normal o pai xingar então a criança vai chegar na escola e vai xingar também. Você percebe que nem as próprias mães conseguem e visando essa outra parte foi criado um sistema, muito mal divulgado, o conselho tutelar. Foi falado dos direitos da criança, mas não dos deveres. Foi uma orientação muito mal passada e que trouxe reflexos pra dentro da comunidade.

O bairro em si tem duas vertentes. Tem aquelas pessoas que sabem o que é bom pro filho dela e aquelas que não estão nem aí. Parece que a intenção é destruir e

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

não construir. Considero a família a primeira escola. Tudo o que ela aprende em casa é o que você leva pra escola. A minha metodologia parte do conhecimento que cada aluno traz de sua casa, de sua família. E as reuniões? Você chama pais e aqueles que você quer realmente que venham, não vêm. Então tem muitas crianças que estão largadas.

Eliane: Eles comentam as coisas que eles vêem na Tv? Pelo menos aqueles que têm acesso?

Iragi: Sim, eles têm acesso à tv. Todos eles têm, inclusive aqueles que não tem energia em casa. Filmes, desenhos animados, propagandas, olimpíadas, eles comentam tudo. Eles têm essa concepção. Não têm acesso o dia inteiro nem a vídeo-game, aproveitar o aparelho, não. Acho que a mãe deve colocar horário, ou vê na casa da vizinha, é uma novidade pra eles ainda.

Eliane: Eles têm consciência de que são remanescentes de quilombo?

Iragi: Alguns.

Eliane: E esses que sabem, como eles se comportam?

Iragi: Totalmente diferentes dos outros. Veja bem, alguns tem uma noção bem vaga. Sabem que eles conseguiram uma coisa muito importante, porque eles ganharam, a conquista de um direito, eles têm, mas...

Eliane: Eles abem tudo isso porque ouvem os adultos conversando. Não porque alguém tenha falado. Na realidade parece que os adultos não têm essa preocupação de passar essas informações para as crianças.

Iragi: Você percebe que tem informações que são obtidas dentro do seu meio. Não é especificamente e explicar quais são suas raízes, como vocês... Isso até eu

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

discuto com eles (crianças), mas você percebe que eles não se preocupam com isso. Inclusive, eu estive conversando com algumas pessoas sobre que os indígenas conseguiram dentro da educação resgatar raízes.

Eliane: Tem uma lei sancionada no início do ano passado (2003), que institui como obrigatório o ensino de história da África e cultura afro brasileira, na escola. Isso faz parte do que a gente chama de ação afirmativa.

Iragi: Mas tem que batalhar, porque veja bem, tem que ser colocado em currículo. O indígena conseguiu. Ele trabalha a língua portuguesa e nas raízes deles. São professores indígenas dando aulas pra indígenas. Isso é um resgate de auto-estima.

### **Paulão, 25 anos, liderança na estrutura do turismo local**

Paulão:... Então você está lutando constantemente pra que este sistema quilombola de viver que no meu ponto de vista é um pouco diferente da sociedade convencional, então, a partir do momento que você está brigando pra permanecer pra permanecer aquele sistema você está mostrando a identidade política. E pra existir esse sistema existe a identidade cultural.

Eliane: Quais são essas diferenças? Você enquanto quilombola, o que você vê de diferente na sua cultura e na cultura de quem vive na cidade?

Paulão: Eu vejo assim a forma de se organizar, a forma de viver coletivamente, de ter sempre pensando no coletivo. A sociedade quilombola sempre pensa no coletivo. Por exemplo, na questão de titulação de terra, exige, defende, briga em favor de titulação de terra coletiva, sempre está trabalhando em mutirão, é um conjunto sempre muito familiar, então isso no meu modo de entender é uma diferença espetacular. Eu não vejo, pelo que eu tenho conhecimento, em outros

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

tipos de sociedade. É uma coisa totalmente diferente e é difícil de viver isso, não é fácil de viver isso. Então, é um sistema diferente e ao mesmo tempo é uma cultura que a gente tem que valorizar porque é muito bom você viver unido assim e ver que está todo mundo bem.

Eliane: Você trocaria Ivaporunduva por algum outro lugar?

Paulão: Não. Uma porque eu não conheço assim nenhum outro lugar e o modo de vida desses outros lugares, conheço assim só de ouvir falar e outra porque me sinto muito bem aqui. Nasci aqui, tenho minha identidade aqui no sentido de... e aprendi a gostar de ser quilombola e estamos caminhando para avançar nesse objetivo que a gente tem. Eu não sei se trocaria. É bem provável que não.

Eliane: Você está envolvido nessa parte de turismo. Mas, vejo que você está envolvido em outras partes também. Você faz parte da associação também?

Paulo: Também. Mas, sou suplente. É que na verdade nem sempre no grupo das dez pessoas que é bem votado para assumir uma diretoria da associação é que realmente é liderança da comunidade, é qualquer pessoa que queira ajudar. E eu, que nasci aqui e sou bastante envolvido, não dá nem pra ficar fora disso, independente de estar ou não na diretoria. De uma certa forma, na medida do possível, o que a gente puder ajudar a gente ajuda e esse envolvimento me ajudou a criar uma base de poder estar junto com a comunidade articulando as coisas internas e, no momento já está dando pra ajudar outras comunidades e aí passar pra uma coisa mais abrangente no sentido de estar ajudando outras comunidades em nível de estado e até em nível Brasil como já participei de várias discussões.

Eliane: Como é que são feitas as passagens das informações?(alusivo aos contatos diretos em Brasília)

Paulo: Eu me preocupo muito com essa questão de informação, mas a comunidade tem algumas estratégias de estar repassando isso, embora eu acredite que tenhamos muito ainda que avançar nesse repasse das informações. Uma delas é de estar sempre marcando reuniões e assembléias com os demais diretores e integrantes da associação. Uma outra forma é em qualquer momento que seja, conversar sobre o assunto e estar repassando que aí multiplica o repasse dessas informações. O legal é que a liderança é bem vista na comunidade e as pessoas estão sempre dispostas a estar ouvindo, independente do momento, e isso ajuda e facilita muito esse apoio, esse respaldo que as pessoas dão em relação essas pessoas que são liderança, que vão buscar informação fora, que sempre tem uma informação a mais, e de estar todo momento essas informações. Isso não é diferente com qualquer um de nós.

Eliane: Você está na coordenação do Educafro também?

Paulo: Participo.

Eliane: Como é que foi essa vitória, conseguir trazer o educafro e qual o intuito disso?

Paulo: dentro das políticas públicas para as comunidades quilombolas a educação sempre ficou bastante distante da discussão. Teve uma discussão bastante teórica e até acadêmica, mas, na prática não se teve nenhuma ação. E a gente partiu pra uma coisa mais prática. A gente entendeu qual foi a função, entendeu que os quilombolas têm dificuldades nesse momento de estudar. Hoje, graças a Deus, estamos tendo condição de estudar com muito suor até o ensino médio, estou falando dessa comunidade, e depois pára. E aí, se quebra todo um planejamento. Na medida em que a gente entendeu que tinha que correr atrás pra buscar alternativas pra fazer com que esses jovens pudessem ingressar no ensino superior e aí depois pudesse ajudar em si aquele jovem, mas, que nessa formação ele tivesse a preocupação de voltar e trabalhar na região, pra própria

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

comunidade, seria o melhor possível. Está dando certo. A gente conheceu o Educafro, que é um curso pré-vestibular pra negros e carentes, nós nos enquadrámos dentro dos objetivos, foi fácil na medida de que nós fizemos o esforço pra estar indo em São Paulo, na sede, falar com o responsável e a partir daí registrar o núcleo e aí organizar junto com as outras comunidades como a gente ia estar fazendo isto. Nesse primeiro momento está sendo aqui em Ivaporunduva. Não está sendo um curso só pré-vestibular. Está sendo um curso de formação dos jovens e sta sendo muito positivo por esta formatação que tem de estar... Hoje, na questão da comunicação, estamos podendo nos comunicar com outras comunidades toda semana porque os jovens estão vindo e tudo que a gente sabe de informação coletiva, tudo que é pública pra as comunidades a gente está passando. E isso está ajudando e a educação é o básico para o desenvolvimento, na minha opinião. Então, com educação pode se abrir outros caminhos, pode também entender como montar estratégias pra luta e pro desenvolvimento das comunidades. Acho que é um item que eu valorizo muito dentro dos outros itens que têm e que a gente está correndo atrás pra conquistar. O primeiro passo foi dado ao montar esse núcleo. Eu vou ficar mais feliz quando eu ver que os quilombolas que estão participando desse núcleo na universidade.

Eliane: Eu estava conversando com o professor hoje de manhã, ele dá aula na segunda série, na escolinha e eu perguntei pra ele sobre as crianças. Como as crianças vêm essa luta da comunidade, se eles têm consciência de que eles são quilombolas. O professor me disse que ele percebe que existe uma falha de informação desse tipo com as crianças. Vocês já pensaram em fazer alguma ação, já que estamos falando de educação, que conscientizasse... porque a gente sabe que se você não estrutura a sua base não consegue construir uma edificação forte. Vocês têm muitas crianças na comunidade e elas fazem parte da sua base. Se você não o conscientiza de que ele é um quilombola e que ele tem que lutar pelas mesmas coisas que vocês, de repente toda essa luta que vocês estão tendo agora, amanhã pode ir por água abaixo porque eles não vão ter pelo que lutar mais, vai estar tudo pronto. Vocês já pensaram em incluir as crianças

nessa conscientização de trabalho com elas também, trabalhando essa questão da identidade cultural enquanto quilombolas?

Paulo: Eu acho que até para a lei quilombo é uma determinação nova. Que partiu de 1988 e dela pra cá teve que ter muita luta pra conquistar muitas ações nesse sentido do próprio artigo. E não é diferente com a educação. A educação também nunca foi prioridade pra estar incluindo as culturas afro-descendentes e quilombola. Então, tudo é muito novo. A gente sabe que o Brasil é um país racista, discrimina muito o afro-descendente e a cultura africana, e que pra isso se a gente for falar da educação básica inicial tem que falar também da preparação do professor de que isso não chegou ainda. (lei 10.639/03) Acho que pra gente é fácil enquanto quilombola fazer nossa parte, de ajudar como a gente já faz aqui. A gente tem assim palestras, conversa com as crianças, mas, o foco nosso, é que mude toda essa estrutura. Que os professores tenham consciência disso, que a educação em si ela vise esse tipo de trabalho. E está sendo difícil porque como a gente tem uma lei de referência que só saiu o ano passado (2003) então a legislação não acompanha isso, é uma coisa muito recente. Então, o educafro é um ideal pra esses jovens que se formam e depois voltam para a comunidade de repente uma escola quilombola onde eles possam ter uma visão mais ampla e um preparo pra trabalhar porque já foi de vivência também. A gente pensa isso, e discute, mas só que a gente ainda não começou a fazer nenhuma ação nesse sentido. Pensamos que o curso pré-vestibular, nesse momento, seria uma ferramenta pra, ao longo do tempo, trabalhar essa outra parte que seria o trabalho na base com as classes iniciais.

Eliane: a visita da Ministra. Você acha que essa visita da ministra é importante, por que?

Paulo: é importante porque ela vai conhecer uma comunidade quilombola, acredito que ela já deve ter conhecido outras, mas com características diferentes de região pra região, conhecer os nossos projetos e nossas reivindicações pra que ela

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

possa entender e poder acionar os órgãos que ela não pode atuar como executora e na medida do que pra o ministério dela for possível, já dê para ela começar a trabalhar na parte de ações. Reivindicação nossa começa pela questão da titulação das terras. Ivaporunduva já foi contemplada com a questão da titulação das terras, mas a gente vê a visita da ministra a Ivaporunduva pra visitar todas as demais comunidades quilombolas da região. E aí partir pro lado da política pública, na área de educação, saúde, saneamento, geração de renda, enfim, todas as demais políticas que englobem o direito que essas comunidades têm e que possa dar um avanço na qualidade de vida dessas pessoas.

### **Oriel Rodrigues, 33 anos, liderança jovem da comunidade**

Oriel: Dentro da comunidade não tenho papel definido. Dentro da comunidade existem dois tipos de liderança. Lideranças da porteira para dentro e lideranças da porteira para fora. Liderança da porteira para dentro são aquelas que no dia a dia fazem as coisas acontecer. São elas que botam as coisas para funcionar e trabalham mais administrativamente na comunidade. Eu me enquadro no perfil da liderança da porteira para fora. São aquelas pessoas que conseguiram acumular uma bagagem maior sobre a questão de quilombos e que acaba assumindo um papel de articulador das demandas da comunidade com a sociedade civil, com os gestores municipais, estaduais e com o governo federal. No diálogo com pesquisadores, com universidades, acaba ficando com essas pessoas fazendo esse papel. Não quer dizer que essas pessoas não tenham a quem se reportar. Elas têm a quem se reportar porque ele não tem autorização para falar em nome da comunidade. Então, eu tenho a procuração para falar em nome de Ivaporunduva.

Bom, sou estudante, terminando a graduação em Direito. Além de participar do meio acadêmico, tenho atuação em nível nacional na Comissão Nacional dos Quilombos. A sede fica em São Luiz do Maranhão. Essa coordenação é representativa no momento em que quase todas as regiões estão contempladas. São 19 pessoas na coordenação. Chama-se CONAQ. Ela acabou assumindo o diálogo junto ao governo federal no governo de transição até ser criada a

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



Secretaria de Promoção de Igualdade Racial (SEPPIR) e a gente participou desse diálogo. Também participamos de trabalho interministerial que cuidou da questão dos procedimentos administrativos para a titulação dos quilombos.

Esse diálogo se deu de forma participativa, com muitos pesquisadores que discutem quilombos, inclusive Alfredo Wagner, que tem um trabalho na comunidade de Alcântara no Maranhão, e é pesquisador da Universidade do Maranhão. Várias pessoas ajudaram nesse debate.

Sou membro do Movimento dos Atingidos por Barragens. A região está ameaçada pela construção de barragens e aqui no Vale do Ribeira estamos organizados também contra a construção dessas barragens. Elas, caso fossem feitas, inundariam todas as comunidades quilombolas. Sou o que as pessoas chamam de referência na questão de quilombos porque estou acumulando informações da temática jurídica. Atuo mais no âmbito geral, ou seja, em nível nacional e não particular. Essas tratativas é que viram referência na criação de políticas relacionadas aos problemas dos quilombos.

Eliane: Quais são as suas fontes de informação?

Oriel: Quando você está dentro de uma coordenação nacional e numa discussão nacional, você consegue estar em contato com entidades de caráter nacional e força você a se atualizar a todo momento. O diálogo com o governo também é um ponto forte de informação onde você pode propor políticas voltadas para a temática de quilombos. Então, isso é uma fonte de acúmulo. Nosso diálogo não é um diálogo qualquer. Nós acabamos conhecendo pessoas dentro dos ministérios e têm interesse pela temática e temos apoio de uns que tem o dever de apoiar e nós acabando tendo um respaldo para o debate.

Eliane: Como vocês fazem o repasse das informações?

Oriel.: Como não se tem uma estrutura grande, o repasse das informações acaba sendo difícil de se fazer. Vamos supor dois estados. No Maranhão existe uma

associação estadual e o espaço de diálogo é entre a coordenação, membros da associação. As reuniões são feitas e as informações são passadas para a coordenação, que passa as informações para as associações que passa as informações para as comunidades. O repasse de informação é vertical.

Eliane: Como acontece aqui?

Oriel: Aqui o repasse não é vertical, é horizontal. Na medida em que não temos uma coordenação estadual e pelo fato de eu fazer parte da Coordenação Nacional, o repasse se faz mais focado nos nossos problemas. Somos sempre a comunidade que sabe das coisas primeiro. Depois repassamos para as outras comunidades. Mas, nem sempre foi assim. Em outro movimento como no MAB, a coisa não se dá assim. As informações são passadas verticalmente. Fica difícil repassar para outras comunidades todas as informações por falta de acompanhamento das informações.

Notícias rápidas até conseguimos por que algumas têm telefone. Mas são muito poucas.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

“DIREITO de propriedade dos remanescentes das comunidades de quilombos no Estado de São Paulo”. Relatório final do Grupo de trabalho criado pelo decreto n.º 40.723 de 21/03/96. In: (Vários autores). **Quilombos em São Paulo, tradições, direitos e lutas**. São Paulo, IMESP, 1997. p. 32 – 60.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O Trato dos Viventes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALMEIDA, Eliane de Souza. **O caminho percorrido por Luiz Beltrão até a definição da Folkcomunicação**. Paper apresentado no Celacom realizado em 2003 (Verificar data) na UMESP.

AMARAL FILHO, Nemézio C. **O “ser” quilombola a luz do pensamento de Stuart Hall – Uma tentativa teórica**. Paper apresentado no COMPÓS 2004, realizado na Universidade Metodista de São Paulo, UMESP.

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e Antropologia, olhares fora-dentro**. São Paulo, Ed. Estação Liberdade/Educ, 2002.

Anuário UNESCO/UMESP 6. São Bernardo do Campo, UMESP, 2003.

Anuário UNESCO/UMESP de Comunicação Regional, 5. São Bernardo do Campo, UMESP, 2002.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil, o negro na telenovela brasileira**. São Paulo, Ed. Senac, 2000.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!  
Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

BARBOZA, Guilherme dos Santos. **Relatório Etnológico Técnico Científico.**

**Projeto n.º 001/92.** São Paulo: Organizações Comunitárias Remanescentes de Quilombo – Vale do Ribeira – SP, 1992/1993.

BARBOZA, Guilherme dos Santos. **Relatório Etnológico Técnico Científico.**

São Paulo, Centro Afro-Brasileiro de Estudos e pesquisas culturais, 1992/1993.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil.** Vols. I e II. São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1971.

BASTIDE, Roger. **Brasil, terra de contrastes.** São Paulo, Dit. Europ. Do Livro, 1975. p. 112-117/ 127-135.

BASTIDE, Roger. **Estudos afro-brasileiros.** São Paulo, Ed. Perspectiva, 1973.

BELTRÃO, Luiz. **A comunicação no processo do desenvolvimento.** Brasília, publicação ICINFORM, mimeografado, dezembro/1968.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados.** São Paulo: Editora Vozes, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação. Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias.** Porto Alegre, Edipucrs, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia.** São Bernardo do Campo, UMESP, 2004.

pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Get yours now!

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 2000.

BERGER, Christa. “A pesquisa em comunicação na América Latina”. In. HOHLFELDT, Antonio et al (orgs.). **Teorias da Comunicação. Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, Editora Vozes, 2003. p. 241-277.

BETING, Joelmir. **Os párias do Quatrilhão**. São Paulo, Veja, 25/12/1996.

BÍBLIA SAGRADA Antigo Testamento. Gênesis.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Além dos meios e mensagens**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987. 4.<sup>a</sup> Edição.

BOSI, Ecléa. “Cultura e desenraizamento”. In: BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira, temas e situações**. São Paulo: Editora Ática, 1987. p. 16 – 41.

BRAGA, José Luiz, PORTO, Sérgio Dayrelli e FAUSTO NETO, Antônio. **A Encenação dos sentidos. Mídia, Cultura e Política**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1995.

CABRAL, Sérgio. **A MPB na era do Rádio**. São Paulo: Editora Moderna, 1996. Coleção Polêmica.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 2003, 4.<sup>a</sup> edição.

CARDOSO, Lúcio. **Índios e Negros no Brasil**. São Paulo: Ministério da Educação e Cultura, Coleção Brasil, 21.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O racismo na História do Brasil**. São Paulo: Ed. Ática, 1996. (Coleção História em Movimento)

CARRIL, Lourdes. **Terras de negros, herança de quilombos**. São Paulo: Ed. Scipione, 1997.

CARVALHO, José Jorge de (org.). **O quilombo do Rio das Rãs. Histórias, tradições, lutas**. Salvador, Edufba, 1996.

CARVALHO, Samantha Viana Castelo Branco Rocha. "Luiz Beltrão: da criação do ICINFORM à Teoria da Folkcomunicação". In: MARQUES DE MELO, José e GOBBI, Maria Cristina. **Gênese do Pensamento Comunicacional Latino-Americano. O protagonismo das instituições pioneiras Ciespal, Icinform, Ininco**. São Bernardo do Campo, UMESP, 2000. p. 193-212.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Made in África**. São Paulo: Global Editora, 2001.

CASTELLS, Manuel. "Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede". In: CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Volume 2. s/d. p. 21 – 87.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A . **Metodologia Científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2002. 3.<sup>a</sup> edição

COSTA, Iraci Del Nero da. **Os viajantes estrangeiros e a família escrava no Brasil**. São Paulo: D.O Leitura, 7 de outubro/1988.

pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Get yours now!

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

D'ALMEIDA, Alfredo Dias. ***A Cultura popular (re)interpretada pelos meios de comunicação de massa: a proposta de Luyten para uma nova conceituação de folkmidia***. Trabalho apresentado na VI Conferência de Folkcomunicação em Campos dos Goitacazes Rio de Janeiro, de 3 a 6 de abril de 2003. (mimeo)

D'ALMEIDA, Alfredo Dias. ***Caravana Farkas (1968/1972): a cultura brasileira sob o olhar folkmediático do filme documentário***. São Bernardo do Campo: Dissertação de Mestrado, 2003.

DIAS, Eliane Penha Mergulhão. ***Discurso, Sociedade e Cognição: Intertextos e interdiscursos na representação lingüística da monocultura do café no Vale do Paraíba***. São Paulo: Dissertação de Mestrado, 2002.

***DIMENSÃO (A) Atlântica da África***. São Paulo: CEA-USP/SDG-Marinha/CAPES, 1997. (Reunião Internacional de História da África)

***Estudos Afro-Asiáticos***, 23. Rio de Janeiro: Dezembro/1992. (Cadernos Cândido Mendes)

FERREIRA, Giovandro Marcus. "As origens recentes: os meios de comunicação pelo viés do paradigma da sociedade de massa". In: HOHLFELDT, Antonio et al (orgs.). ***Teorias da Comunicação. Conceitos, escolas e tendências***. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 99-116.

FREIRE, Gilberto. ***Novo mundo nos trópicos***. São Paulo: Brasiliense, Edusp, Ed. Nacional, 1971.

GRYZINSKI, Vilma. **O mais novo herói do Brasil**. São Paulo: Veja, 27/11/1995, p.63-80.

GUIMARÃES, Carlos Magno. **A negação da ordem escravista**. São Paulo: Ícone Editora, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

HALL, Stuart. **Da Diáspora, Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Humanitas, 2003.

IANNI, Octávio. **As metamorfoses do escravo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

IANNI, Octávio. **Raças e classes sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1972.

IZABEBO, Isimeme. **Explorando a África**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

LE GOFF, Jacques. "Memória". In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, s/d. p. 423 – 483.

LOURENÇO, João Carlos. **As revelações de Frei Cintra**. São Paulo: Jornal da Tarde, 03/02/1979.

LOVEJOY, Paul E. **A escravidão na África, uma história e suas transformações**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2002.



LUYTEN, Joseph M. ***A função e a utilidade da Folkmídia***. Texto apresentado no VI Folkcom, realizado em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, de 3 a 6 de abril de 2003. (mimeo)

LUYTEN, Joseph M. ***A notícia na Literatura de Cordel***. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 1992.

LUYTEN, Joseph M. ***Folkmídia, uma nova visão de Folclore e de Folkcomunicação***. Texto apresentado no V Folkcom realizado na UNIMONTE em Santos, maio de 2002. (mimeo)

LUYTEN, Joseph M. ***O que é Literatura Popular***. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

MAESTRI FILHO, Mário José. ***A vitória do Almirante Negro***. São Paulo: Movimento, p. 24-30, novembro/1980.

MARÇOLLA, Rosângela. ***Histórias reais e notícias de ficção: um olhar folkmediático sobre o jornalismo e a literatura infantil***. São Bernardo do Campo: Tese de Doutorado, 2005.

MARQUES DE MELO, José. "Escola Latino-Americana de comunicação. Gênese, desenvolvimento e perspectivas". In: MARQUES DE MELO, José e GOBBI, Maria Cristina. ***Gênese do Pensamento Comunicacional Latino-Americano. O protagonismo das instituições pioneiras Ciespal, Icinform, Ininco***. São Bernardo do Campo: UMESP, 2000. p. 19-31.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação Social Teoria e Pesquisa.**

Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria da Comunicação: Paradigmas latino-**

**americanos.** Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

MEDITSCH, Eduardo. "Ciespal trouxe progresso... e o problema insolúvel do comunicólogo". In: MARQUES DE MELO, José e GOBBI, Maria Cristina.

**Gênese do Pensamento Comunicacional Latino-Americano. O protagonismo das instituições pioneiras Ciespal, Icinform, Ininco.** São Bernardo do Campo: UMESP, 2000. p. 129-138.

MESGRAVIS, Laima. **Trabalho e festa, o cotidiano negro.** São Paulo: D. O

Leitura, outubro/1988.

MOTT, Maria Lúcia (e outros). **A escravidão e a criança negra.** In: Negros

Brasileiros, Ciência Hoje, 8 (48), novembro/1988.

MOURA, Clóvis. **As injustiças de Clio.** Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

MOURA, Clóvis. **Quilombos, resistência ao escravismo.** São Paulo: Ed. Ática, 1993.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões de Senzala.** São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1981.

MUNANGA, Kabengelê. **Negritude: usos e sentidos.** São Paulo: Ed. Ática, 1988.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Get yours now!

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

NAVA, Rosa Maria Ferreira Dalles. "Comunicações & Problemas. O primeiro periódico de estudos e pesquisas da comunicação do Brasil". In: MARQUES DE MELO, José e GOBBI, Maria Cristina. ***Gênese do Pensamento Comunicacional Latino-Americano. O protagonismo das instituições pioneiras Ciespal, Icinform, Ininco.*** São Bernardo do Campo, UESP, 2000. p. 181-192.

***NEGROS no Ribeira. Reconhecimento étnico e conquista do território.*** São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1998. (Cadernos Itesp, 3).

NÓBREGA, Maria Luiza. "ICINFORM – uma experiência pioneira". In: MARQUES DE MELO, José e GOBBI, Maria Cristina. ***Gênese do Pensamento Comunicacional Latino-Americano. O protagonismo das instituições pioneiras Ciespal, Icinform, Ininco.*** São Bernardo do Campo, UESP, 2000. p. 157-165.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. "Um conceito antropológico de identidade". In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. ***Identidade, etnia e estrutura.*** São Paulo: Pioneira, s/d. p. 33 – 51.

OLIVER, Roland e FAGE, J. D. ***Breve história de África.*** Madrid: Alianza Editorial, 1972.

ORTIZ, Renato. "Um outro território". In: BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. ***Globalização e regionalização das comunicações.*** São Paulo: EDUC, 1999. p. 51-72.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

OTA, Daniela. **Rádio em Boa Sorte, uma comunidade negra**. Campo Grande: Uniderp, 2000.

PELLEGRINI FILHO, Américo; SANTOS, Yolanda Lhullier dos. **Antropologia Cultural & Folclore**. São Paulo: Ed. Olímpica, 1989.

PERUZZO, Cicília Maria K. **Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicília Maria K. **Da Observação Participante à Pesquisa Ação em Comunicação**. Texto apresentado no III Colóquio Brasil-Itália de Ciências da Comunicação, promovido pela INTERCOM – realizado em Belo Horizonte – MG, nos dias 2 e 3 de setembro de 2003.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. **O mito da brancura e do escravo submisso**. São Paulo: D.O Leitura, outubro/1988.

PINAUD, João Luiz. **Insurreição negra e Justiça**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura/OAB-RJ, 1987.

PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1992.  
(Repensando a História)

PINTO, Virgílio Noya. **Comunicação e Cultura Brasileira**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo de. ***Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira***. São Paulo: Ed. Ática, p. 67-76.

QUEIROZ, Renato da Silva. “Essa terra é santa, essa terra é nossa. A Comunidade Quilombola de Ivaporunduva e o direito de propriedade”. In: (Vários autores). ***Quilombos em São Paulo, tradições, direitos e lutas***. São Paulo, IMESP, 1997. p. 103 – 119.

QUEIROZ, Suely R. Reis de. ***A abolição da escravidão***. São Paulo: Brasiliense, 1981.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. ***Rebeldia escrava e historiografia***. São Paulo: D.O Leitura, outubro/1988.

REIMÃO, Sandra. “A televisão no Brasil – ontem e hoje”. REIMÃO, Sandra (Org.). ***Televisão na América Latina – 7 estudos***. São Bernardo do Campo: UMESP, 2000. p. 59 – 80.

REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos. ***Liberdade por um fio. História dos quilombos no Brasil***. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

***RELATÓRIO Técnico-Científico sobre os remanescentes do Quilombo de Ivaporunduva, Vale do Ribeira, São Paulo***. São Paulo: Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, Instituto de Terras do Estado de São Paulo “José Gomes da Silva”, Gabinete da Coordenadora, Assessoria de Quilombos, 1996.

RODRIGUES, Jaime. **O tráfico de escravos para o Brasil**. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família escrava**. São Paulo: D.O Leitura, outubro/1988.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SANTOS JÚNIOR, Belisário. "Introdução a um desafio". In: (Vários autores). **Quilombos em São Paulo, tradições, direitos e lutas**. São Paulo, IMESP, 1997. p. 26 - 30.

SCHWARTZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Negro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança. A África antes dos portugueses**. São Paulo: Edusp/Ed. Nova Fronteira, 1992.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do Jardim Botânico**. São Paulo: Ed. Summus, 1985.

SILVA, Marilene Rosa Nogueira da. "Os escravos na paisagem urbana". In: **Negros Brasileiros**. São Paulo: Ciências Hoje (VIII) (48), 1989.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros, identidade povo e mídia no Brasil.**

Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de história da cultura brasileira.** Rio de

Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1981.

SOUZA, Pedro de. “A boa nova da memória anunciada: o discurso fundador da

afirmação do negro no Brasil”. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso Fundador, a formação do Brasil e a construção da identidade nacional.**

Campinas: Pontes, 1993. p. 59 – 68.

TARGINO, Maria das Graças. “A contribuição do Instituto de Ciências da

Informação (ICINFORM) na gênese do pensamento comunicacional brasileiro”. In: MARQUES DE MELO, José e GOBBI, Maria Cristina. **Gênese do Pensamento Comunicacional Latino-Americano. O protagonismo das instituições pioneiras Ciespal, Icinform, Ininco.** São Bernardo do Campo:

UMESP, 2000. p. 167-180.

TARSITANO, Paulo Rogério. “Luiz Beltrão: vida e obra”. In: **O pensamento**

**Latino-americano em comunicação.** Revista Comunicação & Sociedade, 25. São Bernardo do Campo: UESP, 1996. p. 165-182.

TUFTE, Thomas. “Estudos de mídia na América Latina”. In: **O pensamento**

**Latino-americano em comunicação.** Revista Comunicação & Sociedade, 25. São Bernardo do Campo: UESP, 1996. p. 21-47.

VALENTE, A na Lúcia E. F. **Ser negro no Brasil hoje**. São Paulo: Ed. Moderna, 1994.

VERGER, Pierre. **Notas sobre o culto aos orixás e voduns**. São Paulo: Edusp, 2000.

VERGER, Pierre. **Os libertos**. São Paulo: Corrupio, 1992.

VIGNERON, Jacques. "Do curso por correspondência ao curso on-line". In: VIGNERON, Jacques e OLIVEIRA, Vera Barros de (Orgs.). **Sala de aula e tecnologias**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005. p. 55 – 69.

VIGNERON, Jacques. **O esteriótipo do negro na literatura de massa francesa**. In: Comunicação e Sociedade, 17. São Bernardo do Campo: UMESP, 1991. p. 71-77.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. **Cafundó, a África no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editora Presença, 1995, 4.<sup>a</sup> edição.

ZILÁ, Bernd. **A questão da negritude**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.



## Hipertextos

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. ***Formas alternativas e jurídicas da propriedade da terra no Brasil: os quilombos no Vale do Ribeira.*** Disponível em: [www.cefetsp.br/edu/eso/trabalholurdes.html](http://www.cefetsp.br/edu/eso/trabalholurdes.html). Acesso em 29/11/2004.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Cecília Pereira de. ***Atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas.*** Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s1414-753X2002000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1414-753X2002000100008).

Acesso em 29/11/2004.

[www.ospiti.peacelink.it/zumbi/afro/quilombo/ivapor.html](http://www.ospiti.peacelink.it/zumbi/afro/quilombo/ivapor.html)

Acesso em 29/11/2004.

[www.cpis.org.br/comunidades/html/brasil/sp/ribeira\\_ivaporunduva.html](http://www.cpis.org.br/comunidades/html/brasil/sp/ribeira_ivaporunduva.html)

Acesso em 29/11/2004

[www.revsitagloborural.globo.com/GloboRural](http://www.revsitagloborural.globo.com/GloboRural)

Acesso em 29/11/2004

[www.socioambiental.org/nsa](http://www.socioambiental.org/nsa)

Acesso em 29/11/2004

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)